

Reminiscências no baú da memória: Percursos formativos dos estudantes do mestrado em Educação Física - PROEF

**Ruhena Kelber Abrão
Org.
Volume 2**



RUHENA KELBER ABRÃO (ORG)

Reminiscências no baú da memória: Percursos formativos dos estudantes do mestrado em Educação
Física - PROEF

Volume 2

1^a Edição

Universidade Federal do Tocantins

Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitor
Luis Eduardo Bovolato

Vice-reitora
Marcelo Leineker Costa

**Pró-Reitor de Administração e Finanças
(PROAD)**
Carlos Alberto Moreira de Araújo

**Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento
(PROAP)**
Eduardo Andrea Lemus Erasmo

**Pró-Reitor de Assuntos Estudantis
(PROEST)**
Kherlley Caxias Batista Barbosa

**Pró-Reitora de Extensão, Cultura e
Assuntos Comunitários (PROEX)**
Maria Santana Ferreira dos Santos

**Pró-Reitora de Gestão e
Desenvolvimento de Pessoas
(PROGEDEP)**
Michelle Matilde Semiguer Lima Trombini
Duarte

Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)
Eduardo José Cezari

**Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-
Graduação (PROPESQ)**
Karylleila dos Santos Andrade

**Pró-Reitor de Tecnologia e
Comunicação (PROTIC)**
Werley Teixeira Reinaldo

Conselho Editorial
Presidente

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde
Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes
Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas
Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar
Wilson Rogério dos Santos

Diagramação: Renato Ferreira Brito
Arte de capa: Ruhena Kelber Abrão

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



<http://www.abecbrasil.org.br>



<http://www.abeu.org.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

R388 Reminiscências no baú da memória: percursos formativos dos estudantes do mestrado em Educação Física - PROEF / Ruhena Kelber Abrão (organizador). 1. ed.-- Palmas, TO : EDUFT, 2024.
v.2, 123p. ; il.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5390-132-2

1. Educação Física - Tocantins. 2. Educador físico - Formação profissional. 3. Educador físico - Práticas pedagógicas. 4. PROEF - Discentes - memórias. 5. Formação de professores. 6. Educação continuada. I. Abrão, Ruhena Kelber.

CDD: Ed. 23 - 613.709817

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| APRESENTAÇÃO..... | 7 |
| PREFÁCIO..... | 9 |
| EM BUSCA DE MEMÓRIAS: DAS LUTAS PESSOAIS ÀS LUTAS ENQUANTO PRÁTICAS | 12 |
| TRECHOS DISCRETOS DE UMA TRAJETÓRIA | 32 |
| ACONTECIMENTOS ARQUIVADOS NA MEMÓRIA | 58 |
| DIFICULDADES E BATALHAS ENFRENTADAS PELO CAMINHO..... | 66 |
| EDUCACÃO E ESPORTE: UM CAMINHO DE DESCO- BERTAS E TRANSFORMAÇÕES..... | 76 |
| DESISTIR NÃO É UMA OPÇÃO..... | 84 |
| ENTRE QUADRAS E SALAS DE AULA: O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DE ALUNO A PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA..... | 107 |
| A ESSÊNCIA DO BRINCAR: MEMÓRIAS E CON- QUISTAS DE UMA INFÂNCIA SONHADORA..... | 117 |
| ACREDITANDO, SUPERANDO E VENCENDO: TRANSFORMANDO DESAFIOS EM CONQUISTAS. | 130 |
| Memórias de uma jornada educativa: reflexões sobre a vida, o ensino e a educação física..... | 146 |
| Raízes no esporte, dedicação à educação: Uma trajetó- ria em construção de um professor de Educação Física. | 158 |

EPÍGRAFE

Às vezes, a memória se revela em nitidez, outras vezes se dissolve em reminiscências distantes; no entanto, o tempo continua a dançar ao seu próprio ritmo, indiferente às nossas recordações

Kelber Abrão

APRESENTAÇÃO

É com imenso orgulho e profunda satisfação que apresento a você, leitor, o livro “Reminiscências no Baú da Memória: Percursos Formativos dos Estudantes do Mestrado em Educação Física - PROEF”, volume 2. Esta obra é o resultado de um esforço coletivo que celebra as conquistas e as experiências da terceira turma do Mestrado em Educação Física na Universidade Federal do Tocantins.

Ao longo dos últimos 22 anos, desempenho um papel fundamental na construção e desenvolvimento da Educação, Saúde e Lazer, os últimos 10 anos no estado do Tocantins. Como um professor pioneiro nestas áreas voltadas à Educação Física, testemunhei a transformação e o crescimento desse campo desde seus primeiros passos no estado dentro da Universidade Federal.

Minha jornada começou com a entrada na sala de aula como professor e, desde então, minha trajetória tem sido marcada por marcos significativos que moldaram o cenário educacional da região. Foi com grande entusiasmo que assumi a coordenação do Mestrado em Educação Física da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Este mestrado não apenas representa um avanço significativo na formação de profissionais altamente qualificados, mas, também, simboliza um compromisso com a excelência acadêmica e a inovação no campo da Educação Física. Sob minha coordenação e com a colaboração dos professores Vicente Cabreira, Vitor Coelho, Marcus Ferreira, Diego Ebling, Rubens Lettiere, Bruno Antunez, Odélio da Costa, o programa tem se destacado pela qualidade do ensino, pela integração de práticas inovadoras e pela formação de profissionais capazes de enfrentar os desafios contemporâneos da área.

Além do mestrado, tenho o privilégio de coordenar o Cen-

tro de Formação, Extensão, Inovação e Pesquisa em Educação, Saúde e Lazer (CEPEL). Este centro é um núcleo vibrante de desenvolvimento e pesquisa, dedicado a promover a integração entre teoria e prática e a fomentar a inovação no campo da Educação Física, saúde e lazer. Nossa trabalho no CEPEL visa não apenas o avanço do conhecimento acadêmico, mas, também, o impacto positivo na comunidade, por meio de projetos que promovem a saúde e o bem-estar.

Ao refletir sobre essa jornada, é com um sentimento de gratidão que compartilho com você as memórias e os percursos formativos dos primeiros estudantes do Mestrado em Educação Física. Este livro é um testemunho das lutas e triunfos desses pioneiros e um registro das primeiras experiências que ajudaram a construir o sólido alicerce da Educação Física no Tocantins. Agradeço a todos que contribuíram para a realização deste projeto, e a todos os estudantes e profissionais que continuam a trilhar este caminho com paixão e dedicação.

Este livro é uma homenagem ao esforço coletivo que fez possível a criação de um legado duradouro na Educação Física e um marco em nossa história educacional. Que as páginas seguintes inspirem e motivem futuros educadores e pesquisadores a continuar a explorar, inovar e contribuir para o enriquecimento da nossa prática e do nosso conhecimento. Estou certo de que nossos caminhos ainda se cruzarão em muitas outras oportunidades, e juntos, continuaremos a construir um futuro promissor para a Educação Física e para a formação de profissionais em nossa região.

Professor Dr. Kelber Abrão

Coordenador do Mestrado Profissional em Educação Física
em Rede na UFT

PREFÁCIO

É com grande alegria e gratidão que apresento o prefácio da obra “Reminiscências no baú da memória: Percursos formativos dos estudantes de mestrado em Educação Física - PRO-EF”, volume 2. Este livro, idealizado pelo professor e pesquisador Kelber Abrão, é mais uma de suas contribuições valiosas para a Educação Física e para a Educação no Brasil. Tive a honra de ser orientado pelo professor Kelber desde minha graduação em Educação Física, passando pelo mestrado em Ensino em Ciências e Saúde, e agora no doutorado em Educação na Amazônia.

Essa trajetória foi marcada por aprendizados que fortalecem minha admiração por sua dedicação incansável ao ensino, à pesquisa e à formação de professores. A obra celebra as histórias e memórias de professores de Educação Física que, presentes em escolas públicas, buscam formação continuada para aperfeiçoar suas práticas pedagógicas. É inspirador ver o crescimento da Educação Física no estado do Tocantins, refletido não apenas no credenciamento da Universidade Federal do Tocantins (UFT) no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), mas também na trajetória desses profissionais que acompanhei ao ler suas vivências neste livro.

A trajetória docente é marcada por desafios e aprendizados que vão além da sala de aula, envolvendo processos de formação inicial, contínua e reflexiva. Para Paulo Freire (1996), a docência é mais do que transmitir conhecimentos; ela se constitui como um ato de transformação, exigindo que o professor seja também um aprendiz em constante evolução. Segundo ele, “ensinar exige rigor metodológico, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos e criticidade” (FREIRE, 1996, p. 25),

evidenciando que o papel do professor vai além do domínio do conteúdo, incluindo o compromisso com a formação integral do aluno.

A formação do docente perpassa diferentes etapas da sua vida acadêmica e profissional, começando com a formação inicial, que fornece os fundamentos teóricos e práticos para o exercício da profissão. Posteriormente, a formação continuada torna-se essencial para que o educador se atualize e se alinhe às demandas da sociedade contemporânea e às novas tecnologias educacionais. Além disso, o desenvolvimento profissional é influenciado por práticas reflexivas que permitem ao professor analisar suas ações, reconstruir estratégias e melhorar continuamente sua atuação (SCHÖN, 2000). Outro ponto crucial na trajetória docente é a construção de uma identidade profissional. Essa identidade é desenvolvida em um processo contínuo e dinâmico, no qual o professor reflete sobre sua prática e é regular como agente de transformação social.

Para Nóvoa (1992), a formação docente é um processo que ocorre na interação entre os contextos pessoais, sociais e profissionais, e que se constrói ao longo de toda a vida. Ele destaca que “formar-se não é acumular diplomas, mas construir-se enquanto pessoa e profissional, através da vivência e da reflexão crítica sobre o próprio fazer pedagógico” (NÓVOA, 1992, p. 78). Dessa forma, a trajetória docente em Educação é uma construção contínua, moldada pelas experiências, desafios e reflexões que o educador vivencia ao longo de sua carreira. Essa jornada exige dedicação, resiliência e o compromisso de buscar, constantemente, uma prática pedagógica transformadora e de qualidade.

O ProEF, realizado em uma rede de 26 Instituições de Ensino Superior, é uma iniciativa que valoriza e transforma a prática docente. Esta obra, que reúne memoriais descritivos de

mestres e mestrandos do programa, é um testemunho de suas jornadas de formação, desde a infância até a atuação profissional, destacando desafios, superações e conquistas. Esses memoriais vão além da simples reflexão: são um instrumento de autoavaliação e resgate de experiências, conectando passado, presente e futuro de cada professor e professora.

É emocionante considerar, através das histórias aqui narradas, a força e a determinação de professores comprometidos com uma educação pública de qualidade. Cada relato inspira e motiva, mostrando como a Educação Física pode impactar vidas e contribuir para a formação integral de cidadãos. Como professora substituta na UFT e testemunha do impacto positivo do ProEF no Tocantins, sinto-me profundamente grata por fazer parte desse momento de crescimento e fortalecimento da Educação Física em nosso estado. A leitura desta obra, além de emocionar, reforça o valor do ensino como prática transformadora. Desejo a todos uma leitura rica e reflexiva, e convido-os a conhecer mais sobre o ProEF e seu papel na valorização da Educação Física no Brasil.

Professora Doutoranda

Alderise Pereira da Silva Quixabeira

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, A. Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SCHÖN, D. Educando o Profissional Reflexivo: Um Novo Design para o Ensino e a Aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

EM BUSCA DE MEMÓRIAS: DAS LUTAS PESSOAIS ÀS LUTAS ENQUANTO PRÁ- TICAS CORPORAIAS

Ana Carolina Correia da Silva Rabelo

Para mim é sempre complexo quando preciso expor algum juízo de valor sobre a minha pessoa ou pensar filosoficamente sobre a minha existência. Sei que isso é importante até mesmo para que eu possa me reconhecer e me compreender enquanto sujeito de todo o processo histórico que vivi. Compreendo que enquanto sujeito histórico, sou única e

nossa individualidade não contém uma identidade imutável, mas é algo que construímos socialmente no decorrer de nossas vidas e que muda constantemente. As narrações de nós mesmos nos ajudam a construir nosso significado, tanto para cada um quanto para os outros na sociedade (Rabelo, 2011, p. 117).

Dante do exposto, e como este é o exercício, tentarei seguir narrando minha trajetória da melhor forma possível. Meu nome é Ana Carolina Correia da Silva Rabelo, tenho 41 anos, atualmente sou professora de Educação Física da rede pública municipal de Palmas – TO e neste documento registrarei minha trajetória acadêmica e profissional, com nuances da minha vida pessoal, até o meu ingresso no Programa de Mestrado em Educação Física em Rede Nacional – PROEF.

Sou brasiliense de nascimento e resido no Estado do Tocantins desde meus 10 anos de idade. Antes disso, posso

dizer que, pela especificidade do trabalho do meu pai, Gilberto Correia, minha família mudava muito, até que fixamos morada em Gurupi-TO. Não éramos uma família com abundância de recursos financeiros, mas nunca faltou o básico e meus pais sempre tinham em mente que a riqueza que eles poderiam nos proporcionar era a educação. Assim, em Gurupi-TO, meus 3 irmãos (Karla Camila, Júnior e Lucas) e eu fizemos o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em escolas particulares (no meu caso: Colégio Bernardo Sayão e Colégio Ômega, respectivamente), pois na perspectiva dos meus pais, seriam melhores escolhas para o nosso futuro. Eram escolas conceituadas na cidade, que foram muito importantes para a minha formação.

Durante minha adolescência, a prática esportiva era muito latente. Nas escolas da minha formação básica as aulas de Educação Física tinham um perfil altamente esportivista e tecnicista: resumiam-se a atividades voltadas para as capacidades físicas e esporte (futsal para os meninos e voleibol para as meninas). Isso era na década de 1990, e segundo González (2020), nesta época a perspectiva esportivista se constituía enquanto visão predominante da Educação Física. Lembro-me que a senhora Izaltina, que foi minha professora de Educação Física durante praticamente todo o Ensino Fundamental, não tinha formação superior e conseguiu iniciar a sua graduação depois que a minha turma deixou a faculdade.

No Ensino Médio eu fazia as aulas de voleibol com muita vontade, pois era um dos meus momentos preferidos, e cheguei a fazer parte da equipe da escola que participava dos jogos estudantis. Nunca fui a melhor jogadora, minhas habilidades eram medianas, mas a prática esportiva me motivava muito. Além de treinar na escola três vezes na semana (segundas, quartas e sextas), eu ainda participava

de um projeto de iniciação esportiva em voleibol às terças, quintas e sábados (muitas vezes eu ficava em dois horários seguidos, pois eu queria muito estar ali). Tive também uma iniciação no mundo das lutas, pois fiz por quase um ano a modalidade Taekwondo. Apesar das lutas sempre chamarrem minha atenção, não consegui seguir adiante com esta prática, pois o professor que tinha implantado esta modalidade precisou se mudar da cidade e as aulas não tiveram continuidade.

Fiz o meu curso de graduação também em Gurupi-TO e, pela afinidade com a área esportiva, decidi cursar Educação Física. Folle et al (2009) destaca que embora existam vários outros fatores que podem influenciar a escolha pelo curso de Educação Física, o esporte é um dos principais agentes de inserção e motivação para a área, especialmente por aqueles que tiveram um repertório de atividades física-esportivas em sua vida. Confesso que cursar Educação Física não foi minha primeira opção (eu estava tendenciosa com a área de informática e tecnologias), mas na época não havia outros cursos superiores que me interessavam na cidade. Cheguei a prestar vestibulares em Goiânia-GO e fiz o Programa de Avaliação Seriada (PAS) em Brasília-DF, mas não obtive sucesso. Por ser a opção que mais me agradava na época, escolhi fazer o vestibular para Educação Física e com a minha aprovação, cursei na antiga Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Gurupi (atual Universidade de Gurupi – Unirg).

Iniciei o Ensino Superior com a perspectiva de aproveitar as experiências dos seis primeiros meses. Caso o curso não atendesse minhas expectativas, a intenção era prestar um novo vestibular para a área que a priori eu tanto queria. Entretanto, as aulas me conquistaram e a Educação Física se tornou minha primeira opção. Como minha formação

foi a licenciatura plena, tive a oportunidade de ver os dois lados da Educação Física: o escolar e o não-escolar. Se na minha adolescência era algo normal a prática do voleibol só para as meninas e do futsal só para os meninos, na graduação meu desejo era de mudar isso no espaço escolar, pois foi possível conhecer a complexidade e diversidade de práticas que a Educação Física tem enquanto elementos da cultural corporal.

Neste momento, a minha prática esportiva mudou: comecei a treinar na equipe universitária de futsal feminino. Isso foi no início do ano de 2001 e ainda havia muito preconceito nesse esporte. Considero que eu era uma excelente goleira e durante os anos de faculdade participei de diversos jogos universitários nessa modalidade. Apesar dos olhares preconceituosos que existiam, eu persisti na prática do futsal por realmente gostar daquela modalidade. Essa problemática preconceituosa com relação ao gênero me incomodou a ponto que o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi com o tema “A Percepção de Meninas e MÃes sobre a Prática do Futsal Feminino: Barreiras e Preconceitos”, sob orientação do professor, hoje Doutor, Jean Carlo Ribeiro.

Durante os quatro anos de estudo fiz diversos cursos e participei de encontros de estudantes de Educação Física (tanto regionais quanto nacionais) e além da área escolar, vivenciei a Educação Física na área do fitness. E isso me fez transitar entre a dualidade da área: sonhar com uma formação acadêmica que me levasse à atuação na escola e fazer um posterior mestrado e sonhar em montar o próprio negócio, que seria empreender em uma academia de musculação. Entre esses sonhos profissionais que permearam meu imaginário, no meio da faculdade comecei o relacionamento com a pessoa que se tornou meu companheiro de

vida, Eder Rabelo (também professor de Educação Física – colega da mesma turma).

Concluí a graduação no final de 2004 e foi um momento marcante. Em meio às preparações para a tão sonhada cerimônia de formatura, que aconteceria no início de 2005, recebi o convite para trabalhar em uma academia de musculação no município de Araguaçu-TO, com distância de 200km de minha cidade. Meu esposo (na época meu namorado) foi também convidado para assumir um contrato na rede estadual no mesmo município e assim, logo após a formatura (no dia seguinte, literalmente) nos mudamos e decidimos iniciar a nossa família. Foi um período de grandes adaptações e aprendizado: mudar da casa dos pais, iniciar a vida a dois e começar a vida profissional. Fomos muito bem recebidos naquela cidade, mas não poderíamos deixar passar a oportunidade de prestar o concurso da educação da Prefeitura Municipal de Palmas-TO. Assim, estudamos um pouco e com os conhecimentos universitários ainda frescos na cabeça, fomos aprovados, para então nos mudarmos para a Capital do Estado no segundo semestre de 2005.

Na ocasião de minha lotação, fiquei em uma escola centralizada de ensino fundamental, a Escola Municipal Darcy Ribeiro. Nela já tive o meu primeiro choque de realidade e vivenciei duas das principais problemáticas para o ensino da Educação Física: falta de estrutura física e materiais pedagógicos. Era uma escola pequena, sem quadra, com pouquíssimo material e que tinha uma gestão que não se importava com a Educação Física e, por isso, foi complexo realizar o meu trabalho. Nesta unidade escolar, eu atuava junto às turmas de anos finais do ensino fundamental e na minha carga horária, além das aulas do currículo, também havia a oportunidade de realizar o treinamento esportivo.

O treinamento para mim foi e ainda é algo muito prazeroso. De cara eu já escolhi a modalidade de futsal e eu proporcionava sua prática para meninos e meninas. Como na escola não havia quadra, os treinamentos eram realizados na praça da comunidade, que era do lado da escola. Entretanto, percebi que as meninas não tinham o futsal como uma modalidade possível de ser vivenciada por elas e isso era notório nas aulas do currículo da escola. Percebi que a Educação Física tinha uma cultura de ser recreativa, em que os alunos escolhiam as atividades que queriam fazer e o professor assumia uma postura de “abandono do trabalho docente” (González & Festerseifer, 2006; González, 2020). Como a escola não possuía os materiais pedagógicos adequados, normalmente a aula se resumia a futebol na quadra de areia para os meninos e o famoso jogo “três cortes” com a bola de voleibol para as meninas ou aqueles meninos que não possuíam tanta habilidade com os pés. Deparei-me então com mais uma problemática, que foi a batalha para romper com uma cultura que já estava instalada, principalmente relacionada à invisibilidade e falta de legitimidade da Educação Física no contexto escolar.

González (2020) destaca que muitas vezes os gestores não têm elementos para reconhecer o que se ensina ou o que deve se ensinar nas aulas de Educação Física, por isso,

essa invisibilidade permite que não apenas muitas formas diferentes de ocupar o tempo da aula sejam aceitas, como também que essas diferentes formas recebam o mesmo reconhecimento, ainda algumas sendo efetivamente aulas e outras não. No caso dos professores com práticas caracterizadas pelo abandono do trabalho docente, esse atributo da cultura escolar é facilitador de sua postura. Em linhas gerais, as práticas propiciadas pelo abandono docente, ainda que possam ser mal vistas, são aceitas como uma das formas possíveis da Educação Física na escola (p. 140).

Em meio às dificuldades, fiz no meu íntimo o compromisso profissional de proporcionar aos meus alunos o maior número possível de vivências que a minha realidade escolar permitisse. Eu não iria deixar recair sobre os estudantes o reducionismo de uma Educação Física excludente, esportivista e empobrecida de práticas corporais. Assim, fiz minha prática pedagógica da melhor forma, até que chegou um diretor que tinha uma visão diferenciada e me oportunizou melhores condições de trabalho. Com recursos da própria escola, esta nova gestão adquiriu os materiais que solicitei e construiu uma pequena quadra poliesportiva no local onde ficava a quadra de areia. Diante disso, pude proporcionar aos estudantes diferentes práticas, pois a aula de Educação Física precisa ser vista como “um espaço de múltiplas vivências educativas em que não somente se educa, modela e aprimora o corpo, o gesto e as habilidades, mas, também os gêneros e suas relações” (Franco, 2016, p. 655).

Essas múltiplas vivências foram muito importantes, pois ajudaram a escola a ter representatividade na ocasião da participação nas Olimpíadas Escolares de Palmas. Desde 2006 eu sempre participei de jogos estudantis com as equipes de futsal feminino e masculino. Mas, a partir de 2007, com as possibilidades de práticas corporais aumentadas na escola, pude inscrever os alunos em diversas modalidades esportivas, entre elas: tênis de mesa, xadrez, futebol de campo, beach soccer, atletismo, futsal, vela e canoagem (nestas duas últimas, alguns alunos tinham a vivência por conta de um projeto local). No ano de 2009 a escola ficou em quarto lugar geral nas Olimpíadas Escolares de Palmas e este foi um feito louvável para uma pequena unidade em meio a outras de grande porte na época (no total 55 unidades escolares participaram). Esse resultado me rendeu o convite para fazer parte da delegação do Tocantins na etapa

nacional e assim participei das Olimpíadas Escolares Brasileiras, que foi realizada na cidade de Poços de Caldas-MG naquele mesmo ano.

Todo este contexto apresentado de empenho na participação de alunos nas competições estudantis e o desenvolvimento de uma prática pedagógica diferenciada no cotidiano da escola chamou a atenção dos profissionais que ocupavam os cargos de gestão junto à Divisão de Educação Física Escolar da Secretaria Municipal de Educação. Assim, no final do primeiro semestre do ano de 2010, recebi o convite para participar da equipe de colaboradores na implantação da terceira Escola de Tempo Integral (ETI) do município. Lembro exatamente das palavras da professora Marilza Teixeira ao me fazer o convite: “se você fez tudo isso sozinha em uma escola pequena e com uma estrutura física reduzida, imagina o que você pode fazer em uma escola de tempo integral”. Isso me marcou bastante e já me fez pensar nas oportunidades que a Educação Física teria e como eu poderia impactar na vida das crianças.

Durante o período de implantação da Escola Municipal de Tempo Integral Caroline Campelo Cruz da Silva, além de contribuir na construção estrutural da escola e aquisição de materiais, pude pensar a proposta pedagógica da unidade escolar, o ensino da Educação Física e seus desdobramentos no currículo (Judô, Jogos, Dança e Natação). Acompanhei a ETI Caroline Campelo ganhar forma desde os primeiros tijolos. Todos nós que fizemos parte da equipe pedagógica de implantação da escola, organizamos e pensamos para que ela fosse uma referência positiva na comunidade que estava sendo instalada. Durante 07 meses planejamos e vivenciamos aquela escola mesmo antes dela existir oficialmente e isso gerou em mim um sentimento de pertencimento incrível, pois eu realmente me via muito conectada a ela.

Pertencimento é quando uma pessoa se sente pertencente a um local ou comunidade, sente que faz parte daquilo e consequentemente se identifica com aquele local, assim vai querer o bem, vai cuidar, pois aquele ambiente faz parte da vida dela, é como se fosse uma continuação dela própria (MORICONI, 2014, p. 14).

Na ETI Caroline Campelo ocupei a função de Supervisora de Educação Física (de agosto de 2010 até o início de 2012) e posteriormente de Diretora Adjunta (uma espécie de vice-diretora que tinha como objetivo gerir a parte administrativa da unidade escolar), que ocupei de 2012 até o ano de 2013. Foi nesta unidade escolar que aprendi a gostar de trabalhar em escola no modelo de tempo integral e vi todas as possibilidades que ela pode proporcionar às crianças e desde então, não me enxergo mais trabalhando em outra modalidade de ensino. Sei que existem muitas críticas a este modelo de educação em tempo integral, entretanto, vejo o quanto a Educação Física, e até mesmo a educação como um todo, pode proporcionar às crianças matriculadas nessas escolas. Ainda não é o modelo ideal, mas a escola de tempo integral é uma referência nas comunidades que estão instaladas, sendo um ponto de fomento de cultura e esporte.

Em 2012 tive a oportunidade de exercer a docência no ensino superior, na Faculdade ITOP. Foi um período de muito estudo e leitura, pois atuei no curso de Pedagogia em duas disciplinas mais características com a área da Educação Física. Nesta ocasião, pude orientar alguns trabalhos de conclusão de curso (TCCs) e participei de bancas de outros TCCs. Neste período também fiz a revisão e elaboração de material apostilado das disciplinas que ministrava (Fundamentos da Educação Psicomotora; Fundamentos e Metodologia do Ensino da Educação Física). Solicitei o desliga-

mento da faculdade no ano de 2014 pois na época estava em tratamento para engravidar.

Abro aqui um parêntese no tempo cronológico deste relato para compartilhar que engravidar para nós não foi algo simples. Foi necessário que procurássemos ajuda com médicos especializados em reprodução humana. Nunca tive o sonho de ser mãe, mas a vontade surgiu naturalmente, como se fosse um processo de amadurecimento do meu casamento. Durante muitos anos tentamos engravidar naturalmente, mas não obtivemos sucesso. Assim, fizemos uma consulta numa clínica de reprodução humana e a partir daí iniciamos a nossa luta pelo gestar. Resumidamente, sem encontrar causas que pudessem impedir a gravidez natural, passamos sem sucesso por 3 processos mais simples de reprodução assistida até que fomos à última instância: a fertilização in vitro. Todo esse processo durou quase 3 anos até recebermos o nosso beta positivo. Hoje, Luísa, nossa primogênita, é a primeira criança nascida após um processo de fertilização in vitro realizado no Estado do Tocantins. Sua chegada, há 7 anos, fez com que todo o desgaste físico, psicológico e financeiro que passamos durante o tratamento se tornassem insignificantes em meio à felicidade que nos inebria ainda hoje.

Retornando à minha trajetória profissional, no ano de 2013 deixei o cargo de gestão e mudei de unidade escolar, sendo lotada na Escola Municipal de Tempo Integral Santa Bárbara. Nesta escola vivenciei a outra faceta do trabalho em uma ETI: retornei à docência com as disciplinas de Educação Física e Lutas (era a carga horária que tinha disponível no momento de minha lotação). Foi um período de grande dificuldade, pois a escola era “adaptada” (este termo é usualmente utilizado se referindo a unidades escolares que adotaram ao regime de escola de tempo integral, mas

que não tinham espaço e nem estrutura física para funcionar nesta modalidade) e, além disso, eu não tinha experiência para atuar com lutas (nem mesmo a minha formação inicial teve alguma disciplina que pudesse ajudar a embasar o meu trabalho) e a coordenação pedagógica não conseguia me dar o suporte que eu precisava. Por estas razões, considero que meu trabalho então ficou limitado. Mesmo a experiência que tive na escola anterior não foi suficiente para me aprofundar nos conhecimentos dessa área e, assim que foi possível, fiquei somente nas aulas de Educação Física escolar.

Trabalhar na ETI Santa Bárbara não foi fácil, principalmente por conta da estrutura física e pela escassez de materiais pedagógicos. A única quadra era pequena e ainda era preciso dividi-la com outro professor de Educação Física, que não tinha uma aula claramente sistematizada. Além disso, a faixa etária dos alunos não me agradava muito: crianças de séries iniciais do Ensino Fundamental. Até então eu sempre atuei com as séries finais e ter aulas com alunos menores não me deixava confortável. Permaneci nesta unidade escolar até o final do ano de 2014 e pedi remoção para uma nova ETI que havia inaugurado, com a esperança de ter melhores condições materiais e estruturais de trabalho.

Ainda no ano de 2013 fiz uma seleção para participar do Programa de Modernização da Gestão Escolar. Durante este programa (que durou nos anos de 2013 e 2014) tive aulas teóricas que visavam a formação de líderes educacionais, com o objetivo de se ter gestores para as escolas da rede pública municipal de Palmas-TO. Por ocasião deste programa, participei de uma missão internacional em Singapura e foi uma experiência riquíssima. Esta foi a minha primeira e, até então, única viagem internacional, e foi possível conhecer um pouco da diversidade cultural do local, além da

realizar visitas técnicas para entender o sistema educacional de uma das principais potências mundiais nos indicadores internacionais de qualidade. Com esta viagem, aprendi o quanto a qualidade da educação depende da cultura de um povo: depois de passarem por um período de recessão após deixarem de ser colônia britânica, o povo daquele país entendia que a nação só seria reconstruída com o investimento maciço nas políticas educacionais e assim o fizeram.

No ano de 2015 realizei um sonho antigo: empreender no ramo do fitness. Juntamente com um sócio, adquiri uma academia na região sul da cidade. Foi uma experiência que me proporcionou um networking incrível e fez-me compreender que empreender não é fácil. Nesta academia, que chamamos de Ponto Fitness Academia, tínhamos como meta oportunizar um atendimento de qualidade para os alunos, sem distinção, pois observamos que o que mais incomodava as pessoas nas academias da região era a falta de um tratamento com equidade a todos, pois, normalmente os alunos mais velhos ou aqueles que não tinham o padrão de beleza considerado ideal pelos professores que ficavam no salão, se encontravam desassistidos. O negócio não foi adiante, especialmente pela necessidade que o meu sócio teve em deixá-lo e pelo advento da minha gravidez, que me fez pensar o quanto meu tempo era preciso e que eu precisaria dele para proporcionar uma criação adequada para minha filha (eu ficava na escola durante o dia e à noite ou em qualquer folga, ficava na academia). Por conta desses motivos, vendemos todo o maquinário e a Ponto Fitness Academia encerrou suas atividades no ano de 2017 e, com isso, decidi permanecer somente na área escolar.

Em 2015 fui para a unidade escolar que trabalho hoje: a Escola Municipal de Tempo Integral Anísio Spínola Teixeira. Nela ocupei até 2019 a função de professora de natação

das turmas de séries finais do ensino fundamental. Apesar de ter sido inicialmente um desafio, pois eu não havia trabalhado com natação, eu tomei uma decisão acertada. A natação se tornou uma área que gostei muito, pude mostrar o meu trabalho e contribuir no desenvolvimento das crianças. Entretanto, de 2015 a 2019 a escola viveu momentos de instabilidades pela frequente troca de gestão. E nesses anos, apesar da representatividade que a Educação Física tem em todo o currículo, não senti que os gestores (foram 5 nesses 5 anos) entendiam o que ela significava e, por isso, muitas vezes o trabalho se tornou complexo pela falta de material ou de manutenção das estruturas. Por várias vezes (e vários meses) deixei de dar as aulas de natação por falta de manutenção na piscina e isso sempre causava uma “quebra” na progressão do conhecimento das crianças.

Em 2020 tudo mudou, uma nova gestora foi nomeada: Cleudemar Abreu. Ela me convidou para ser a supervisora de Educação Física da escola. Eu já havia recebido este convite de algumas das gestões anteriores, mas havia negado, por não acreditar no propósito e no método que eles queriam implementar na unidade escolar. Entretanto, desta vez foi diferente, pois eu sabia que esta nova gestão tinha uma visão que transcendia o comum e acreditava na importância da Educação Física para a escola e, assim, eu aceitei. Contudo, com apenas 15 dias que eu estava à frente do cargo, a pandemia do covid-19 assolou todo nosso país, fazendo com que ficássemos isolados em nossas casas. Foi um período de grande ansiedade, por todo contexto que era mundialmente vivenciado e, no trabalho, pela impotência em fazer algo pelas crianças que se encontravam em casa. De início as aulas foram todas suspensas e aos poucos começamos a retornar através de atividades remotas até o formato híbrido. Foi uma forma diferente de pensar a

Educação Física, mas com criatividade fizemos o possível pelas crianças com aulas pelo google meet e com atividades propostas em blocos impressos e no google classroom. Fiz até mesmo a proposição de realizar um interclasse virtual junto aos alunos, proposta que os professores acataram e teve bastante adesão entre as crianças. Em 2022 retornamos ao modelo tradicional de aulas e segui na supervisão até o início do ano de 2024, ocasião na qual eu regressei às aulas de natação.

Enquanto fui supervisora de Educação Física na ETI Anísio Teixeira, sempre tive o sentimento que a minha função era proporcionar boas condições de trabalho aos professores que estavam sob minha coordenação. Na minha visão, um processo ensino-aprendizagem satisfatório se dá partindo do princípio da adequada condição de trabalho do professor. Apesar de, a meu ver, eu conseguir fazer isso com o suporte que a direção da escola proporcionava, pedagogicamente me deparei novamente com uma dificuldade: o ensino de lutas. Com o tempo, me senti mais capaz em auxiliar o professor, mas ainda com muitas lacunas, especialmente para ajudar os profissionais que não possuíam experiência nessa área. Neste período, foi de grande ajuda o professor Eduardo Leandro assumir o componente curricular Lutas, pois ele já tinha experiência e compartilhava seu conhecimento com os professores que também estavam lecionando esta parte do currículo e, além disso, ele me fez enxergar as lutas com outros olhos.

Durante esses anos de experiência, percebi que as lutas são o conteúdo da Educação Física (nas ETIs ela é um componente curricular exclusivo) que os professores têm uma certa resistência em dar as aulas (principalmente quando não são aqueles que tiveram uma formação esportiva nessa área), fato este que é atestado por Campos (2014), Rufino

& Darido (2015) e Rufino, Oliveira & Rinaldi (2022). Embora hoje existam mais materiais científicos que auxiliam no planejamento pedagógico desta área do currículo, ainda encontrei dificuldades para apoiar pedagogicamente os professores, devido principalmente à falta de um documento didático de apoio e à alta carga horária anual destinada exclusivamente a essa parte da Educação Física. Por isso que a escolha do tema “Lutas” como objeto de pesquisa para o PROEF me pareceu ser a escolha óbvia para a minha dissertação, devido a todas as inquietações que foram continuamente revividas em minha trajetória profissional.

Fazer um mestrado sempre foi um sonho, desde a época da graduação. Entretanto, para aqueles que moram no norte do país não parece ser algo tangível, especialmente quando se trata da área da Educação Física. Eu até mesmo já havia tentado por duas vezes fazer o mestrado acadêmico em Educação pela Universidade Federal do Tocantins-UFT e, apesar de ser aprovada nas avaliações escritas, meu currículo não agradava durante as entrevistas, fazendo com que eu deixasse esse sonho em stand-by, já que eu não tinha entusiasmo e nem condições financeiras para enfrentar grandes distâncias para fazer uma pós-graduação stricto sensu. Mesmo assim, nunca deixei de adquirir novos conhecimentos. Fiz muitos cursos de curta-duração e fui em busca de algumas pós-graduações lato-sensu: Treinamento Desportivo (conclusão em 2006 pela Universidade Salgado de Oliveira Filho), Educação Física Escolar (conclusão em 2012 pela Associação Especialistas em Educação-AEDUC), Gestão Escolar (conclusão em 2012 pela Fundação Universa), Educação Física com Ênfase no Esporte (conclusão em 2022 pela Faculdade do Norte Novo de Apucarana).

A primeira vez que ouvi falar do PROEF foi no ano de 2021, quando um colega da rede municipal fez a seleção

para a Universidade Federal de Goiás-UFG e passou. Tomei conhecimento do edital para a turma de 2022, entretanto nem cheguei a ler, por acreditar que as aulas não seriam no Tocantins. Posteriormente, quando uma outra professora da rede municipal foi aprovada, vi que as aulas seriam no campus de Miracema-TO, e isso me motivou a ficar atenta ao próximo edital, pois a distância é de menos de 100km da cidade de Palmas-TO. O edital da turma de 2023 foi divulgado em um momento muito específico da minha vida, pois eu estava próxima da data do parto da minha segunda gestação. No final do mês de outubro de 2022, os gêmeos Arthur e Júlia nasceram. Esta foi mais uma gravidez por fertilização in vitro, pois, também não conseguimos concebê-los naturalmente. Apesar de serem gemelares, a gravidez foi tranquila, contudo, com bebês tão pequeninos seria difícil conseguir conciliar o mestrado e assim, o sonho de uma formação scrito sensu teve que esperar. Quando saiu o edital no final de 2023, eu sentia que aquela seria a minha hora. Fiz a minha inscrição e, entre uma troca e outra de fraldas, estudei boa parte do conteúdo programático. Mas, penso que os conhecimentos adquiridos tanto na docência quanto na supervisão foram muito importantes para me ajudar neste processo. Deste modo, consegui a tão sonhada aprovação no mestrado.

A chegada dos gêmeos (hoje eles têm 1 ano e 11 meses) foi um divisor de águas para toda a nossa família. Eu sabia que não seria fácil cuidar de dois bebês ao mesmo tempo e ainda cultivar a atenção que a nossa filha mais velha necessita. Só que eu não imaginava que esse processo seria tão complexo e extremamente cansativo. Eu não romantizo a maternidade. Sei que ela proporciona muita felicidade, mas é um processo difícil, extenuante e que, muitas vezes, exige uma renúncia (mesmo que momentânea), de nós mes-

mos. Penso ser este o maior desafio da minha vida até o momento: tentar conciliar a vida profissional, a vida íntima, as obrigações domésticas e as atividades do PROEF com o maternar. Neste processo, tenho o apoio do meu esposo, que é realmente um parceiro, e da minha mãe, Lena Sodré, que contribui imensamente no cuidado das crianças. Sigo, portanto, do jeito que é possível, me desdobrando em meio a esta minha rotina tão atarefada, igualmente a tantas outras mulheres que vivem suas duplas ou triplas jornadas. Nesse sentido, Costa (2018, p.449) ressalta que “a mulher vivencia uma constante ambivalência de sentimentos em relação à conciliação entre trabalho e vida familiar, em uma busca constante de realização, almejando ser altamente competitiva e capaz em todas as esferas de sua vida”.

Depois de reler por diversas vezes tudo o que compartilhei aqui durante este exercício de buscar as minhas memórias, tanto pessoais quanto profissionais, foi possível recordar o quanto a minha trajetória foi cheia de sonhos, que ficaram esquecidos em meio às atribulações diárias. O PROEF vem me permitindo revigorar o meu fazer pedagógico, contribuindo para a reflexão da minha atuação profissional, e isto reativou a vontade de fazer mais pelo local em que eu trabalho. Em meio ao comodismo que se instalava no meu fazer diário, o PROEF reacendeu os sonhos que estavam adormecidos. Com a ajuda do meu orientador, o professor Dr. Bruno Antunez, pretendo aprofundar os meus conhecimentos na área de lutas e ser uma futura referência local nesta temática, ao contribuir com a mudança da minha realidade escolar e de toda a rede municipal de Palmas-TO.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CAMPOS, Luiz Antônio Silva. Metodologia do Ensino das Lutas na Educação Física Escolar. Várzea Paulista: Fontoura, 2014.

COSTA, Fabiana Alves. Mulher, Trabalho e Família: os Impactos do Trabalho na Subjetividade da Mulher e em Suas Relações Familiares. *Pretextos – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*. v. 3, n. 6, p.434-452, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/download/15986/13632>. Acesso em: 11 set. 2024.

FOLLE, Alexandra; FARIAS, Gelcemar Oliveira; BOSCATTO, Juliano Daniel; NASCIMENTO, Juarez Vieira do. Construção da Carreira Docente em Educação Física: Escolhas, Trajetórias e Perspectivas. *Revista Movimento*, v. 15, n. 1, p.25-49, jan./mar., 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115315234003.pdf>. Acesso em 11 set. 2024.

FRANCO, Neli. Gênero e Esporte: masculinidades e feminilidades na escola. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 665-668, maio/agosto/2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v24n2/1805-9584-ref-24-02-00665.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de. Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no PROEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020, p. 130-148.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime & HENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Educação Física e Cultura Escolar: Critérios para Identificação do Abandono do Trabalho Docente. In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., 2006, Santa Maria-RS. Anais... Santa Maria, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Fernando-Gonzalez-11/publication/319163925_Educacao_Fisica_e_Cultura_Escolar_criterios_para_identificacao_do_abandono_do_trabalho_docente. Acesso em: 10 set. 2024.

MORICONI, Lucimara Valdambrini. Pertencimento e Identidade. 2014. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=513111&tipoMidia=0>. Acesso em: 11 set. 2024.

RABELO, Amanda Oliveira. A Importância da Investigação Narrativa na Educação. Revista Educação e So-

ciedade. Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, jan.-mar. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/fSZvf-t63V58mv3ZVGx3wVzr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2024.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto & DARIDO, Suraya Cristina. O Ensino de Lutas na Escola: possibilidades para a Educação Física. Porto Alegre: Penso, 2015.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Básoli de; RINALDI, Ieda Parra Barbosa. Fundamentos Pedagógicos do Esporte Educacional – Lutas – Volume 1 – aspectos pedagógicos das lutas e as vivências múltiplas em jogos de luta e atividades de oposição dirigida. Curitiba: CRV, 2022.

TRECHOS DISCRETOS DE UMA TRAJETÓRIA

Ana Rachel da Silva

Escrever sobre a própria história é complicado, mas não tanto quanto fazer a própria história. Às vezes me pego refletindo encantada sobre as conquistas e sonhos realizados, mas o preço que se paga é árduo e “sobrecarrega os ombros”. Entre levezas e cargas, vou contar um pouco da minha trajetória acadêmica e profissional relacionada à educação.

Meu nome é Ana Rachel da Silva, tenho 35 anos, quando criança sempre tive uma boa relação com a Educação Física na escola e fora dela sempre estava em busca de atividades de lazer, como andar de bicicleta, jogar vôlei em praças, escolinha de vôlei, representar a escola nos jogos estudantis nas modalidades de vôlei e tênis de mesa e jogar futebol em garagens das casas dos amigos.

Também acompanhava meus tios nos Jornadas Esportivas Microrregional de AABBs (JEMAB), onde somente uma vez participei competindo, por motivos de ser muito nova para ser inscrita e porque minha cidade não tinha equipes feminina. Desde criança, uma atividade de lazer preferida era assistir partidas de futebol, amor herdado da minha avó, fanática pelo Flamengo. Por inúmeras vezes passávamos a noite assistindo jogos na TV, e na Copa do Mundo de 2002 no Japão não tínhamos impedimento para acordar às 2h e torcer pelo penta.

Outra experiência dos tempos de escola relacionada à docência, foi ter sido aluna de professores marcantes positivamente, e alguns deles de Educação Física. Porém, tam-

bém tive professores sem práticas exitosas, que me permitia fazer comparações de estratégias de ensino. As aulas mais marcantes de Educação Física no ensino médio foram um passeio ciclístico na zona rural e uma pescaria nas margens do rio Araguaia.

Goodson (2000) destaca a influência de professores preferidos na escolha da profissão, pois professores podem deixar marcas em dois sentidos: admiração e modelos a ser evitados (LEÃO, 2003; VARGAS; ANTUNES, 2007). A influência positiva dos professores e o impacto que tiveram desperta o interesse pela profissão e pela disciplina. Isso mostra como experiências pessoais e bons exemplos podem moldar nossas escolhas profissionais. Os aconselhamentos familiares incentivam optar por profissões social e economicamente mais favoráveis, mas o que prevalece são, no caso da Educação Física, as experiências e gosto esportivo e a influência de professores/treinadores (CARDOSO; BATISTA; GRAÇA, 2016).

Essas vivências culminaram na minha graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará, curso concluído em 2009. A decisão pela escolha profissional tem muitas vezes uma relação estreita das experiências que antecederam a entrada na faculdade. Logo, a base são os momentos enquanto estudante da educação básica. A compreensão das escolhas está implícita na trajetória do indivíduo.

Ainda na temática de escolhas, escolher ser professora tem uma pureza, pois não é uma carreira atrativa, além de salário desvalorizado, existem tensões no chão da escola. A maioria dos jovens e adultos frustrados gostariam de cursar medicina, profissão de prestígio e bem remunerada, mas sou consciente que não tenho vocação para área da saúde.

Lapo e Bueno (2003, p.76) dizem que “ser professor era a escolha possível no começo da vida profissional. Tornar-se professor aparece como a alternativa possível e exequível do sonhar-se médico(a), advogado(a), veterinário(a) etc”. A escolha da docência pode ser a única opção viável ou provisória (baixa concorrência em vestibular, quantidade de vagas de empregos) para se inserir em um curso superior.

Na fase das especializações, busquei duas das poucas possibilidades de temáticas na minha cidade. Primeiramente pós-graduação em Educação Física Escolar e a segunda pós-graduação de Administração Escolar. O professor está sempre estudando por razões diversas, isso reflete o compromisso do professor com a educação e o desejo de oferecer o melhor para seus alunos.

Na formação inicial começa-se esboçar a identidade docente, mas esse processo vai tomando forma a cada formação (FLORES, 2018). O professor deve estar em constante atualização, pois a sociedade se transforma e novas estratégias devem ser adotadas. O professor deve ter acesso a novas concepções, reflexões, novas formas de ver e pensar a escola (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2002).

Na busca de aprimoramento, em 2014 cursei o Aperfeiçoamento em Atividade Física para pessoas com deficiência pela Universidade Federal de Juiz de Fora, com o título do trabalho: Práticas escolares inclusivas. Em 2023, participei do Programa de Desenvolvimento Profissional de Professores da Educação Básica no Canadá, uma parceria da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com Colleges and Institutes Canada (CICan), selecionada através do projeto Escola Zen – implantação de técnicas de consciência corporal. Sobre a vivência no Canadá, foram oito semanas no país norte-americano, com

aulas de inglês básico e módulos temáticos que abordam a aprendizagem centrada no aluno e na gestão da sala. Cada participante desenvolveu um projeto de intervenção pedagógica a partir da sua própria experiência profissional, a ser desenvolvido na escola. O objetivo do Programa é compartilhar conhecimentos em um país com sistema educacional de referência para aprimorar a rede pública de ensino do Brasil.

Além de aproveitar a estadia para observar a rotina dos moradores, modos e costumes, acompanhar a rotina pedagógica das escolas estagiadas, essa imersão cultural foi proveitosa para a minha prática profissional, pois decorrente dela elaborei uma disciplina eletiva sobre esportes populares no Canadá. Com isso, despertei um projeto de vida dos meus alunos, que é possível sonhar e acreditar que através dos estudos pode-se colher bons frutos. Para coroar o ano de 2023, fui aprovada em 1º lugar no polo da UFT – Mircema para o Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF.

A paixão pela Educação Física foi uma aliada na realização de viagens, a primeira viagem que fiz sem a família, foi para o Congresso Internacional de Educação Física da Federação Internacional de Educação Física (FIEP) em Foz do Iguaçu, depois para workshops e congressos em Palmas, Goiânia e Brasília. Subsidiava alguns gastos trabalhando com a captação de inscrições para os eventos. O desejo de assistir os Jogos Olímpicos e Copa do Mundo não foi tão grande, pois a razão prevaleceu, era desnecessário gastar absurdo com todo o itinerário. Mas assisti um Circuito de Vôlei de Praia e o jogo do meu Mengo no Maracanã, mais precisamente o clássico Flamengo x Vasco, além de Fluminense x Botafogo.

Continuando a saga da combinação de viagens e esportes, nas vezes que visitei os Estados Unidos (EUA) não poderia deixar de assistir a liga National Basketball Association (NBA), em Miami, o confronto Miami Heat x New York Knicks, e posteriormente na cidade de Nova York, o jogo Brooklyn Nets x Orlando Magic. Também nos EUA, visitei estádios com jogo de beisebol e futebol americano. Na viagem ao Canadá relatada nesse texto, procurei observar as vivências esportivas nos bairros e procurei locais com jogos de lacrosse, beisebol, basquete, além de participar de atividade recreativas do college. Todas essas experiências enriqueceram os planejamentos das minhas aulas na educação básica.

No campo profissional, apesar que poder exercer a licenciatura ou bacharel, pois o curso de graduação de licenciatura plena permitia, preferi desde o início, a docência. Motivada mais pela estabilidade profissional que a carreira de professor efetivo traria, do que disposta a me aventurar em ser autônoma, como personal trainer. O amor pelo esporte desde criança me desenvolveu habilidades, conhecimentos e uma paixão que foram fundamentais para essa escolha profissional, uma combinação de interesse, habilidade e experiências positivas no esporte.

A trajetória profissional de professora se iniciou trabalhando na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Marizete Figueiredo em Conceição do Araguaia no ano de 2010. Após dois meses assumi o concurso na Secretaria Estadual de Educação do Tocantins, fui classificada em 1º lugar na cidade de Guaraiá, no primeiro ano trabalhei na Escola Estadual Anaídes Brito Miranda de 6º ao 9º ano, em 2011 fui lotada no Centro de Ensino Médio Oquerlina Torres, onde estou até o momento. Em 2012 e 2013 atuei em escolas particulares, no Colégio Executivo

com o ensino fundamental e no Colégio Impacto, ensino fundamental e médio. Migrei de escolas privadas para faculdade – Instituto Santa Catarina, como professora de 2014 a 2023 no curso de Licenciatura de Educação Física, e no período de 2018-2022 também tive a função de coordenadora adjunta do curso.

Escolher a profissão de professora pode ser motivado por uma combinação de fatores pessoais, sociais e vocacionais, e para se manter precisa-se reafirmar as motivações diariamente. E quando se quer fazer um trabalho diferenciado, deve-se ser bravo para contornar as dificuldades. Na atuação como professora de Educação Física na Educação Básica, verifiquei que os alunos, pais e professores das escolas tinham visões que a disciplina não apresentava uma proposta séria e assim inferiorizava-a. González (2020) aponta a Educação Física Escolar com problemas estruturantes, sendo o professor de Educação Física reconhecido como um “rola bola” (sem compromisso de ensinar) como denomina Darido e Rangel (2005), e outras referenciam uma atuação docente insuficiente, conforme Silva e Bracht (2012) nominam “desinvestimento pedagógico”, e González (2013) intitula de “abandono do trabalho docente”.

Atualmente me encontrei profissionalmente na modalidade do beach tennis, gerencio locações de quadras e ministro aulas, possuindo Certificação pela CBT. Assim, despertando uma competência para o empreendedorismo, identificando oportunidades, inovando, assumindo riscos e almejando crescimento. Acadêmica e profissionalmente busco explorar a Educação Física como área do conhecimento que se dedica ao desenvolvimento da saúde integral das pessoas, que promove experiências construtivas de convivências e formação emocional. Uma ferramenta imprescindível para saúde mental, com componentes biológicos,

psicossociais, culturais e comportamentais.

REFERÊNCIAS:

CARDOSO, Inês; BATISTA, Paula; GRAÇA, Amândio. A identidade do professor de Educação Física: Um processo simultaneamente biográfico e relacional. *Movimento*, v. 22, n. 2, p. 523-538, 2016.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.). *Educação Física na escola*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FLORES, P. P. O processo de identização docente durante o estágio curricular supervisionado: em jogo no campo da Educação Física. 2018. 212 f. Tese (Doutorado em Educação Física) -Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, 2018.

GONZÁLEZ, F. J. Trabalho e Educação: o papel da Educação Física na atualidade. In: Seminário em Epistemologia e Educação Física e Seminário em formação de professores, 4., 2013. Santa Maria, Anais [...] Santa Maria, maio 2013.

GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. In: ALBUQUERQUE, D. I. de P. Desafios da Educação Física Escolar: temáticas

da formação em serviço ao PROEFS. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.130-148. Disponível em: <https://educ-tec.unesp.br/proeef/turmaII/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proeef-15032021-v2.pdf#page=130>. Acesso em: 10 set. 2024.

GOODSON, I. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 63-78.

LAPO, F. R., BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 118, p. 65-88, mar. 2003.

LEÃO, D. O. Memória e saberes de alfabetizadoras: vozes e letras no cenário da atualidade. *Contexto e Educação*, Ijuí, v. 18, n. 70, p. 27-46, jul./dez. 2003.

SHIGUNOV NETO, Alexandre; MACIEL, Lizete Shizue B. (Org.) *Reflexões sobre a formação de professores*. Campinas: Papirus, 2002.

SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar. *Kinesis*, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 80-94, jan./jun. 2012.

VARGAS, J. C.; ANTUNES, H. S. Ciclos de vida dos professores: articulando o eu pessoal e o eu profissional docente. In: Cuarto Congresso Nacional Y Segund International de Investigación Educativa, 4., 2007, Cipoletti. Anais... Neuquén: Educo, 2007. p. 1-3.

ENTRE O OBRIGATÓRIO E O LIVRE, ENTRE O TRIPALIUM E O LAZER.

Caio Vinicius Freitas De Alcântara

Ao planejar como faria o presente memorial, tentei de todo modo retirar o caráter de pessoalidade da escrita e utilizar somente a terceira pessoa do singular nesta narrativa. Porém, ao dar os primeiros passos deste ensaio acabei por me deparar com os primeiros problemas estruturais, que logo me fizeram repensar a forma como este texto, de caráter tão pessoal, deveria ser devidamente escrito.

Assim, percebi que nada poderia ser mais pessoal do que um memorial dedicado às minhas próprias memórias e percepções acerca de uma trajetória que vai desde meus primeiros passos de vida até o momento em que redijo estas palavras. Na concepção de Silva (2015), um memorial acadêmico é um tipo textual que percorre os caminhos e descaminhos da jornada profissional e intelectual do pesquisador, relatando de maneira autobiográfica suas motivações e interesses do percurso de vida traçado até então.

Este tipo textual representa uma das poucas vezes em que o pesquisador tem espaço para discorrer sobre si próprio, porém não sob ótica egocêntrica, mas sim com viés elucidativo, em busca de ofertar ao leitor o entendimento sobre quais caminhos percorridos e quais experiências foram necessárias para se chegar ao resultado atual.

A identidade profissional docente é uma elaboração que perpassa a vida profissional em diferentes e sucessivas fases, desde a opção pela profissão, passando pela formação inicial e, de resto, por toda a trajetória profissional do professor, construindo-se com base nas experiências,

nas opções, nas práticas, nas continuidades e descontinuidades, tanto no que diz respeito às representações, como no que se refere ao trabalho concreto, as quais são reveladas nos memoriais acadêmicos e de formação (SOUZA, 2008, p. 42).

Findo esclarecimento, posso me apresentar. Chamo-me Caio Vinicius Freitas de Alcântara, nascido em 28 de julho de 1997, natural do estado do Pará e da cidade de Belém, capital do estado. Ainda quando muito criança fui morar em uma fazenda no interior do estado por conta do recente casamento de minha mãe, Maria do Socorro Freitas de Alcântara, com meu padrasto, Antônio. Por esse motivo, desde muito cedo tive experiencias com as práticas corporais necessárias à manutenção da fazenda: ordenha, colheita, plantio, pescaria, montaria (cavalos, jegues, jumentos e burros), e até aprendizagens básicas no trato com animais.

Tais vivências eram tidas pela minha mente infantil como brincadeiras e divertimentos, pois de fato era isso que eu estava fazendo, enquanto o real trabalho braçal ficava a cargo de meus considerados irmãos da época: 3 adolescentes frutos de um primeiro casamento de Antônio. O que para eles era trabalho, para mim não passava de diversão, demonstrando relação de desigualdade nas tarefas em decorrência da idade e do grau de responsabilidade.

O constante ritmo das atividades laborais da fazenda, bem como das brincadeiras promovidas pela gama de possibilidades como subir em árvores, correr livremente, andar de bicicleta, montar a cavalo, dentre outras, possibilitaram um avançado desenvolvimento motor, que desde a infância me fazia gostar e preferir as práticas corporais de jogos, brincadeiras e esportes em detrimento à práticas ociosas, como assistir TV. Sasso et al (2018), ao comparar o desenvolvimento motor de crianças da zona rural com as da zona

urbana, chega a conclusões que indicam elevado nível das habilidades motoras globais nas crianças da zona rural em comparação com as da zona urbana no que se refere à estabilização e manipulação. Isso ocorre devido à maior possibilidade de vivências motoras que há no cotidiano infantil da zona rural e que não se faz presente na realidade das crianças que residem em zonas urbanas, as quais têm suas experiências mitigadas devido a diferentes fatores, como a criminalidade e sexo fisiológico. (SASSO, 2018, p. 156)

Todavia, a real influência que me fez escolher a área da Educação Física como vocação e uma possibilidade futura de fonte de renda ocorreu devido à mudança de ambiente do campo para a cidade. Quando completei 7 anos de idade, ocorreu a eventual separação conjugal entre meu padrasto e minha mãe, o que resultou na minha partida da fazenda em direção à capital do estado, Belém.

Com essa ruptura total de ambientes, fez-se necessária uma readaptação quase que total em diversos setores da vida. Modo de brincar, de falar, de interagir, de estudar e até de viver foram sendo moldados aos padrões do cotidiano urbano contemporâneo. Tais modificações ocasionaram consequências tanto positivas quanto negativas no meu desenvolvimento como pessoa, sendo que de maneira negativa houve a significativa diminuição do ato de brincar na rua a qualquer hora do dia e com a intensidade de antigamente. As brincadeiras passaram a ser mais controladas e por vezes até dentro da minha própria casa com a utilização de jogos eletrônicos; a interação entre colegas da rua se dava em horários predeterminados e não eram totalmente livres, sendo que as brincadeiras mais recorrentes eram garrafão, polícia ladrão, tacabol (chamada de Bet no estado do Tocantins), pega-pega e suas diversas adaptações.

Sobre o aspecto positivo ocorreria um aumento da minha convivência com diversos familiares (tios, primos e parentes em geral), os quais, em sua maioria, tinham a prática docente como sua principal atividade laboral. Desse modo, de acordo com Luchesi et al (2012), esse convívio diário faz com que a criança desenvolva admiração pelos seus próximos, que passam a exercer função de exemplos a serem seguidos, influenciando assim as escolhas e tendências futuras. Tais escolhas, feitas ainda de forma inconsciente pela criança em fases iniciais de desenvolvimento psicomotor, acabam por afetar características futuras como formação de caráter, costumes, cultura e escolhas no âmbito profissional (LUCHESI et al, 2012).

Outro fator que representou substancial modificação no modo de viver e de perceber o mundo ao meu redor foi a mudança de escola. A saída da escola Pública do interior do Pará e a entrada no colégio privado da capital paraense representou significativa quebra de paradigma no quesito aprendizagem. A partir desse evento, as possibilidades educacionais se expandiram, tornando a aprendizagem bem mais desafiadora, porém mais presente no meu novo cotidiano de estudante, onde apesar das dificuldades me sentia verdadeiramente aprendendo coisas novas a cada dia.

A escola Santa Emília, onde fiz maior parte do Ensino Fundamental, teve grande impacto sob minhas experiências estudantis. Nesse aspecto, a Educação Física se destacou com o passar dos anos pelo seu caráter inovador aos meus olhos de criança. Olhando em retrospecto, percebo que tais aulas, ainda hoje, seriam consideradas disruptivas quando comparadas às aulas que seguem metodologias tradicionais.

A luta contra o modelo tradicional de ensino da Educação Física nas escolas vem sendo evidenciada desde a déca-

da de 1980 com a gênese do movimento renovador (CASTELLANI FILHO, 2010). Todavia, esse movimento não se reflete em sua totalidade na prática docente em sala de aula, a qual ainda arraigada de caráter esportivista e tradicionalista segue com dúvidas de posicionamento metodológico e didático (GONZÁLEZ & FENSTERSEIFER, 2010).

Sob esta ótica, a prática docente experienciada durante meu ensino fundamental, mais especificamente entre a 5^a e 8^a séries, se fazia mediante abordagem dos conteúdos de maneira ampla, sem se prender a conteúdos esportivos apenas, e mesclando teoria e prática para um desenvolvimento completo do educando. Esse tipo de experiência modificou minha visão sobre a Educação Física e sobre a educação no geral. A partir disso, tornei-me um aluno cada vez mais participativo e a cada dia mais interessado pelos objetos de conhecimento abordados.

O docente responsável por ministrar as aulas na minha saudosa escola de ensino fundamental era o professor Kenny Monteiro, cuja atividade laboral não se encerrava na licenciatura, sendo professor de uma grande academia de musculação da região. Em parceria com esta academia, o professor conseguia promover práticas corporais diversas dentro do ambiente escolar, como por exemplo: Ginástica de trampolim, Ginástica artística, natação, esportes variados, práticas circenses, lutas no contexto regional e mundial, dentre outras que me fogem à memória. A partir desses anos de experimentação e vivências imersivas nas diversas nuances da cultura corporal de movimento, houve inevitável aproximação entre mim e a carreira docente em Educação Física, aproximação essa que se tornava mais latente à medida que eu conseguia levar os conhecimentos aprendidos na escola para as vivências fora dela.

O uso e apropriação dos conteúdos tonou-se tamanho que me impeliu a levar tais conteúdos para meus momentos de Lazer. Com isso, pude experienciar, modificar, vivenciar e compartilhar as práticas corporais fora do ambiente escolar, na rua onde morava, com amigos de bairro e em clubes.

Desse modo, a Educação Física escolar expandiu a minha visão sobre as práticas corporais, enriquecendo o modo de ensino-aprendizagem nas diversas turmas que passaram pela didática do professor Kenny. Com isso, houve um inevitável aumento da minha avidez por novas práticas corporais em diversos espaços, com ênfase nos clubes que ofertavam a prática esportiva para crianças e adolescentes. A exemplo disso tem-se a Assembleia Paraense, onde houve a iniciação de voleibol, o Sesc, onde experienciei basquetebol e natação, e o clube da Tuna Luzo Brasileira onde fiz práticas de futsal e futebol.

Segundo Pozzo (2018), a prática regular de atividade física pode melhorar aspectos do condicionamento infantil, sua relação com o controle de peso e a promoção de saúde. Desse modo, a experimentação da diversidade de práticas corporais, expressivas e artísticas logo na infância, tem potencial de formar jovens, adolescentes e futuros adultos mais saudáveis e engajados socialmente (RONQUE et al, 2007).

A prática regular de atividades físicas sistematizadas pode contribuir para a melhoria de diversos componentes da aptidão física relacionada à saúde, como força, resistência muscular, resistência cardiorrespiratória, flexibilidade e composição corporal. Essas modificações podem favorecer, sobretudo, o controle da adiposidade corporal, bem como a manutenção ou melhoria da capacidade funcional e neuro-motora, facilitando o desempenho em diversas tarefas do cotidiano e, consequentemente, proporcionando melhores condições de saúde e qualidade de vida mais adequada aos praticantes (RONQUE et al, 2007, p. 72)

Sob esta ótica, percebe-se que a gama de práticas corporais a qual, por espontânea vontade, tive contato durante a infância e adolescência me proporcionaram e ainda me proporcionam memória muscular necessária para a continuidade da vida ativa em momentos de lazer ou trabalho. Vale ressaltar o imprescindível papel que a Educação Física escolar teve na minha formação física, intelectual e moral, servindo como “meio para o desenvolvimento pessoal, uma vez que diversidade cultural e pluralidade devem estar contextualizadas em todas as práticas pedagógicas” (CUNHA; HELLMANN, 2022).

Ao adentrar no ensino médio, muita coisa foi modificada. Houve mudança de escola, de bairro, de ensino e, consequentemente, mudanças na forma de se fazer a Educação Física. Componente curricular rico em diversidade de conteúdos acabou por se tornar focado unicamente na prática do “rola-bola”. Como elucida Gonzáles e Fensterseifer:

rola bola, largobol, aula matada, pedagogia da sobra. Na Argentina a chamam de tirar la pelota, fulbito e no Uruguai: pelota al medio^{27, 28}. Em linhas gerais, trata-se da atuação do professor que não apresenta grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade. Frequentemente, a ação se reduz a uma simples administração do material didático (bolas, redes, cordas) (GONZÁLES; FENSTERSEIFER, 2020, p. 136).

Tal mudança resultou no abandono parcial das práticas de Educação física, as quais, na minha opinião da época, tornaram-se monótonas e sem sentido. Com isso, tive a necessidade premente de buscar novas práticas que suprissem minha ânsia por exercícios físicos. Desse modo, descobri nas Lutas uma solução para a inatividade física experienciada no ambiente escolar. A partir desse ponto, minha proximidade com os esportes mais comuns (futsal, vôlei, bas-

quete e handebol) foi perdendo espaço perante a descoberta de novas formas de movimento corporal.

Taekwondo, Kung fu, Muay Thai, Capoeira e Mixed Martial Arts (MMA) foram algumas das práticas que tive a oportunidade de conhecer e, em alguns casos, me especializar. Durante esse processo de experimentação das artes marciais, tive a oportunidade de evoluir não só fisicamente, como também de maneira crítica e reflexiva, adquirindo consciência sobre a importância da mediação de situações estressoras, do respeito aos mais velhos, da interpretação sobre o viés consumista da sociedade na qual estava inserido e da busca constante pelas soluções pacíficas que a prática de artes marciais enseja (PEREIRA et al, 2024).

Hoje em dia, após perpassar por todas as etapas da educação básica, Graduação e Pós-graduação, questiono-me quais impactos tais práticas de Lutas teriam, caso aplicadas no ambiente escolar. So & Betti (2018) afirmam que apesar das Lutas estarem inclusas como objetos de conhecimento em diversos currículos estaduais e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sua prática de ensino tem sido mitigada principalmente por quatro fatores principais: formação docente insuficiente; baixo número de pesquisas e produções acadêmicas que correlacionem as lutas com as vivências escolares; preconceito, por parte dos atores escolares, acerca da suposta violência intrínseca às Lutas; dificuldade docente na forma de abordar a temática, prevalecendo a metodologia expositiva.

Ao fim da etapa da educação básica e com o início da educação superior, decidi seguir a carreira do magistério em Educação Física, tanto pela influência das aulas do professor Kenny, quanto pela admiração aos membros de minha família que, em sua maioria, eram e ainda são professores

de formação. Segundo Alemán-Falcón (2023), a influência familiar e docente é de imprescindível valor no futuro das novas gerações, ajudando a formar não só opiniões e costumes, como também virtudes e o próprio caráter.

Confesso que mesmo tendo um horizonte bem definido à minha frente, infinitas dúvidas pairavam no ar: como, com quem, de que forma, onde, quando e por onde eu começaria a trabalhar com a Educação Física? Tendo mais dúvidas do que certezas, segui na educação superior e aos poucos algumas questões foram sendo sanadas, enquanto outras surgiam.

A essa altura meu leque de práticas corporais havia se expandido e não havia mais esportes que eu não dominasse ou, ao menos, que eu não tivesse algum preparo motor para sua prática. Cito somente esportes porque durante o curso de graduação fui introduzido à práticas corporais as quais eu, nitidamente, não possuía a menor desenvoltura, como é o caso da Dança, prática corporal que sempre foi um empecilho em meu arsenal motor e que até hoje configura minha maior dificuldade na prática docente e de Lazer.

Em janeiro de 2015, aos 17 anos de idade, adentro os portões da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no curso de licenciatura plena em Educação Física. Sem saber até onde os descaminhos do destino me levariam e sem ter a mínima noção de que minha maior paixão dentro do componente curricular em questão seria o estudo do Lazer, acabei por me aproximar inicialmente de tudo aquilo que eu já praticava fora dos muros da universidade. Musculação, Lutas e esportes de invasão foram minha afinidade inicial no curso. Em minha ingenuidade, eu não poderia prever que no período de dois anos tudo mudaria drasticamente, e minha própria visão de mundo seria totalmente consumida

pelo labor.

A adaptação à educação superior ocorreu de forma gradual, apesar das quebras de expectativas estruturais e conceituais criadas no imaginário do estudante do ensino médio quando idealiza a universidade (DIAS, 2019), toda essa passagem ocorreu quase que naturalmente. Logo nos primeiros semestres busquei por estágios que me dessem alguma experiência em algumas das diversas áreas que se inserem na Educação Física. Assim, meu primeiro contato com o universo do trabalho foi em um curso de extensão dentro da própria universidade ofertado à comunidade, o qual promovia práticas corporais em meio líquido para diversas faixas etárias. Meu segundo estágio foi em uma academia de musculação próxima à minha residência, onde aprendi muito com o dono da academia que também era professor da sala de musculação. Mediante isso, os semestres foram se passando e no quarto semestre de curso, que marcava a metade da minha jornada acadêmica, tive meu primeiro contato com a disciplina de estudos do lazer. Tal contato abriu minha mente e expandiu minha visão acerca das relações de trabalho e descanso criadas para suprir a necessidade dos meios de produção capitalistas (MARX, 2013). Desse momento em diante as coisas estavam prestes a mudas completamente para mim.

Ao me dar conta de que o trabalhador tudo produz, porém a ele nada pertence, decidi de uma vez por todas que eu não gostaria de fazer parte da lógica capitalista e alimentar mais ainda o torpe sistema que tem comandado nossas relações de trabalho e lazer. Desse modo, seguindo conselhos de familiares e colegas de classe, encontrei nos concursos públicos uma forma de servir à sociedade ao mesmo tempo em que vendia minha força de trabalho para a produção de serviços úteis e em prol do bem comum. Assim, a explora-

ção da minha própria força de trabalho se daria pelo estado e com fins virtuosos e que favorecessem a sociedade como um todo. Na minha ingenuidade, era o que eu pensava.

Há quem acredite em coincidências, há quem acredite em destino. Eu fico com a segunda opção. Ao mesmo tempo em que eu decidi que passaria em um concurso, o edital do concurso do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Pará (CBMPA) foi aberto. Duas carreiras eram contempladas no edital: praça (entrar como Soldado) e oficial (entrar como 2º Tenente). Fui aprovado, classificado, nomeado e empossado para a carreira de Praça. Confesso que não me dediquei nos estudos e muito menos nos testes de aptidão físicos e mentais, foi tudo muito natural e parecia até fácil demais, parecia coisa do destino.

Minha família ficou deveras feliz, porém, algumas mudanças drásticas em minha vida estavam prestes a acontecer. Primeiramente meu sonho de trabalhar com Educação Física teve de ser adiado, tranquei minha matrícula na universidade para assumir o concurso sem previsão de retorno. Fui alocado na cidade de Castanhal, cerca de 60 km da capital Belém, ou seja, tive de mudar de cidade com 19 anos. Com isso, o convívio diário com família e amigos se perdeu, deixei minha namorada da época para trás e acabamos terminando devido às circunstâncias. Minha cachorrinha Mikasa também ficou em Belém sob os cuidados de minha mãe e, por conta de minha ausência prolongada, acabou considerando-a como sua nova dona e melhor amiga.

Quando planejei este manuscrito, pretendia escrever bastante sobre esta etapa da minha vida, porém, acabo de descobrir que forçar lembranças que foram voluntariamente esquecidas dói como se estivéssemos revivendo úlceras há muito curadas. Por conta disso, vou resumir ao máximo

e tentar fazer com que você, caro leitor, compreenda minhas motivações. Em 29 de janeiro de 2017 deu-se o início da minha carreira militar no curso de formação de praças de Castanhal/PA. Pode-se afirmar que nunca me adaptei ao rigor do militarismo. Ordens sem sentido, tarefas desnecessárias, egos hiper inflados e sanidade mental afetada pelos anos de serviço são alguns dos muitos ingredientes que fazem o militarismo ser um espaço de opressão sistematizada, pautada em posições hierárquicas as quais pararam no tempo e não cabem mais na contemporaneidade, mas que persistem em continuar existindo e sendo um câncer para tudo que tocam.

Não há citações no parágrafo anterior pois tais palavras não passam da minha própria percepção sobre o mundo, sem representar nenhum tipo de estudo científico. Apenas um desabafo de um soldado que passou quase 6 anos na caserna tendo como principal sonho na vida sair de lá. Bom, sonho realizado. A ideia de passar em concurso público para evitar ou minimizar o trabalho como refém dos meios de produção capitalista foi relativamente boa. Porém, após passar por todas as intempéries que a atividade laboral pode proporcionar, percebi que não poderia ser em qualquer concurso. Eu precisava lembrar do que era prioridade e qual era o meu objetivo primeiro.

Não posso dizer, porém, que o CBMPA não teve um lado bom. Devido à mudança de cidade acabei por conhecer a digníssima Jussara Freire, hoje chamada de Jussara Alcântara, minha esposa e mãe de meus dois filhos, Lara Alcântara e Nero Alcântara, que juntos representam minha maior motivação para seguir tentando. Durante o período em que me encontrava interpretando o papel de militar, consegui, com muito custo, voltar a cursar a universidade de Educação Física, que era bastante desafiadora pois demandava

uma viagem diária de 120 km (60 de castanhal para Belém e 60 de Belém de volta à castanhal). Finalizei a graduação no ano de 2020, ano marcado pela Pandemia da Covid-19.

Vale salientar que meu ódio pela minha própria atividade laboral fez com que eu me aproximasse ainda mais da temática do Lazer, onde encontrei uma verdadeira paixão em pesquisar e em descobrir como este era ausente não só da minha vida como da vida da maioria dos trabalhadores ao meu redor, que reduziam o conceito de lazer ao simples cultivo de prazeres momentâneos como mulheres, drogas e bebedeira (ROMERA, 2014). Meu trabalho de conclusão de curso (TCC) foi pautado na relação entre o trabalho e lazer, com base na teoria marxista, assim, enquanto meu contato com a temática aumentava, minha vontade de abandonar a carreira militar nunca havia diminuído e tornava-se a cada dia mais latente. Quando, em 2023, enfim pude realizar três dos principais objetivos da minha vida: consegui minha liberdade da carreira militar, passei no concurso da Secretaria de Educação do estado do Tocantins (SEDUC) e fui aprovado no mestrado em Educação Física.

Com isso, após experienciar uma tortura digna do triplum , dia após dia em uma atividade laboral com a qual eu não tinha nenhuma afinidade, pude valorizar ainda mais a carreira docente que me tirou do meu inferno particular e abriu portas para a continuidade da minha evolução moral e intelectual. Sobre o destino, este é estranhamente preciso, após passado toda essa fatídica etapa em minha vida, olho em retrospecto e vejo que eu precisava disso para me tornar um ser humano melhor, para encontrar o meu caminho e para valorizá-lo.

Hoje em dia, não há prioridade maior que meu lazer e o de minha família. As lembranças ruins são somente isso,

lembranças de um passado que não retorna. Sigo pesquisando e estudando tanto a Educação Física quanto o Lazer, o qual se faz a cada dia mais imprescindível para a sociedade em aspectos como saúde e saúde mental (RIOS et al, 2011; SANTOS et al, 2024; MENEZES, 2021). Minha dissertação de mestrado representa mais um degrau da escadaria científica que eleva o Lazer e nos faz entender mais sobre nós mesmos. Bem como minha futura tese de doutorado e estudos posteriores seguirão esta mesma lógica, pois creio com sinceridade que o Lazer tem potencial de mudar o mundo.

REFERÊNCIAS

ALEMÁN-FALCÓN, J. A. et al.. TEACHER PERCEPTION ABOUT THE FAMILIES' PARTICIPATION AT SCHOOL – FACTORS PREDICTING PARTICIPATION. *Educação & Sociedade*, v. 44, p. e259456, 2023.

BONZATTO, Eduardo Antonio. TRIPALIUM: O trabalho como maldição, como crime e como punição. UNISEPE Educacional, 1998. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/06/Direito_em_foco_Tripalium.pdf. Acesso em: 16/09/2024.

CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil. A história que não se conta. 18. ed. Campinas-SP: Papirus, 2010.

CUNHA, L. S. DE O.; HELLMANN, F.. Ética, bioética e educação física: revisão sistematizada de uma convergência necessária. *Revista Bioética*, v. 30, n. 2, p. 444–461, abr. 2022.

DIAS, Ana Cristina Garcia; CARLOTTO, Rodrigo Carvalho; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira. Dificuldades percebidas na transição para a universidade. Rev. bras. orientac. prof vol.20 no.1 Florianópolis jan./jun. 2019.

González FJ, Fensterseifer PE. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não lugar da EF escolar II. Cad Form RBCE 2010;2:10-21.

GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. In: ALBUQUERQUE, D. I. de P. Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço ao PROEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.130-148. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmaII/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=130>. Acesso em: 03 de set. 2024.

LUCHESI, B. M.; DUPAS, G.; PAVARINI, S. C. I.. Avaliação da atitude de crianças que convivem com idosos em relação à velhice. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 33, n. 4, p. 33–40, dez. 2012.

MENEZES, S. K. de O. Lazer e Saúde Mental em Tempos de Covid-19. LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 408–446, 2021. DOI: 10.35699/2447-6218.2021.31341. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/31341>. Acesso em: 16 set. 2024.

MARX, Karl. O Capital: Crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens

Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (AUTO)BIOGRAFIA, IDENTIDADES E ALTERIDADE: MODOS DE NARRAÇÃO, ESCRITAS DE SI E PRÁTICAS DE FORMAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO. Revista Fórum Identidades, Itabaiana-SE, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1808>. Acesso em: 24 ago. 2024.

SILVA, Wilton C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 7, n.15, p. 103 - 136. maio/ago. 2015.

PEREIRA, Á. S.; OLIVEIRA, M. A. DE ; PRODÓCIMO, E.. O ensino de lutas/artes marciais como uma prática de educação libertadora: entremeando círculos de cultura, situações-problema e jogos. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 46, p. e20230068, 2024.

POZZO, C. C. D.; CIBINELLO, F. U.; FUJISAWA, D. S.. Capacidade funcional de exercício e hábitos de vida de crianças escolares. Fisioterapia e Pesquisa, v. 25, n. 1, p. 49–55, jan. 2018.

RIOS, L. C. et al.. Atividades físicas de lazer e transtornos mentais comuns em jovens de Feira de Santana, Bahia. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 33, n. 2, p. 98–102, 2011.

ROMERA, L. As Drogas e os Cenários de Lazer. LICE-RE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 303–317, 2014. DOI: 10.35699/1981-3171.2014.982.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licre/article/view/982>. Acesso em: 16 set. 2024.

RONQUE, E. R. V. et al.. Diagnóstico da aptidão física em escolares de alto nível socioeconômico: avaliação referenciada por critérios de saúde. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, v. 13, n. 2, p. 71–76, mar. 2007.

SANTOS, E. J. B. dos; ROCHA, N.; KISHIMOTO, S. T. A Influência das Práticas de Lazer na Saúde Mental da População Brasileira Durante a Pandemia da Covid-19. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 67–82, 2024. DOI: 10.35699/2447-6218.2024.52144. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licre/article/view/52144>. Acesso em: 16 set. 2024.

SASSO, Renata Rosa et al.. Desenvolvimento motor de crianças em zonas rurais e urbanas: um estudo comparativo. *Ciência & Saúde*, v. 11 n. 3, p. 151-157, out. 2018.

SO, M. R.; BETTI, M.. SENTIDO, MOBILIZAÇÃO E APRENDIZAGEM: AS RELAÇÕES DOS ALUNOS COM OS SABERES DAS LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. *Movimento*, v. 24, n. 2, p. 555–568, abr. 2018.

ACONTECIMENTOS ARQUIVADOS NA MEMÓRIA

Cleidiane Lima Ferreira

Relembrar o passado nos traz nostalgia de algumas situações, como: amigos de infância que perdemos o contato, da turma preferida da Escola, das brincadeiras na rua ao final da tarde, entre outras. No entanto, ao fazermos o exercício de rememorar nossa trajetória pessoal e acadêmica, observa-se que a Escola foi determinante para que pudesse hoje estar historiando esse breve texto. Sobre o universo escolar, Freitas, Rafael e Sousa (2013, p.377) apontam que:

A inserção no mundo escolar institucionalmente constituído é um dos meios pelos quais tem início a vida social propriamente dita, é o momento em que há uma aproximação com o outro que não faz parte dos laços familiares, constituindo novas relações sociais. Além desta socialização, a escola apresenta-se com outra função que interfere na vida das pessoas e dos cidadãos, é um encontro com o conhecimento sistematizado e produzido pela humanidade no decorrer da sua história.

Esse conhecimento sistematizado que os autores citados anteriormente se referem é o que me permitiu, nesse momento, redigir esse curto memorial para o Programa de Mestrado em Rede Nacional em Educação Física no qual sou mestrand(a).

Durante a nossa vida, vivemos vários momentos e situações, e são estes também que definem a nossa subjetividade enquanto ser humano. Segundo Moriconi (2014, p.8-9),

A vida é feita de momentos simples que nos comovem. São esses momentos que verdadeiramente marcam e trazem o sentimento de identidade ao ser humano. Esses momentos que dão sentido à vida das pessoas são aqueles que também vão constituir seu caráter, dignidade e personalidade. São eles que farão surgir o sentimento de pertencimento e consequentemente trarão uma identidade de singularidade.

Cada momento vivido no decorrer de nossa trajetória atrela um aprendizado à nossa vida. Portanto, cabe a nós apesar de qualquer situação de infortúnio tentar aprender algo de positivo e seguir em frente.

Durante a minha infância, minha mãe, apesar de ter pouco estudo na época (graduou-se em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará no ano de 2022), sempre soube da importância dos estudos nas nossas vidas e sempre nos incentivou a estudar e ter boas notas. Ela sempre dizia a mim e meus irmãos que nos dedicássemos aos estudos, pois era a única coisa que poderia nos ajudar, pois erámos de uma família muito humilde.

Nessa época, eu lembro dela dizer que tínhamos que aprender tudo na Escola, porque ela não poderia nos ajudar nas atividades de casa a partir da quarta-série, pois era a série que ela tinha estudado. Essa situação me causava um certo desespero, pois eu não poderia conversar nas aulas e tinha que prestar atenção para responder as atividades e ajudar os meus irmãos nas atividades deles.

Morava em uma vila de zona rural onde tinha uma Escola chamada Padre João Cobianchi, essa escola tinha uma sala de aula para todos. Dessa maneira, eu estudava em uma turma mista até a terceira série. E por falar em terceira série, eu reprovei na terceira série. Não entendia nada da disciplina de Língua portuguesa, fiquei o mês de julho de castigo estudando para fazer a prova de recuperação em agosto e no

fim daquele ano, o resultado foi a reprovação.

No ano seguinte, eu estava repetindo tudo de novo e novamente em julho eu estava de castigo, a segunda vez de recuperação em Língua Portuguesa. No entanto, ao fim daquele ano letivo fui aprovada para cursar a quarta-série.

A partir da quinta-série, teríamos que estudar em outra escola, em outra vila chamada Distrito Novo Horizonte, conhecido também por quilometro 88 (KM 88). É importante destacar que nessa época não tinha ônibus escolar, então tínhamos que ir de bicicleta todos os dias para a Escola no KM 88, a distância percorrida era de 4km para ir e mais 4km para voltar.

O máximo aqui era porque, ao passar, teríamos que ganhar uma bicicleta para poder ir estudar. Esse percurso era feito no horário da tarde pelos alunos que moravam naquela localidade.

Em relação à Educação Física, na Escola Padre João Cobianchi, tínhamos um professor que não era formado na área (com o passar dos anos fiquei sabendo dessa realidade), lembro que não tinha quadra na escola. Entretanto, o espaço era amplo e tinha um campo pequeno de areia. Era nesse espaço que aconteciam as práticas corporais de Educação Física, que se resumiam a futebol, bandeirinha, pira pega e queimada.

Ao mudar de escola, fui estudar na Escola Fernando Guilhon no KM 88, lá cursei da quinta até a oitava série. Nesse período, as práticas de Educação Física mudaram, conheci a Professora Isabel, onde através dela conheci o Voleibol, Futsal, Handebol, Atletismo e Dança (que era a pior atividade para realizar).

A professora Isabel também trabalhava em outra escola

na cidade de Ipixuna do Pará, e uma vez no ano ela realizava amistosos entre as escolas na modalidade de voleibol, handebol, futsal.

Ao concluir toda a etapa do ensino fundamental, já sabíamos que teríamos que mudar de escola de novo, pois o Ensino Médio só era ofertado na cidade de Ipixuna do Pará, que ficava a 17 km da localidade que eu morava. A outra situação era que a prefeitura só disponibilizava ônibus no turno noturno. Foi uma fase complicada até acostumar, mas era o que tínhamos naquele momento.

Além do sono que sentia ao estudar a noite, de maneira forçada, a disciplina de Educação Física não era ofertada. No entanto, na semana dos jogos todas as turmas participavam e eu participava do Voleibol, Handebol, Basquete, Queimada e Futsal. Era sempre a melhor semana do ano letivo.

Após concluir o Ensino Médio em Ipixuna do Pará, fui para Belém. Ao tentar o vestibular pela primeira vez, tentei o curso de Educação Física e não obtive êxito. E quando você se dedica durante um ano inteiro em estudar em cursinho preparatório para uma prova e no final não obtém o que almeja a frustração é enorme.

Após essa decepção, pensei em não estudar mais para o vestibular e fazer algum curso técnico que me ajudasse a conseguir um emprego rápido. Mas, alguns amigos me orientaram a voltar a estudar novamente, e voltei ao Cursinho preparatório para o vestibular; o Intensivo (aula de domingo a domingo), no ano anterior eu tinha estudado no Regular (aula de segunda a sexta). Nessa época do Intensivo, pouquíssimas vezes ia visitar minha família, tanto por tempo como por questões financeiras. Foi um esforço que ao final de todo o período foi positivo ser realizado.

Logo, no ano seguinte mudei a opção do curso, assim ingressei na Universidade Federal do Pará para cursar Pedagogia. Nesse momento encontro um mundo totalmente novo no que diz respeito ao conhecimento bem como a pesquisa. Pois é nesse curso de graduação que começo a ter contato com as pesquisas e também a fazer pesquisa, pois o Trabalho de Conclusão de Curso exigia tal ação.

No fim de 2013 tive a grata surpresa de ser aprovada para cursar o curso de Educação Física pela Universidade Federal do Pará. E aquele sentimento de frustração do início se dissipou aqui, a cada disciplina cursada eu tinha mais certeza que estava no curso certo.

Atualmente sou professora efetiva da rede Municipal de Ensino no Município de Dom Eliseu no Estado do Pará, atuo na Escola Manoelito Sande de Andrade com o componente curricular de Educação Física com os Anos Finais do Ensino Fundamental.

Trabalhar com a disciplina que você se identifica faz todo o diferencial, tanto na sua vida quanto na vida daqueles que estão a sua volta. Recentemente, tive a grata surpresa de encontrar dois ex-alunos do Ensino Fundamental já graduados em Educação Física. É muito positivo saber que você foi inspiração para alguém escolher um curso de graduação, na rápida conversa eles me relataram isso. A Professora Isabel foi a minha, e ponderei isso a ela em uma oportunidade em que nos reencontramos recentemente. Logo, Freire (2007, p. 77) aponta que “[...] ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra”, enquanto professores deixamos sinais nos alunos, tento sempre deixar algo positivo na vida de cada um.

Após a conclusão da graduação em Educação Física, achei que era necessário fazer alguma especialização. Fiz

algumas pesquisas dentro do que me interessava e optei por fazer em Treinamento Desportivo pela Uniasselvi. Ainda nessa sequência, cursei uma outra especialização em Planejamento, Implementação, Gestão em Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense.

Logo após esse período, achei que era necessário me especializar na área do voleibol, com a perspectiva de oferecer o melhor aos alunos no que diz respeito ao Treinamento de Alto Rendimento fora do espaço escolar. Assim, fiz o Curso Nacional de Treinadores Nível I e o Curso Nacional de Treinadores Nível II, ambos realizados pela Confederação Brasileira de Voleibol (CBV), para atuar na Escolinha de Voleibol.

No ano de 2023 resolvi voltar a estudar para concurso visando a Rede Estadual do Pará, uma vez que havia rumores que em breve iria sair o edital, fiz isso por alguns meses e no final de outubro uma amiga me enviou o edital do Mestrado Profissional de Educação Física em Rede Nacional. Resolvi fazer, uma vez que na minha concepção seria um teste para o ano seguinte, pois teria poucos dias para estudar todo o conteúdo proposto no Edital daquele ano.

E para minha grata surpresa e alegria fui aprovada, e novamente eu volto a estudar em uma Universidade Federal Pública e de qualidade, no entanto agora é a Universidade Federal de Tocantins. Apesar da distância, todo o esforço é válido quando fazemos algo que tanto desejamos. Dessa forma, volto novamente para o mundo da pesquisa, só que agora de uma forma mais restrita.

Freire (2008, p.92) diz que “o professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”, assim a incompetência na

profissão docente pode levar a prejuízo na formação educacional do aluno.

Educação Física é imprescindível para a formação integral do educando e por isso, Begos e Anjos (2020) defendem que a Educação Física Escolar deve ser entendida como parte de um papel relevante no processo educativo, que por sua vez está ligada à formação do indivíduo na sociedade, tendo como objetivo não somente o esporte em si, mas também no desenvolvimento humano, motor, crítico, desafiador, social e cultural.

Durante esses anos de experiência, tenho observado que o trabalho docente especificamente no componente curricular de Educação Física é extremamente importante no âmbito escolar. Dessa maneira, com a intenção de intervir de forma positiva no meu atual contexto educacional vou apresentar como recurso educacional uma proposta de Formação Continuada no sentido de que os docentes enfrentem diariamente fatores que podem vir a ocasionar o Desinvestimento Pedagógico nas aulas de Educação Física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BEGO, Gabriel Alecrim; DOS ANJOS, Jeferson Roberto Collevatti. A importância da Educação Física Escolar Para a Formação do Indivíduo na Sociedade. Revista Saúde UniToledo, v. 4, n. 1, p. 13-26, 2020.

FREITAS, Raquel Lima De; RAFAEL, Ivânia Maria De Sousa Carvalho; SOUSA, Antonio Oziêlon De Brito.

A função social da escola pública no contexto atual. XII Encontro Cearense De História Da Educação II Encontro Nacional Do Núcleo De História E Memória Da Educação. GT2 - Instituições e Cultura Escolar. ISBN 978-85-7915-171 (377 – 387). Disponível em: 2013_eve_rlfreitas.pdf (ufc.br). Acesso em: 14. Set.2024.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes à prática educativa/ Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

MORICONI, Lucimara Valdambrini. Pertencimento e Identidade. 2014. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2014. Disponível em: <https://repositorio.Uinicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=513111&tipoMidia=0>. Acesso em: 15 set. 2024.

DIFÍCULDADES E BATALHAS ENFRENTADAS PELO CAMINHO.

Daiane de Freitas Moreira.

Compartilharei um pouco de minha história até os dias atuais, considerando-me, atualmente, uma pessoa bem sucedida em minha vida profissional e familiar.

Na verdade, parando hoje e analisando como cheguei até aqui, percebo que fui levada pelas influências familiares, nem sabia mesmo o que queria ser quando crescer e a vida foi me levando até onde estou hoje.

Faço parte de uma família grande, com cinco irmãos. Por mais que meu pai fosse funcionário efetivo tanto do município de Minaçu – Go e do estado de Goiás, trabalhando 60 horas por mês, não tínhamos uma boa condição financeira, até porque somos muitos filhos e o salário não era tão bom naquela época.

Nasci no ano de 1985, sempre fui uma criança dita “normal” para os padrões da sociedade, mas extremamente tímida. Uma aluna com notas excelentes e também com ótimo comportamento, que não abria minha boca nem para fazer perguntas, nem mesmo quando tinha alguma dúvida sobre o que era exposto em aula.

Fui uma criança bem ativa, tínhamos um quintal enorme, quase que uma chácara dentro da área urbana da cidade, então pulávamos corda, elástico, inventávamos nossos brinquedos com materiais disponíveis, subíamos em árvores, brincávamos de pega – pega e esconde entre outras tantas brincadeiras maravilhosas. Gosto de relatar aos meus alunos em minhas aulas sobre brincadeiras populares em que

quando era criança não tínhamos brinquedos com preços acessíveis, então inventávamos, e um brinquedo específico que me marca a memória era a boneca feita de espiga de milho, pois meu pai sempre plantava e ficávamos ansiosas para colher as espigas para brincarmos de boneca, aquilo era empolgante, mas é lógico que meu pai limitava a quantidade até porque somos quatro mulheres, para não arriscarmos ficarmos sem milhos para o consumo com fins alimentícios.

Apesar da minha extrema timidez, existia uma contradição, porque eu gostava bastante de participar de apresentações escolares, me sentia feliz e segura quando estava ensaiando e apresentando, havia certa zona de conforto.

A proprietária de uma escola de dança local estava reservando algumas vagas de bolsas integrais para crianças das escolas públicas, então, aos meus 11 anos, participei da seleção, onde fui uma das escolhidas. Foi uma experiência maravilhosa, pois já tinha bastante afinidade com a dança, me sentia realizada e, ao mesmo tempo, privilegiada por ter essa grande oportunidade dentre pouquíssimas selecionadas, até porque meus pais não teriam condições financeiras para arcar com aqueles custos.

Lembro que a escola de dança era muito longe de casa e, mesmo com todas as dificuldades, ia muito feliz para as aulas e esse período ainda é bastante marcado positivamente em minha memória. Sou bastante grata à professora Bárbara, que me proporcionou essa prazerosa e grandiosa oportunidade.

Correa (2022, p.109) afirma que:

Em relação ao objetivo do ensino da dança no espaço escolar, identificamos que compreender a arte e, mais especificamente a dança, como uma prática artística cria ao ser

humano um meio de expressão é o que as professoras mais buscam por meio de sua docência.

Com essa afirmação feita pelo autor citado acima, deixo minha gratidão a essa professora tão dedicada, que com honra e glória conseguiu alcançar seus objetivos, me dando bagagens para chegar onde cheguei. E que com toda certeza teve certa influência também na escolha do tema do meu projeto de pesquisa.

Já a minha experiência pessoal com as aulas de Educação Física não são muito satisfatórias, pois a mesma acontecia de maneira em que tínhamos que ir na escola no contra turno, e havia somente jogos de Vôlei e Futebol, onde eu sempre era uma das últimas a ser escolhida pela falta de destreza, conhecimento e habilidades para as modalidades praticadas.

Com tudo isso, percebo o quanto é importante e o quanto fui privada de conhecimento, assim como os autores Darido (2007) e Souza Júnior (2007) reforçam que o papel da educação física é muito mais do que ensinar objetos de conhecimento, inclui os valores, atitudes e deveres dos alunos, também os mesmos têm o direito de saberem o porquê dos conceitos daquele movimento ou atividade que está sendo realizada.

Sendo assim, quando terminei o ensino médio, não sabia bem qual faculdade cursar, então fui aconselhada pelos meus pais a fazer o curso de educação física, por ter um tio que residia em Palmas–TO e também por eles acharem um bom curso que estava bastante requisitado naquele ano.

Para mim, nada veio muito fácil, precisei trabalhar bastante, não nasci em uma família de posses, tudo para mim, tive que correr atrás para conquistar. Para conseguir pagar minha faculdade trabalhei em uma farmácia que funcionava

por 24 horas, fiquei nessa empresa por sete longos e árduos anos, de segunda a sábado, feriados, mais de oito horas por dia, sobrando o domingo para estudar para as provas e fazer trabalhos acadêmicos, me abdiiquei de festas e até mesmo de meu tempo de lazer, mas sou muito grata à proprietária da farmácia, porque me deu a oportunidade de arcar com meus estudos, terminando assim minha faculdade, me dando apoio dentro do possível.

Graças ao meu esforço, em 2008 concluí o curso em quatro anos e sem nenhuma reprovação, mas percebo que tudo isso foi graças a boas escolhas, e que foram muito importantes para meu crescimento pessoal, me fez e faz dar valor até para as minhas pequenas conquistas.

Somente em 2009 fiz a prova do concurso do município de Palmas–TO e consegui ser aprovada, sendo chamada no ano seguinte para minha extrema satisfação, alegria e gratidão, por fim, poder sair da farmácia e trabalhar na área em que estava apta a atuar.

E hoje estou há quase 14 anos efetiva no município de Palmas–TO. Tenho bastante experiência com a docência, já lecionei com crianças de 4 a 12 anos. Hoje trabalho com 1º e 2º ano do ensino fundamental I, em duas escolas com estruturas opostas uma da outra, onde uma tem piscina, quadra e um espaço físico enorme, já a outra com salas pequenas, sem quadra, nem pátio e um pequeno espaço físico.

Em meu primeiro contato com a realidade da sala de aula, vou ser sincera, quase desisti, percebi que os estágios supervisionados durante a graduação não me prepararam o bastante para a minha realidade vivenciada naquele primeiro momento.

Ao assumir o concurso e me deparar com aquela situa-

ção de desespero, percebi que tinha muito a aprender. Nesse contexto, destaca-se:

Na maioria das vezes, as vivências planejadas não ocorrem como esperado, especialmente porque a concebemos com base na nossa visão de mundo. E, aqui, reside o papel da reflexão após a ação, no intuito de afinar nosso olhar para o protagonismo infantil e criar novas estratégias para a ampliação das percepções dessa gente miúda sobre si, o outro e o meio (Almeida, 2018, p.121).

Com o passar dos anos, adquiri prática e aprendi com meus erros e acertos, pois para nós, professores, a prática é uma boa escola, mas somente quando estamos realmente interessados em nos comprometer com nossa atuação docente.



Adoro essa imagem acima, pois enxergo nela uma beleza. Essa cena aconteceu em uma aula em que foi trabalhada a imaginação e imitação, com uma turma de 1º ano do ensino fundamental I. O interessante foi o envolvimento de todas as crianças na atividade proposta, em que se divertiram bastante esse dia. Mostrando também que, quando nos doa-

mos, os alunos se envolvem e a magia acontece. De acordo com Craidy e Kaercher (2001, p.90), é importante reforçar que “A partir do momento em que a criança torna-se capaz de imaginar, ela passa a desenvolver diferentes formas de expressão, como oralidade, a música e a expressão dramática, estabelecendo relação com o mundo”.

De acordo com Hurtado (1996,p.14),“ Sabe-se que a vida é movimento, que o gesto humano é uma das primeiras manifestações de expressão e, por conseguinte, de comunicação entre o ser e o meio em que vive.” Reforçando assim a importância da educação física, que está diretamente ligada ao movimento humano, enxergo com tudo isso a importância de pensarmos nossa prática diariamente.

Ao passar dos anos, percebi que era hora de ir além da experiência e voltar a estudar. Tentei por três vezes o processo seletivo para o Proef e consegui ser uma das selecionadas da turma 5. Estou muito feliz por essa oportunidade e vou me dedicar bastante para ser uma profissional ainda melhor do que sou hoje.

E com todo esse contexto em que estou inserida, cabe destacar:

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade na hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descobrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica, descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas (Freire, 1997, p.39).

Ao folhear um de meus livros, me deparei com uma poesia que me representa consideravelmente, a partir de um objeto que me acompanha durante minha trajetória profis-

sional, um calçado que coloco praticamente todos os meus dias de trabalho e me proporciona conforto. Achei bastante interessante citar em meu memorial, percebi que essa poesia me representa, tirando a parte dos saltos, fintas, giros e corrida, que a minha rotina maçante e repetitiva não permite essas práticas durante o dia, pois já fico praticamente durante as minhas oito aulas diárias em pé e andando de sala em sala. Bregolato (2002, p. 35) diz que “os objetos devem ser respeitados no sentido dos enormes benefícios que proporcionam à humanidade”, deixando com essa poesia meu respeito e agradecimento a esse maravilhoso objeto.

Tênis

Me “amarro” em você amigo objeto
Aos tantos que tive o mesmo afeto
A cada tênis novo, um carinho sincero
E tristeza no adeus ao velho.

Dia vai, dias vão
E o ritual não muda não
Lá vou eu buscar meu tênis
Calçar e amarrar o cadarço
E a cada laço é um abraço
Um carinho que quero dar-lhe.

Tênis, quantas vezes te calço
Calço, e quantos e quantos passos
Passos e mais, quantos saltos
Saltos e mais, corridas
Fintas
Giros
E mais, muito mais.

Tênis

Te amarro em mim.

Roseli Aparecida Bregolato (1994, p.35)

Sou mestrandanda do Proef atualmente e com muito orgulho, almejei bastante ser uma das selecionadas.

Em um de seus livros, Freire (1997, p. 54) afirma que “Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual elas devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se inserem nela criticamente.” Assim me sinto em relação à busca de conhecimentos, de uma forma mais crítica, para que eu possa proporcionar alguma transformação, nem que seja mínima, no meio em que estou inserida.

Estou adorando a oportunidade de voltar à faculdade e adquirir novos aprendizados com professores extremamente capacitados, me sinto privilegiada em meio a tantos outros que também almejam o mesmo.

Tem uma música que sempre me inspirou em minha caminhada e finalizo minhas lembranças com ela. Como dizia Renato Russo em um trecho de sua música: “Quem acredita sempre alcança”. Então, nunca deixe de acreditar e confiar, sou capaz em tudo que me proponho a fazer.

Para finalizar, deixo minha eterna gratidão aos meus pais principalmente, que sempre me incentivaram a nunca parar de estudar e correr atrás da minha independência financeira e sucesso na carreira profissional, e aos meus irmãos que sempre estiveram ao meu lado até mesmo nos momentos mais difíceis da minha vida. Sei que essa caminhada não será nada fácil, assim como tudo em minha vida, ainda mais sendo eu divorciada há quatro anos e com três filhos maravilhosos, mas que ainda dependem bastante de mim, exercendo o papel duplo de pai e mãe, mas tenho uma enorme rede de apoio e uma fé imensa em um ser supremo que está sempre ao meu lado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BREGOLATO, Roseli Aparecida. Cultura corporal da ginástica – coleção educação física escolar: no princípio de totalidade e na concepção histórico-crítico-social. São Paulo: Ícone, 2002.

CRAIDY, Carmen; KAERCHER, Gládis E. Educação infantil pra que te quero? Porto alegre: Artmed, 2001.

ALMEIDA, Fernanda de Souza. Dança e educação 30 experiências lúdicas com crianças. São Paulo: Summus, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

CORRÊA, Josiane Franken; SANTOS, Vera Lúcia Bertoni. Docência em dança no contexto escolar movimento em rede. Curitiba: Appris, 2022.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Para ensinar a Educação Física: possibilidades de intervenção na escola. Campinas, SP: Papirus, 2007.

HURTADO, Johann G.G. Melcherts. Educação física pré-escolar e escolar – uma abordagem psicomotora. Porto Alegre: Edita, 1996.

EDUCACÃO E ESPORTE: UM CAMINHO DE DESCOBERTAS E TRANSFORMAÇÕES.

Hitalo Matos Feitosa

Nasci e cresci em Araguaína-TO, onde construí grande parte da minha trajetória acadêmica e profissional. Desde cedo, tive uma profunda conexão com a educação e o esporte, áreas que, ao longo dos anos, moldaram minha visão de mundo e meus objetivos de vida. Acredito que a educação é uma poderosa ferramenta de transformação social, e o esporte, por sua vez, é um veículo essencial para o desenvolvimento físico, mental e social dos indivíduos.

Minha jornada escolar no ensino fundamental dos anos finais, foram na Escola Estadual Modelo. Foi nesse ambiente que minha paixão pelo esporte começou a se desenvolver. As aulas de educação física eram momentos aguardados com ansiedade e alegria, não apenas por serem uma oportunidade de praticar atividades físicas, mas também por serem momentos de aprendizado e crescimento pessoal. Os professores de educação física foram grandes influenciadores na minha formação. Eles ensinavam com entusiasmo e dedicação, incentivando todos os alunos a participarem ativamente das atividades e a explorarem seu potencial ao máximo.

Os professores de educação física que tive no ensino fundamental foram verdadeiros mentores para mim. Eles não apenas ensinaram técnicas esportivas, mas também promoveram valores como respeito, disciplina e trabalho em equipe. Segundo Darido (2003), é essencial que o professor de educação física atue como mediador de experiências sig-

nificativas, ajudando os alunos a desenvolverem habilidades socioemocionais e a compreenderem a importância da cooperação e do respeito mútuo. Esse tipo de abordagem foi fundamental para o meu desenvolvimento, pois me fez perceber o quanto o esporte pode ser transformador na vida das pessoas.

No ensino médio, estudei no Centro de Ensino Médio Paulo Freire, uma fase marcada por novas descobertas e desafios. Foi durante esse período que minha paixão pelo esporte se intensificou ainda mais. As competições esportivas e os treinamentos intensivos foram oportunidades valiosas para aprimorar minhas habilidades e aprofundar minha compreensão sobre o impacto positivo do esporte na formação de indivíduos mais saudáveis e conscientes. Os professores de educação física do CEM Paulo Freire continuaram a desempenhar um papel essencial na minha vida, não apenas como instrutores, mas também como guias e exemplos de como o esporte pode ser um caminho para a inclusão e o desenvolvimento social.

Inspirado por esses professores e pelas experiências vividas na escola, decidi seguir uma carreira que me permitisse combinar minha paixão pelo esporte com meu desejo de educar e transformar vidas. Em 2013, iniciei minha graduação em Direito na Faculdade Católica Dom Orione, formando em 2018. A escolha pelo Direito foi motivada pelo desejo de entender melhor as leis e os direitos que regem a sociedade, acreditando que esse conhecimento poderia me ajudar a promover mudanças positivas em minha comunidade. Durante o curso, me aprofundei em questões sociais e jurídicas, desenvolvendo uma visão crítica sobre a realidade brasileira. Meu trabalho de conclusão de curso, intitulado “A ineficácia do Estatuto do Desarmamento frente aos índices de violência”, orientado pelo professor Farney José

Schmaltz Caetano, refletiu meu interesse pelas questões de segurança pública e direitos humanos.

Apesar de ter concluído o curso de Direito, percebi que minha verdadeira vocação estava na educação. Essa percepção surgiu do meu desejo de trabalhar mais diretamente com pessoas, influenciar positivamente suas vidas e contribuir para uma sociedade mais justa. Em 2019, decidi buscar uma nova formação e me matriculei no curso de Formação Pedagógica para Portadores de Ensino Superior em Pedagogia, oferecido pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Essa experiência foi transformadora, pois me permitiu compreender o papel fundamental da educação na construção de uma sociedade melhor. Freire (1996) destaca que o ato de ensinar vai além da simples transmissão de conhecimentos; é uma prática que cria condições para que os alunos desenvolvam sua capacidade de aprender de forma autônoma e crítica. Esse entendimento foi um divisor de águas na minha trajetória, reforçando meu desejo de seguir uma carreira na educação.

Com o tempo, senti a necessidade de conectar minha paixão pela educação com meu amor pelo esporte. A educação física sempre foi mais do que uma prática esportiva para mim; é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento integral dos alunos. Com essa motivação, iniciei minha graduação em Educação Física - Licenciatura pelo Centro Universitário Venda Nova do Imigrante (UNIFAVENI), onde me formei. Durante esse período, pude unir minhas habilidades pedagógicas com o conhecimento técnico e prático do esporte, entendendo que a educação física é essencial para promover a saúde, o bem-estar e o desenvolvimento social dos estudantes.

Meu trabalho de conclusão de curso, intitulado “A im-

portância do professor de Educação Física no combate ao “bullying”, orientado pela professora Drieli Aparecida Rossi, refletiu meu compromisso com a promoção de um ambiente escolar saudável e inclusivo. Durante a pesquisa, percebi que o papel do professor de Educação Física vai além da instrução técnica. Segundo Darido (2003), é fundamental que o professor seja um mediador de experiências significativas que incentivem o respeito mútuo, a cooperação e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais. A partir desse entendimento, passei a ver minha atuação docente como uma oportunidade de influenciar positivamente a vida dos meus alunos, promovendo não apenas a saúde física, mas também o desenvolvimento social e emocional.

Atualmente, sou professor efetivo no município de Araúna-TO, atuando na Escola Municipal Joaquim Carlos Sabino dos Santos. Minha prática docente é orientada pela crença de que a educação física pode ser um meio para ensinar valores como respeito, solidariedade e cooperação, além de promover o bem-estar físico e mental dos estudantes. Tento criar um ambiente de aprendizagem ativo e envolvente, onde os alunos se sintam motivados a participar e a desenvolver suas habilidades. Como Vygotsky (1984) argumenta, o aprendizado é um processo que desperta uma série de processos internos de desenvolvimento, que se tornam possíveis apenas através da interação social e da cooperação entre os indivíduos. Essa perspectiva orienta minha abordagem pedagógica, buscando sempre integrar diferentes áreas do conhecimento e promover uma educação integral.

Minha trajetória na educação não se limita à sala de aula. Em 2020, participei de formações complementares em “Educação Física no contexto do ensino fundamental” e “Educação Especial” pela WR Educacional. Essas for-

mações foram essenciais para o desenvolvimento de novas habilidades e para o aprimoramento da minha prática pedagógica. Além disso, concluí uma especialização em Educação Física Escolar com Ênfase na Educação Infantil pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), que me permitiu aprofundar ainda mais meus conhecimentos na área e contribuir de forma significativa para o desenvolvimento dos meus alunos.

Outra etapa importante da minha formação foi a especialização em Neuropsicopedagogia, realizada entre 2020 e 2021 na Faculdade Intervale. Esse curso me proporcionou uma compreensão mais ampla dos processos de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo, permitindo-me adotar estratégias pedagógicas mais eficazes e inclusivas. Antunes (2002) ressalta a importância de entender como o cérebro aprende e processa informações para criar um ambiente de ensino que respeite as diferenças individuais e promova o desenvolvimento integral de todos os alunos. Essa visão tem sido fundamental na minha prática docente, pois acredito que cada aluno possui um potencial único que deve ser reconhecido e valorizado.

Como educador, estou sempre em busca de novas práticas e conhecimentos que possam enriquecer minha atuação. Meu objetivo é continuar contribuindo para a educação em Araguaína, promovendo uma aprendizagem significativa e transformadora. Através da educação física, procuro ajudar meus alunos a desenvolver habilidades que vão além do âmbito escolar, preparando para enfrentar os desafios da vida com confiança e competência.

Minha atuação profissional é marcada pela busca constante por excelência e pela vontade de fazer a diferença. Enfrentar os desafios da realidade educacional em uma cidade

do interior como Araguaína exige adaptação e criatividade. A falta de recursos e infraestrutura é uma barreira, mas acredito que a paixão pela educação e a vontade de transformar a vida dos alunos são forças que superam qualquer dificuldade. Como destaca Tardif (2002), o saber docente é constituído por uma multiplicidade de conhecimentos que vão além do conteúdo curricular, abrangendo também o conhecimento pedagógico e a experiência prática.

Como professor, tenho buscado implementar práticas pedagógicas inovadoras que promovam o engajamento ativo dos alunos. Pimenta e Lima (2004) afirmam que a prática pedagógica reflexiva é crucial para a formação de um educador crítico e comprometido com a transformação social. Em minhas aulas, tento criar oportunidades para que os alunos explorem suas habilidades e interesses de maneira significativa, promovendo um aprendizado que seja relevante e conectado com suas realidades.

Atualmente, sou mestrando no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação Física da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Minha pesquisa está focada no estudo das dificuldades enfrentadas por professores de educação física no município de Araguaína, com ênfase na escassez de materiais pedagógicos e infraestrutura.

Nos próximos anos, pretendo continuar investindo em minha formação e explorando novas metodologias que possam enriquecer minha prática docente. Meu objetivo é contribuir cada vez mais para o desenvolvimento da educação física na rede pública, ajudando a formar cidadãos conscientes e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. A educação física é mais do que uma disciplina; é uma ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Concluo este memorial refletindo sobre a importância da minha trajetória e o impacto que espero causar na vida dos meus alunos. Cada etapa da minha formação, cada desafio enfrentado, cada conquista alcançada, contribuiu para me tornar o educador que sou hoje. Acredito firmemente que a educação é o caminho para a transformação social e que, como professor, tenho a responsabilidade de ser um agente dessa mudança. Para Freire (1996), a educação deve ser um ato de amor e de coragem, comprometida com a formação de seres humanos livres e críticos, uma filosofia que tenho procurado incorporar em todas as minhas práticas educacionais.

Por fim, é importante destacar que a formação de um educador nunca termina. A busca pelo conhecimento e pelo aperfeiçoamento profissional é um compromisso que assumo com entusiasmo. A educação física tem um papel crucial na formação de cidadãos saudáveis e ativos, e estou determinado a continuar contribuindo para essa missão, inspirando meus alunos a se tornarem indivíduos completos e realizados. Como sugere Libâneo (2001), o processo educativo deve estar sempre em evolução, acompanhando as mudanças sociais e os avanços do conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, Celso. Como desenvolver as competências em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2002.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2004.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

DESISTIR NÃO É UMA OPÇÃO

Lindenberg Bastos Borba

Infância

A Educação Física não é escolhida por ninguém, não é opção de profissão, na verdade, a Educação Física escolhe os seus, e quem não é escolhido por ela, não permanece. É assim que inicio escrevendo sobre a minha vida, sobre a minha profissão. Nasci na cidade de Araguaína, em 08 de novembro de 1988, mais precisamente no final da madruga-
da, em um dia de terça-feira.

Desde o meu nascimento fui criado pelos meus avós maternos, com muitas dificuldades financeiras, mas sempre com muito amor e carinho, assim foi toda minha infância, crescendo e sendo aconselhado para percorrer os melhores caminhos desta vida, com honestidade, dignidade, perseve-
rança e amor.

Durante minha infância, morei em algumas casas dife-
rentes, com meus avós e minha tia, que foram minhas com-
panhias da infância até a fase adulta. Quando criança, meus
avós viviam trabalhando e cuidando da gente, minha tia,
sendo 10 anos mais velha que eu, gostava bastante de es-
portes e os praticava regularmente, a exemplo do futebol e
vôlei.

Ela também assistia muitos jogos na TV, seu time do co-
ração era o flamengo. Tudo isso certamente me influenciou
muito, mesmo sem entender, na época, virei flamenguista e
muito apaixonado por futebol. Foi nessa época que verme-
lho e preto viraram minhas cores prediletas, justamente por
serem as cores do meu time.

Com essa paixão pelos esportes iniciada, comecei a pra-

ticar esportes na escola e em qualquer outro lugar onde eu tinha oportunidade, principalmente na rua da minha casa, no setor Martins Jorge. Além disso, passava o final de semana inteiro assistindo aos jogos ou programas esportivos na TV.

Segundo Bracht (1997), o esporte desenvolve muitos aspectos nas crianças e adolescente, tais como, cooperação, respeito as regras, responsabilidade e o meio social. Isso quer dizer que através do esporte o ser humano passa tem a possiblidade de se desenvolver de forma integral, melhorando os aspectos fisicos, cognitivos, mentais e sociais.

Aguardava ansioso o final de semana chegar, para assistir as partidas esportivas, e principalmente para ver o programa “esporte espetacular”, que era o meu preferido. Esse programa de tv tinha em sua programação informações sobre um conjunto de esportes, mas a ênfase dele era o futebol de campo.

Ainda quando criança, iniciei numa escolinha de futebol, que era uma ação social de um ex-jogador profissional de futebol, era bem distante da minha casa, e pelas baixas condições financeiras o meu único meio de transporte era uma bicicleta, fiquei pouco meses, nesse curto tempo desempenhei bem nos treinamentos, mas tive que abandonar para iniciar a catequese na Igreja católica.

Naquele momento, veio um sentimento de desistência do sonho de se tornar um jogador de futebol, que é o objetivo de quase todo garoto. Todos os meus amigos me elogiam muito durante os jogos, a propósito, eu tinha bastante habilidade para o esporte.

O desejo de jogar futebol corria pelas minhas veias, eu jogava em qualquer oportunidade, disputando campeona-

tos e jogos apostados. Eu era considerado, por muitos, o melhor jogador do bairro, o mais habilidoso e sempre era cotado para jogos e campeonatos.

Mesmo não conseguindo ser jogador, continuei estudando e fui moldado a ter princípios e ser um cidadão honesto. Foi o que meus avós me ensinaram, eles não tiveram oportunidade de estudar e ter conhecimento científico, mas o conhecimento oriundo das experiências de vida que eles tinham era magnífico, e isso foi o que mais aprendi vivendo com eles.

Compreendi que não preciso passar por alguma situação para entender que não daria certo, bastava pedir conselhos, esse era meu atalho para não cometer erros. Eles foram fundamentais para o meu desenvolvimento como cidadão, ensinaram-me tudo o que sei, e tudo o que sou veio deles.

Educação e Primeiros Passos

Realizei todo o meu Ensino Fundamental em Araguaína, a primeira escola que estudei foi a Escola Municipal Olavo Bilac, essa tinha quadra poliesportiva, mas fiquei poucos anos, depois fui matriculado em outra, a Escola Conveniada Aspa, uma instituição Cristã evangélica, que tinha convênio com a Secretaria Estadual de Educação, nessa já não tinha quadra de esportes, ou seja, a estrutura física era inferior.

Em toda escola em que estudava, algo que me enchia os olhos, eram os jogos esportivos, viver aquilo era magnífico, as rivalidades entre as turmas, a zoação com a turma derrotada, na minha cabeça toda aquele momento era de festa, era de magia. Mesmo sem uma quadra construída, os jogos eram disputados em um terrão em frente as salas, as turmas ficavam ansiosas para o final do ano, para o início das disputas dos jogos esportivos.

Após concluir a 6^a série do Ensino Fundamental na Escola Aspa (que não ofertava as demais séries), foi necessária a minha transferência para a Escola Estadual João Guilherme Leite Kunze. Estava com 13 anos quando cheguei à nova Escola, bem no início da adolescência, novas amizades, novos professores, uma escola bem maior, diferente da realidade que vivia antes.

Nessa época comecei ter as primeiras experiências com as namoradinhas, também passei a enxergar como o mundo funciona de verdade. Nesta escola participei de muitos eventos, além dos interclasses que eram muito disputados, pude participar também de algumas festas juninas e festivais de Hip Hop.

Os interclasses marcaram muito a minha memória, foram dois anos bem intensos nessa escola, nesse período ocorreram as disputas de dois eventos de jogos, e eu me consagrei campeão nos dois. Lembro-me bem que para conseguirmos ter os eventos, tínhamos que limpar o espaço ao lado da escola, onde eram disputadas as partidas de futebol e vôlei, apesar da escola ser grande também não tinha quadra de esportes.

Além disso, tínhamos que arrancar as árvores ao redor para confeccionar as traves (baliza) dos gols. Não haviam bons materiais esportivos na escola, e isso era bem frequente, então para que os jogos pudessem acontecer, muitas vezes os professores tinham que comprar as bolas com dinheiro do próprio bolso. Isso de certa forma desestimulavam os profissionais de realizarem os eventos esportivos dentro da escola. A falta de materiais indica falta de valorização, ou seja, a Educação Física sofrendo com a negligência de gestores escolares. Com isso, gera retrocesso no ensino aprendizado, além de aumentar as problemáticas da educação

física, que inicia desde cedo na vida dos estudantes

De acordo com Darido (2004), problemas estruturais dentro da escola podem ser motivos para a redução da atividade física dos alunos nas aulas. É certo que nenhum professor vai levar qualidade ao ensino se não houver condições mínimas de materiais para isto. O cálculo é simples, quanto melhor as condições de trabalho, melhores são os resultados.

Todas essas experiências com esportes, jogos, disputas, rivalidades, vitórias, e derrotas, aumentou ainda mais a paixão no meu coração, um sentimento que se intensificava todos os dias. Minha preocupação era se a seleção brasileira iria ganhar os jogos das eliminatórias para a copa do mundo e se classificar em primeiro. Mas com toda essa vontade e paixão, ainda não pensava em transformar esse sentimento em profissão.

Esse período foi maravilhoso, mas com uma exceção, na minha vida particular, foi um dos piores momentos, uma situação que me emociona até hoje ao recordar. O meu avô, que era minha referência de homem, de caráter, de vigor e de força, depois de passar mal durante alguns dias, foi pego de surpresa com um diagnóstico de câncer no cérebro.

Isso me tirou o chão, fiquei muito abalado com essa notícia, fizemos tudo que podíamos, meu avô fez uma cirurgia, até foi transferido para um tratamento na cidade de Terezina no Piauí, mas todos esses esforços para salvá-lo não foram suficientes. E em março de 2003, ele faleceu, deixando um vazio gigantesco em nossas vidas e, principalmente, em meu coração.

Passou um ano, terminei o Ensino Fundamental, e em 2005 ingressei no Ensino Médio, muito motivado para ter

novas experiências nessa nova etapa. Foram três anos de muita felicidade, fiz muitas amizades, continuei disputando jogos, contudo, com menos frequência.

A paixão pelos esportes continuava queimando no meu coração, e mesmo sendo um flamenguista apaixonado, nessa época sofria bastante, pois meu time não estava estruturado financeiramente como nos dias atuais, ou seja, cada jogo era uma raiva. Ainda sem perspectiva de profissão, no final do primeiro ano, decidi fazer uma prova no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), para a vaga de mecânico de manutenção, mais precisamente de torneiro mecânico.

Iniciei esse curso muito motivado como sempre, aprendi muito, obtive conhecimentos que até hoje levo comigo, como eletricidade básica. Estudava pela manhã e fazia o curso a tarde, tornei-me mecânico ao final do curso, que durou dois anos, e por coincidência finalizei na mesma época que terminei também o Ensino Médio.

No final do curso, conclui um mini trator que estava sendo confeccionado em cada etapa do processo, tenho-o guardado até hoje. Outro momento que me marcou bastante, nessa época, foi o intercurso de futsal. Eram seis cursos simultâneos no SENAI, quantidade que possibilitou as disputas dos jogos. E para variar, novamente me tornei campeão, dessa vez com meus amigos de curso em uma final que chegamos como zebra, isso mesmo, não éramos considerados os melhores, mas mesmo assim, com muitas dificuldades, conseguimos vencer a final e nos consagrar vencedores do torneio.

Depois que o curso terminou, cada aluno tomou seu rumo, uns seguiram sendo mecânico, outros começaram a carreira e depois abordaram, assim como eu, e outros nem

iniciaram. Mas a vida é assim, amigos vem e vão, cada um escolhe o seu destino, escolhe o melhor para seguir.

No Ensino Médio, já pensando em outras possibilidades de profissão, comecei a observar a minha professora de Educação Física, sua forma de dar aula, na sua didática. Depois disso, questionei-a sobre como era o curso de Educação Física na faculdade, quais eram os desafios, as dificuldades, ela fez alguns relatos e após isso, me encorajou a estudar esse curso.

No final do Ensino Médio, precisei decidir o que eu realmente buscava, se era seguir meu coração e prestar vestibular para Educação Física ou pensar no lado financeiro e fazer vestibular para medicina, já que a profissão de professor, nessa época, era conhecida por ser mal remunerado.

Comecei a estudar na biblioteca municipal de Araguaína, poucos meses antes de finalizar o Ensino Médio, decidi fazer as duas provas, para Educação Física e para Medicina também. Realizei as provas, e não consegui nota suficiente para aprovação em Medicina, visto que o curso sempre foi bastante concorrido, além de ser a primeira vez que a UFT ofertava o curso de Medicina no vestibular.

Mas acabei sendo aprovado para Educação Física, na faculdade chamada de I.T.P.A.C – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos, conhecida atualmente como UNITPAC. Resolvi fazer a matrícula e iniciar os estudos nesse curso, esse início foi bem complicado. Para realizar a matrícula, era necessário um adiantamento de um certo valor, mais uma dificuldade enfrentada, minha família não tinha recursos financeiros, foi bem complicado conseguir. A matrícula só foi feita porque pegamos dinheiro emprestado com terceiros.

Vida Acadêmica

Iniciei o estudo do curso de licenciatura em Educação Física no ano de 2007, em Araguaína. Esse começo foi bastante difícil, na época, aos 18 anos, eu ainda não tinha conseguido trabalho, e a mensalidade do curso girava em torno de um salário mínimo.

O primeiro ano foi o mais difícil, justamente por esse motivo, então minha avó e minha mãe juntaram dinheiro todos os meses para quitar as mensalidades. Minha avó era aposentada e, às vezes, fazia alguns trabalhos extras, já a minha mãe, que trabalhava de empregada doméstica, fazia de tudo para pagar minha faculdade, ela ainda tinha três filhos em casa que dependiam dela, morava em Palmas e ganhava bem pouco, sofreu muito para me enviar dinheiro.

Essa dificuldade só acabou quando finalmente consegui um trabalho em uma fábrica de tecido, a primeira da região norte do Brasil, na época, chamava-se Palmatex - Indústria Têxtil. Depois que iniciei no trabalho, nunca mais precisei pedir dinheiro a elas para o custeio das despesas com a faculdade. Após isso, fiquei mais tranquilo e calmo para me concentrar melhor nos estudos.

Os outros anos da faculdade foram desafiadores, fazia o percurso de bicicleta todos os dias, o que me economizava tempo, mas não durou muito. Alguns meses depois fui furtado, levaram a bicicleta. Nesse período, não tinha carona e muito menos veículo disponível para ir estudar, ou seja, tive que fazer todo o percurso a pé. Da casa em que eu morava até a faculdade eram 4 km, mais ou menos 30 minutos caminhando.

Foram exatamente seis meses nessa rotina, do meu dinheiro não sobrava nada, ganhava apenas um salário mí-

nimo que era usado para quitar as mensalidades da faculdade. Isso quer dizer que, mesmo trabalhando, ainda era totalmente dependente dos meus avós. E vendo toda essa dificuldade, meu padrinho Pedro, resolveu me presentear com uma bicicleta.

Isso aliviou o meu cansaço, pelo menos o de ir e voltar da faculdade. Mas o período acadêmico foi cheio de surpresas e desafios. Logo no primeiro semestre, tive que realizar o primeiro estágio supervisionado com crianças do Ensino Infantil. Essa etapa me exigiu muito, era uma experiência que nunca tinha vivenciado. Mas acabei me saindo bem, consegui ministrar as aulas de acordo com o planejamento feito, e claro, com alguns imprevistos que sempre acontecem.

Os anos foram passando, e as dificuldades do curso foram aumentando, a matéria de natação chegou e junto com ela também veio o medo. Então surgiu a grande dúvida, como vou fazer uma matéria dessa, se não sei nadar? Uma angústia sem fim, muito medo de não conseguir, mas mesmo sem falar para ninguém desse receio, iniciei as aulas, tendo muitas dificuldades.

Aos poucos fui aprendendo os nados, aprendendo a didática do ensino, e para minha surpresa, a avaliação final da matéria era fazer o nado Crawl em uma piscina de 25 metros, dando duas voltas, em um tempo determinado pelo professor. No final das contas, não consegui realizar o nado com as técnicas desejadas até o fim, muito menos fazer dentro do tempo esperado, realizei o nado dentro das minhas possibilidades, mas o professor compreendeu todo o contexto que estava inserido e acabou me aprovando.

Passei por muitas modalidades esportivas dentro da grande curricular do curso de Educação Física, entre eles a gi-

nástica, essa modalidade me exigiu muito. Nunca fui bom em dança, e a ginástica naquele período veio para me humilhar. A professora era excelente, o ruim da história era eu mesmo. Não tinha facilidade com ritmo, meu corpo não obedecia a minha mente, isso foi bastante problemático no decorrer do semestre.

Para a avaliação final, a professora pediu para que os alunos criassem uma coreografia de ginástica rítmica com todos os movimentos obrigatórios, e para piorar, tinha que usar um short térmico como vestimenta obrigatória, daqueles bem apertados, na frente de toda a turma. Mas no final consegui criar e executar a coreografia, realizando todos os movimentos obrigatórios.

Minha vida acadêmica não foi só de dificuldades, houve momentos felizes e de alegria. Momentos em que realizamos eventos de aventura na natureza, eventos para crianças nas escolas, entre outros, momentos em que foram compartilhadas a tensão da rotina, união e garra. Tudo isso para contabilizar as horas extras que o curso exigia. Sem falar nas festinhas que a turma organizava para tirar um pouco da sobrecarga dos estudos.

Foram muitos momentos vividos e compartilhados, mas tudo ficou mais difícil quando iniciei o projeto de pesquisa. Algo totalmente novo, tive muitas dificuldades, meu professor orientador não era muito presente, o que dificultava ainda mais a situação, além de ter pouco tempo para a apresentação.

Resolvi abordar o tema da obesidade infantil em escolas públicas, um assunto que me deixava curioso, iniciei o projeto e vivia uma correria sem fim. Além de trabalhar e estudar, ainda tinha que achar tempo para realizar as pesquisas necessárias. A escola da pesquisa era bem próxima à casa

em que eu morava, isso serviu para minimizar as dificuldades do momento.

Ao final de 2010, finalmente consegui entregar a dissertação e receber a aprovação. Finalizei os quatro anos de estudos depois de muitas dificuldades e de muito suor derramado. Nesse período, vivi um dos momentos mais especiais da minha vida, uma sensação incrível ao subir naquela passarela e caminhar em direção ao tão sonhado canudo, que seria entregue pelos meus professores.

Entender que todos os obstáculos que vivenciei durante o curso foram superados e sentir aquele gosto de vitória, foi algo que eu nunca tinha sentido antes, totalmente novo e inesquecível. Lembranças que vou carregar para o resto da minha vida, uma sensação maravilhosa.

Início da Carreira

Depois da formatura, fiquei por alguns dias um pouco perdido, sem saber o que fazer, acredito que seja uma sensação que todos os recém-formados passam. Após alguns dias, decidi procurar contratos de professor no serviço público, foi quando me deparei com as primeiras dificuldades pós-formatura.

Passei dias procurando vagas nas escolas de Araguaína, inclusive, fui à Secretaria de Educação, mas não consegui nada. Fiquei alguns dias refletindo e pensando em estratégias, eu estava muito motivado para conseguir meu primeiro trabalho formado, sendo um profissional da educação física.

Então decidi mudar de Estado, conversei com minha tia que mora no Pará, na cidade de Marabá, em um povoado chamado Morada Nova. Ela concordou em me acolher para me ajudar nesse desafio. Nessa época, eu estava morando

apenas com o meu irmão, na casa do setor Martins Jorge, minha avó já não morava mais naquela casa, pois tinha ido morar com a minha tia para ajudá-la no resguardo dos seus filhos gêmeos.

Então, naquela situação, era o momento de pensar em mim, na minha carreira profissional. Mas claro, toda decisão é difícil, deixar a cidade natal, os amigos, parte da família não é fácil, mas decisões difíceis assim são tomadas durante toda nossa vida, e assim fiz, meu objetivo naquele momento era trabalhar.

Cheguei em Marabá no início de 2011, uma cidade com pouca organização, mas com muitas oportunidades. Comecei então a busca pelo primeiro trabalho, passei exatamente duas semanas aguardando contatos das Secretarias, por intermédio de uma amiga, mas essa estratégia não deu certo. Então decidi meter a cara, percorri algumas escolas e finalmente fui à Secretaria Municipal de Educação, onde consegui uma vaga de professor substituto.

Logo no início, já me deparei com muitos problemas, falta de materiais pedagógicos, de estrutura física e de metodologia de aulas. Colegas professores desestimulados, sem ânimos, devido às péssimas condições, alguns até mesmo com problemas psicológicos. Desde sempre existe uma busca incessante para um reconhecimento e uma valorização do profissional dentro da escola.

Segundo Azevedo et al. (2010), a valorização do professor dentro da escola é parte do princípio da oferta de formações continuadas, para que o profissional se qualifique e leve qualidade ao ensino dos jovens escolares. Mas qualificar o profissional, e não qualificar o ambiente de trabalho não faz muito sentido.

No armário da Educação Física tinham poucas bolas, sendo de alguns esportes diferentes, mas todas totalmente desgastadas e velhas, era bastante difícil trabalhar com aqueles materiais. Os próprios alunos reclamavam e relatavam que esse problema era antigo na escola, que não havia reposição desses materiais.

A escola não tinha teto na quadra, e o piso era bastante esburacado, parecendo mais uma calçada velha, quase não tinham nem marcações. Mas o que me chamou mais atenção, foi como o componente curricular da Educação Física dentro da escola era deixado de lado. Qualquer componente curricular que não é tratando com o devido respeito e valorização é esquecido.

Os alunos faziam as aulas no contraturno, muito diferente das aulas do meu estágio, e das aulas do Estado do Tocantins. Darido (2004) relata que aulas em períodos alternativos favorece demais para a redução dos alunos nas aulas, ou seja, há um aumento do afastamento das atividades físicas dentro da escola.

As aulas nesse formato metodológico favorecem às faltas, consequentemente, dificulta o aprendizado dos estudantes nas aulas de Educação Física. O tempo passou, e eu fiquei em Marabá por quase seis meses, até receber uma ligação da minha mãe que morava em Palmas.

Tudo mudou quando minha mãe me propôs ir morar com ela na cidade de Palmas, capital do Tocantins. Ela trabalhava na Secretaria de uma escola de tempo integral, a Escola de Tempo Integral Rachel de Queiroz, e me indicou para uma vaga que surgiu, justamente para professor de Educação Física. Aceitei na hora, sem pensar duas vezes, porque de certa forma minha vida ficaria mais fácil morando com minha mãe e trabalhando juntos na mesma escola.

E assim eu fiz, passou-se alguns meses, e aquela realidade que eu vivi em uma escola com péssimas estruturas mudou, a escola de tempo integral, geralmente, tem uma estrutura grande e completa. Também melhorou a questão dos matérias pedagógicos, porque a instituição me oferecia muitos materiais com bastante variedade.

No meu primeiro contato com escola de tempo integral tudo era novidade, mas claro, nem tudo são flores. A quadra dessa escola também não tinha cobertura, e isso foi a principal dificuldade. No período de verão, em Palmas, as temperaturas são altíssimas, e dar aula para uma turma com 30 ou 40 alunos, às 15 horas, em uma quadra sem teto é totalmente inviável.

Os meses se passaram, o contrato acabou e não foi renovado, assim reiniciou aquela luta em buscar novas escolas e novos contratos, e cada vez foi ficando mais difícil conseguir uma vaga. No início, pegava contratos de um ano, mas a situação foi piorando e as últimas vagas eram contratos de apenas dois ou três meses, lembro-me que cheguei a pegar um contrato de 15 dias, situação totalmente absurda.

Mesmo com tudo isso, fui encontrando e pegando algumas vagas, mas sempre de substituto. Trabalhei em várias escolas estaduais dentro de Palmas, e com toda essa situação foi gerando dentro de mim uma revolta, até chegar um momento do ápice da indignação, com bastante raiva decidi parar, e não busquei mais nada.

Nesse intervalo de tempo, refletindo e pensando em como poderia resolver essa situação que eu me encontrava, decidi, de fato, começar a estudar. Depender de políticos para conseguir um contrato público realmente não era minha praia, perder tempo indo à Assembleia Legislativa ou uma Câmara Municipal para receber um não era bem cons-

trangedor.

A decisão de estudar não seria fácil, conversei com minha mãe, para que ela me ajudasse nessa etapa, e com muita sinceridade, foi bastante difícil. Ter 23 anos e depender financeiramente dos pais, no meu caso, da minha mãe, não é uma situação agradável para o psicológico de um homem, esse período vivido, sem dúvida nenhuma, foi uma das fases com mais tensão da minha vida.

Neste pequeno espaço de tempo, de mais ou menos um ano de estudo, realizei cinco concursos públicos, a maioria deles era para outras áreas de curso superior, no caso, para analista. Desses concursos, apenas dois eram para área da educação, o primeiro foi em Brasília, viajei sem conhecer a cidade, fiz a prova, mas com pouco tempo de estudo não obtive êxito.

O último concurso do ano de 2013 foi para educação do Município de Palmas, fiz a inscrição, paguei e realizei a prova muito nervoso, minhas mãos tremiam, esperei sair o resultado e finalmente conquistei a minha aprovação. Um período difícil, mas com muita resiliência, força e determinação, fui abençoado por Deus.

Consolidação profissional

No ano de 2014, mesmo sabendo que estava aprovado no concurso, ainda trabalhava de contrato, nesse período tive dificuldades para tomar posse, tinha acabado de sair da casa da minha mãe, devido uma divergência de princípios. E um fato que mexeu muito comigo, foi exatamente próximo de ser convocado, estava sem nenhum dinheiro, porque nessa época os contratos ficavam três meses sem receber.

Então sem dinheiro nenhum, nem para comer, lembro-me de pedir para almoçar na casa dos meus amigos, um

amigo diferente por dia, não queria que ninguém soubesse, isso durou mais ou menos uma semana, colocava muita comida no prato, porque só iria comer novamente no almoço do outro dia, ou seja, fazia um jejum forçado de 24 horas.

Quando saiu a convocação, ainda sem dinheiro nenhum, precisei fazer um empréstimo na boca do caixa, desses que os juros são absurdos, lembro-me que peguei R\$800,00 (oitocentos reais) reais para realizar todos os exames necessários para a posse do concurso, esses R\$800,00 se tornaram R\$1.300,00 (mil e trezentos reais) reais para serem pagos ao banco, pagamento realizado em oito vezes de R\$162,50 centavos.

Realizei a posse no mês de outubro de 2014, foi um momento de grande felicidade saber que consegui chegar ao meu objetivo principal, que era ser efetivo do quadro da educação do Município de Palmas. Para tomar posse, tive que escolher entre duas opções, as 40 horas semanais em uma escola de tempo integral ou dividir a carga horário em duas escolas de tempo parcial.

Pelo momento que eu vivia nessa época, com grandes problemas financeiros, decidi trabalhar na escola de tempo integral, na E.T.I Caroline Campelo. Decisão tomada por apenas um critério, economizar dinheiro. Porque na escola de tempo integral eu conseguiria economizar no combustível e no dinheiro com a alimentação.

Na escola Caroline Campelo, eu ficaria o dia inteiro dando aula, já nas de tempo parcial, teria uma logística maior, ou seja, iria gastar bastante com combustível. Além disso, eu teria que fazer almoço ou comprar feito todos os dias, o que me afetaria financeiramente naquele momento.

Precisei mais ou menos de um ano para me estabilizar

financeiramente, depois disso, procurei economizar para comprar minha casa, aos poucos estava realizando os meus sonhos. Mesmo com tantas realizações acontecendo, em 2015 foi um dos piores momentos da minha vida pessoal, muitos problemas aconteceram na família, nos relacionamentos, enfim, foi muito complicado.

Mas uma coisa maravilhosa aconteceu neste mesmo ano, em dezembro de 2015 conheci uma mulher, chamada Kelly Cristiane, estudante do curso de direito, residente na cidade de Araguaína, e fiquei apaixonado. Começamos a nos relacionar, e entre altos e baixos persistimos juntos e passamos por todos esses problemas.

Passaram-se dois anos e eu continuava com minha meta de economizar dinheiro para comprar minha casa. Vendi um lote em Luzimangues, região de Porto Nacional, que fica depois da ponte Fernando Henrique Cardoso, sentido Paraíso do Tocantins.

Com a venda desse lote, mais o dinheiro que economizei por alguns meses, consegui efetuar a compra da casa. Minha mudança de residência aconteceu em 21 de abril de 2016. Sair de onde saí e comprar uma casa, sem a ajuda de ninguém, apenas pelo meu esforço, foi motivo de muito orgulho.

E assim a minha vida foi prosperando, em 2017 vendi a moto que eu tinha, juntei com o dinheiro de um empréstimo e comprei um carro, foram anos especiais, momentos de bastante felicidade. No mesmo ano, mais uma decisão importante, minha namorada veio morar comigo, realizando outro sonho, o de formar uma família linda e abençoada.

O ano de 2018 teve um momento grandioso, além de ter realizado o sonho de seguir uma carreira que fui apaixonan-

do desde pequeno, realizei um desejo antigo que tinha no coração, o desejo de ser empresário, dono do meu dinheiro, do meu tempo, com liberdade financeira e principalmente geográfica, poder estar em qualquer lugar e trabalhar quando eu quiser sempre foi uma vontade.

Foi então que tentei realizar esse sonho com minha esposa, abrimos uma loja de roupas femininas na avenida Tocantins em Taquaralto, na cidade de Palmas, a loja foi batizada com o nome da minha esposa, “Cris Vieira”, era um anseio sendo realizado. Ter um empreendimento, um investimento financeiro, ser um empresário renomado conhecido dentro da cidade, dentro do estado.

Estava tudo indo bem, a loja dando lucro, minha esposa trabalhando nela, até que no início de 2019, veio uma pandemia, conhecida por COVID19, foi um caos no Brasil. Os governantes estavam obrigando a fechar todos os estabelecimentos, causando um prejuízo econômico absurdo. Os grandes empresários perdendo lojas e os pequenos se desesperando, sem conseguir vender, sem levar alimento para suas casas, isso foi devastador.

Por esse motivo fechamos a nossa loja, perdemos praticamente tudo que foi investido, tivemos um grande prejuízo. Mesmo com tudo isso, ainda conseguimos vender os móveis e as roupas que sobraram, foi um momento muito delicado em nossas vidas, pois naquele instante estávamos enterrando um sonho, sem perspectiva de um dia retomá-lo.

A vida seguiu, continuei trabalhando como professor, passaram-se meses e realizei alguns cursos para obtenção de horas que eram necessárias para aplicação no plano de carreira, ao término consegui um aumento de 20% no salário base, dando uma alavancada nas finanças.

Passei uns três anos parado, sem outros objetivos, apenas trabalhando. Mas em 2020 resolvi fazer uma pós-graduação, mais uma vez para obtenção de melhoria no plano de carreira, dessa vez, sairia de professor nível II, para nível III, o que aumentou bastante o meu salário. Além do financeiro, o conhecimento também é um fator muito importante, um professor deve se atualizar para buscar novas metodologias.

De acordo com Növoa (2010), o desenvolvimento profissional deve ser contínuo, afim de produzir novos formatos de ensino ou metodologias educacionais. O aprendizado é eterno, não há limites, enquanto houver vida haverá ensino, haverá aprendizagens.

Continuando nesta jornada, em 2022 realizei outro grande sonho, subir ao altar com a mulher da minha vida, depois de muitos pedidos por parte da minha esposa, afinal, já estávamos há alguns anos morando juntos, decidimos então oficializar a nossa união. O casamento de forma oficial foi realizado em julho, na minha cidade natal, Araguaína. Foi um evento maravilho, com bastante comida, música e alegria.

Alguns da minha família, e a maioria da família dela. Todos reunidos no casamento para festejar e comemorar esta festa linda. Meu coração se alegrou, fiquei emocionado, porque estava realizando meu sonho e fazendo a vontade de Deus. Após o casamento, fomos curtir nossa lua de mel.

Desafios e Planos

A fim de melhorar a qualidade de vida da minha família e obter mais conhecimento específico na área, senti o desejo no coração de aumentar o nível no plano de carreira, ou seja, sair do nível III e avançar para o nível IV, resolvi então

fazer um mestrado.

Fiquei sabendo de um mestrado profissional que a UFT estava disponibilizando para professores da rede pública no exercício da função. Encaixei-me em todos os critérios, fiz a inscrição e no final de 2023 realizei a prova, consegui a aprovação, e iniciei as aulas no começo de 2024.

O início do mestrado foi fantástico, cada matéria com um professor, conhecimentos diferentes e um aprendizado maximizado. Mas a dificuldade de conseguir conciliar família, trabalho, autocuidado, vida social e estudos começou a aumentar. Estudar sendo bancado pelos pais é fácil, agora estudar e ao mesmo tempo cuidar de tudo que foi citado e conseguir um bom desempenho é bem complicado.

São muitas atividades de forma simultânea no mestrado, além das atividades da plataforma, tem o projeto de pesquisa, que literalmente não é simples. Estou deixando de descansar aos finais de semana para fazer essas atividades, não tem sido fácil, mas com muita determinação chegarei aos meus objetivos.

O mês de agosto de 2024, sem dúvidas, ficou marcado na minha memória. Foi o mês que realizei a vontade mais forte que tinha em meu coração, um verdadeiro sonho que foi realizado, depois de muitas tentativas, depois de alguns tratamentos e quando eu já estava perdendo a fé. Deus me abençoou em um momento que eu não esperava, ele me deu a oportunidade de finalmente ser pai.

Foram muitas orações, muitos choros, até chegar este momento de ser agraciado com a missão de cuidar de uma vida. A tarefa de fato é de muita responsabilidade, mas dentro mim, sentia que era o que ainda estava me faltando, um filho para cuidar, para ensinar, para falar de Deus.

Ainda não sabemos se o bebê é menino ou menina, mas isso é o que menos importa, na verdade, é apenas um pequeno detalhe que Deus preparou. O mais importante é que nasça com muita saúde, que seja um bebê saudável, forte e inteligente. Ficamos em choque quando descobrimos a gravidez, foi maravilhoso, magnífico, choramos muito, um momento que ficou marcado para sempre.

Sei que agora serão muitos desafios, a criação de uma criança não é algo fácil, mas certamente Deus me dará discernimento, inteligência, sabedoria para lidar com todas as situações do dia a dia. E todos os dias quando eu olhar para meu filho(a) me lembrei da bondade do meu Senhor.

Com minha família completa, os próximos serão, primeiro, terminar o mestrado, posteriormente fazer um doutorado, com o propósito de mais uma vez subir de nível e obter mais conhecimento, e por fim, organizar todo a minha vida para voltar a investir em um negócio próprio, aquele desejo de empreender que não morreu, mas ficou guardado.

Aquele sonho de ser empresário está mais vivo do que nunca, ele está aqui guardado no meu coração e sei que em algum momento vou conseguir realizá-lo. Mas antes, preciso reajustar minha vida por completo, pois para abrir um negócio, além de qualquer outra coisa, precisa de muita dedicação e principalmente organização.

Reflexões Finais

Aos 35 anos de idade finalizo este memorial, sabendo que ainda há muito para conquistar. Toda essa estrada que percorri até aqui foi muito desafiadora, cada obstáculo vencido, cada instante de choro, de tristeza, ajudou-me de alguma forma para que pudesse conseguir tudo que tenho e

que sou hoje. Isso em todos os sentidos, financeiro, social, espiritual e familiar, as situações e experiências servem para criar uma casca, tornando-me mais forte para superar qualquer desfio que aparecer.

A vida muitas vezes nos traz surpresas, algumas agradáveis e outras não. O fato de nascer e viver neste mundo já é complicado, mas se empenhar para vencer não custa nada, ser um homem determinado e corajoso pode ser a diferença entre ter sucesso ou fracasso. Lutar, persistir, avançar devem fazer parte do dia a dia de um homem.

O empenho é extremamente necessário para formar e moldar quem somos, mas entre tudo que foi dito, o mais importante não são coisas, e sim as pessoas. O amor é um sentimento puro e verdadeiro, só entregamos esse sentimento a pessoas, nossa família e nossos amigos mais chegados. Nada do que vivi foi em vão, tudo tem um sentido, um propósito, uma direção, minha vida é guiada por Deus, ele é o dono dela, e sou totalmente feliz com isso.

Ainda vou realizar este último sonho, de ser empresário, e dentro desse, tenho muitas outras ramificações de sonhos, ou seja, através do primeiro, conseguirei alcançar outros objetivos de vida. E para finalizar este memorial, cito o que falei no início, quando se há paixão pelo faz, ninguém escolhe a profissão, na verdade, a profissão escolhe o profissional.

O trabalho deixa de ser um fardo e passa a ser um prazer. Por fim, deixo minha última mensagem, não importa o que aconteça, sonhe sempre, tenha fé, Deus está no controle de tudo, ele guiará os teus passos. Deus foi e é minha motivação, sem ele, não conseguiria crescer e progredir, ele me sustentou até aqui, e estará comigo até meu último dia.

Referências bibliográficas

DARIDO, S. C. A Educação Física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 61-80, jan./mar. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551/18264>. Acesso em: 14 setembro 2024.

BRACHT, Valter. Educação Física e Aprendizagem Social. 2. ed. Porto Alegre: Magister, 1997. Disponível em: https://www.academia.edu/33554857/Educacao_Fisica_e_Aprendizagem_Social_Valter_Bracht. Acesso em: 14 setembro 2024.

AZEVEDO, Andréa Maria Pires; OLIVEIRA, Glycia Melo; SILVA, Priscila Pinto Costa; NÓBREGA, Thereza Karolina Sarmento; SOUZA JÚNIOR, Marcílio. Formação Revista Movimento Porto Alegre. Porto Alegre, v. 04, pág. 245-262, outubro/dezembro de 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/11809/10854>. Acesso em: 14 setembro 2024.

NÓVOA, António. Professores: Imagens do futuro presente. Lisboa, 2009. Disponível em: <https://pibid.unespar.edu.br/noticias/antonio-novoa-2009-professores-imag-do-futuro-presente.pdf>. Acesso em: 14 setembro 2024.

ENTRE QUADRAS E SALAS DE AULA: O PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DE ALUNO A PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

Marcos Vinicius Oliveira Pinheiro

A escrita sobre fatos pessoais se mostra desafiadora na medida em que expomos e relembramos o passado, trazendo à tona a trajetória de vida e como as escolhas, erros, acertos e o meio social vivenciado formaram a pessoa do presente momento. Um exercício desafiador e intrigante. Embarcando nessa jornada da vida, viajamos até o município de Conceição do Araguaia, no estado do Pará, cidade natal deste professor, uma cidade típica do interior, com pouco mais de 40 mil habitantes.

Iniciei minha vida discente aos seis anos em uma creche (nome da creche do bairro, que atualmente não existe mais). Confesso que, de início, não me dava bem com os estudos. Ainda me recordo das vezes que fugia da creche, pulando a janela da sala enquanto a professora se distraía.

Ingressei no primeiro ciclo do Ensino Fundamental na Escola Municipal Luzia Mourão de Almeida. Ali se inicia minha história com a Educação Física e suas práticas. Permaneci na unidade escolar pelos cinco anos que correspondem às turmas de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental. Vivenciei e me encantei pelas aulas de Educação Física, apesar de ter experimentado nesse período apenas atividades relacionadas ao esporte e brincadeiras populares. Nunes (2011) afirma que “A hegemonia do esporte nas aulas de Educação Física reflete uma visão tradicional que privilegia a competição e o rendimento em detrimento de outras

formas de expressão corporal e desenvolvimento integral do aluno.”

Embora tenha sofrido com chacotas e bullying por apresentar sobre peso e não ser praticante de futebol, comecei a me destacar na área da dança, mais especificamente nas quadrilhas juninas, tanto da escola como do bairro onde morava. A dança me proporcionou um grande ciclo de amizades e um desenvolvimento motor que supria as deficiências das aulas de Educação Física. Pereira (2007) destaca que a dança promove a criatividade e a expressão, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento integral dos praticantes, contribuindo nos aspectos sociais, emocionais e motores. Aos 12 anos, eu era o líder da quadrilha do bairro, dançava como noivo e fazia o papel de marcador da quadrilha. A partir da quadrilha, criamos um grupo de dança para apresentações na igreja e em competições de bairro.

Adentrando o segundo ciclo do Ensino Fundamental, fui para a Escola Estadual Deocleciano Alves Moreira, onde as aulas de Educação Física também tinham um caráter esportivista. Já apresentava algumas habilidades para o esporte devido ao desenvolvimento motor adquirido com a dança. Comecei, então, a me destacar no meio esportivo, integrando as equipes de futsal e voleibol da escola para as disputas de jogos escolares.

Na escola supracitada, construí uma bela relação com os professores e direção, especialmente com a professora de Educação Física. Foi aí que disparou o gatilho de interesse pela carreira docente. Comecei a ser protagonista na unidade escolar, participando do grêmio estudantil, criando um grupo de dança com os alunos e assumindo o treino dos times da escola. Nesse período, comecei a me aproximar da área de estudo da Educação Física.

O Ensino Médio foi cursado na mesma unidade escolar. Foi um período conturbado, marcado por movimentos e paralisações que reivindicavam a reforma do prédio da escola. Essa reivindicação perpassou todo o primeiro ano do Ensino Médio. Já no segundo ano, a escola entrou em reforma, e os alunos foram remanejados para outra unidade escolar próxima. Essa mudança foi extremamente prejudicial para as aulas, pois as salas eram pequenas, defasadas e sem estrutura mínima para um ensino de qualidade. Em especial, a Educação Física foi ainda mais afetada, pois o único espaço disponível para as práticas já era ocupado pelos alunos da escola local. Como estávamos de “favor”, não podíamos utilizar o espaço de forma regular.

Concluí o Ensino Médio no ano de 2016 com a decisão de me tornar professor de Educação Física. Libânia (2004) afirma que optar pela carreira docente, além de adquirir conhecimentos técnicos para o bom ensino, exige vocação para ensinar e inspirar. Além da influência dos professores e de minha vida discente, o fato de o curso ser ofertado pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), no polo da cidade, pesou em minha escolha, pois não queria deixar meus avós, que me criaram, sozinhos.

No ano de 2017, ingressei no curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade do Estado do Pará. Guardo viva a memória do dia do resultado da aprovação. Por um capricho do destino, encontrei-me com um amigo que já estudava na instituição e estava levando os resultados para o local de divulgação. O veículo em que ele estava estragou no percurso e, ao me avistar, pediu que o levasse até a praça, pois já estava atrasado. Chegando no local, ele gritou: “Esse aqui foi aprovado!”. Acabei participando do trote, tive a cabeça raspada e fui exposto a todas as brinca-deiras que um trote proporciona. Confesso que não era mi-

nha intenção participar do evento, mas, ao relembrar com carinho, reconheço que as emoções daquele dia me marcam.

No mês seguinte, iniciei minha graduação em Educação Física. Confesso que, a princípio, me decepcionei com a grade curricular do curso. No primeiro semestre, não tive disciplinas com conteúdos práticos. Comecei então a compreender que a Educação Física era muito maior do que eu imaginava. Darido (2005) defende que a Educação Física deve abordar o movimento humano como uma prática social, preocupada com as dimensões técnicas, estéticas e éticas, visando à formação integral dos indivíduos.”

No primeiro ano da graduação, comprometi-me a ser um professor de Educação Física diferente do que havia sido apresentado. Comecei a trabalhar em uma escola da rede municipal como monitor do programa federal Mais Educação, ministrando aulas no contraturno de danças culturais e capoeira. Permaneci nessa instituição por um ano.

No segundo ano de graduação, fui convidado a assumir outra escola, também como monitor do programa Mais Educação, desta vez na rede estadual. Essa escola tinha grande valor emocional para mim, pois foi onde estudei todo o segundo ciclo do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Assumi nessa escola três turmas de contraturno com o conteúdo “Esportes”. Com o passar dos meses, comecei a atuar como professor substituto dos professores de Educação Física. Com isso, passei a me destacar no curso superior por ter uma certa experiência com a docência. Participei, nesse período, de diversos eventos esportivos e escolares do município, com o intuito de vivenciar amplos campos de atuação.

O terceiro ano de formação foi bem movimentado e mar-

cante para o meu desenvolvimento como docente. Nesse período, ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), coordenado no campus pelo professor doutor Hugo Brito Junior, um grande incentivador da pesquisa e de mudanças positivas na Educação Física. A participação no programa me proporcionou a inserção no mundo das pesquisas e debates acadêmicos, além de uma experiência de prática docente diferenciada das vividas anteriormente. Agora, acompanhava um professor tutor para auxiliar e sanar as dúvidas dentro da sala de aula.

Ministrei, ao longo de um ano e seis meses, o tempo de vigência do programa, aulas nas turmas dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, além dos três anos do Ensino Médio. Com essa experiência, consegui vivenciar o fazer docente em sua totalidade. A única função que não era atribuída aos participantes do programa era o lançamento de notas, mas foi possível aprender as demais responsabilidades do professor.

Ainda no terceiro ano de formação, comecei a fazer parte de um projeto chamado “Agita Conceição”, da Secretaria de Saúde do município de Conceição do Araguaia, em parceria com a universidade, em especial com o curso de Educação Física. O intuito do programa era proporcionar à população, especialmente à porcentagem idosa, a realização de exercícios físicos periódicos. As aulas ocorriam durante toda a semana, com atividades pela manhã e tarde, contemplando exercícios funcionais, ginástica localizada com aparelhos adaptados, hidroginástica e ritmos. Fui professor do referido projeto por quase dois anos.

Devido ao fato de o meu curso ser Licenciatura Plena, permitindo atuação em espaços escolares e não escolares, e ao meu compromisso em me tornar um professor de ex-

celência, fui convidado por um professor da universidade que ministrava uma disciplina optativa de musculação e, na época, era dono de uma academia, para trabalhar no período noturno como instrutor da academia. Foi uma ótima experiência, pois pude me aprimorar na área da musculação, na qual não me sentia confortável para atuar. Desenvolvi-me e aprimorei meus conhecimentos sobre essa área.

Ao adentrar o último ano da graduação, afastei-me de algumas atividades para focar no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Escolhi como tema do meu trabalho a hegemonia do esporte nas aulas de Educação Física, uma problemática que foi um dos meus principais enfrentamentos na graduação, especialmente no PIBID e no estágio supervisionado. Meu TCC foi realizado em dupla, sob a orientação da professora mestra Tamires Muniz. Inicialmente, iríamos realizar uma pesquisa de campo, mas, infelizmente, tivemos que modificar os planos devido à pandemia de COVID-19, período em que houve o fechamento das unidades escolares, impossibilitando a realização da pesquisa de campo. Assim, a pesquisa se caracterizou como bibliográfica.

Logo no início do sétimo período, comecei a realizar provas de concurso público, com o intuito de me preparar para os que viriam após a formatura. Realizei meu primeiro concurso na cidade de Colinas, no estado do Tocantins, e, ao corrigir o gabarito da prova, surpreendi-me com o resultado: fui aprovado, alcançando a terceira colocação. Foi uma grande alegria, mas também um grande susto, pois teria que adiantar minha defesa de TCC para assumir o cargo de professor. Em concordância com minha orientadora e colega de trabalho, começamos a adiantar a produção do trabalho com a intenção de concluir em um tempo menor do que o estabelecido pelo curso.

No mês seguinte à realização do concurso de Colinas, também prestei o concurso de Araguaína, Tocantins. Já aprovado em um concurso, realizei a prova sem grandes expectativas. Confesso que só compareci porque consegui uma carona e um local gratuito para me hospedar. A vida, ou o destino, preparou-me uma grande surpresa e reviravolta nos planos. Devido ao processo do referido concurso ser mais ágil, com resultados rápidos e datas apertadas, fui convocado rapidamente, o que me fez acelerar ainda mais o processo de defesa do TCC para que eu pudesse assumir, no ano de 2021, o cargo de professor de Educação Física dos anos iniciais do Ensino Fundamental no município de Araguaína. Deixei para trás família e amigos, partindo para viver as aventuras e mudanças que a vida nos proporciona.

Citação Poética:

Meu caminho é sem marcos nem paisagens.

E como o conheces? — me perguntarão.

— Por não ter palavras, por não ter imagens.

Nenhum inimigo e nenhum irmão.

Que procuras? — Tudo. Que desejas?

— Nada. Viajo sozinha com o meu coração.

Não ando perdida, mas desencontrada.

Levo o meu rumo na minha mão.

A memória voou da minha fronte.

Voou meu amor, minha imaginação...

Talvez eu morra antes do horizonte.

Memória, amor e o resto, onde estarão?

(Cecília Meireles)

Ao chegar em Araguaína, assumi vinte horas semanais na Escola Municipal Tereza Hilário Ribeiro, uma instituição de grande porte com boa estrutura para as aulas de Educação Física. No primeiro ano, confesso que as dificuldades se apresentaram constantemente: salário baixo, sem nenhum familiar ou amigo. Contudo, não cogitei em momento algum desistir; suportei as adversidades e segui em frente.

Enfrentei alguns problemas com a unidade escolar no primeiro ano, devido à forma como os gestores enxergavam a Educação Física, diferente da minha visão. Surgiram, então, alguns impasses em minhas aulas. Queriam me impor uma Educação Física onde as aulas fossem controladas e as práticas corporais reduzidas a atividades sem grande movimentação, uma mentalidade que eu já não compartilhava há muito tempo. Decidi, então, procurar outros caminhos e me transferi para a Escola Municipal Zeca Barros, uma instituição pequena, sem estrutura física, mas que compreendia a educação e o papel da escola de acordo com minhas convicções.

No ano de 2022, me dediquei aos estudos e à formação continuada. Realizei, no referido ano, duas pós-graduações: uma na área de Educação Inclusiva e outra em Psicomotricidade Humana. No mesmo ano, conheci o Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) e, ainda em 2022, prestei a prova de ingresso no programa, ficando em 9º lugar para oito vagas. Confesso que a frustração me abateu um pouco ao ver o resultado, mas permaneci decidido a conseguir a aprovação no ProEF.

Em 2023, decidido a buscar mudanças, prestei a prova do concurso da SEDUC, com o intuito de dar aulas para turmas maiores, com as quais me identifiquei melhor du-

rante minha formação acadêmica. Fui aprovado no referido concurso. No segundo semestre, dediquei-me aos estudos para o ProEF, focando nas leituras com determinação para alcançar o sonhado e planejado mestrado. Como em tudo na vida, com dedicação, consegui a aprovação para a quinta turma do ProEF, no polo de Miracema. Para minha surpresa, mais dois amigos de Araguaína também foram aprovados, o que tornou as viagens e os estudos mais prazerosos e descontraídos.

Atualmente, estou cursando o primeiro ano do mestrado e me esforçando para aproveitar ao máximo. Confesso que as dificuldades se apresentam diariamente, mas tento me manter centrado em meus objetivos e equilibrar trabalho, família, vida social, lazer e estudos.

Essas histórias me trouxeram até onde me encontro hoje. Refletir sobre elas é desafiador e, ao mesmo tempo, gratificante. Pude perceber que o caminho foi árduo e conturbado, contudo, já consigo colher alguns frutos dessa jornada, especialmente refletidos em minha família e carreira profissional. Acredito que os caminhos ainda apresentarão grandes desafios e surpresas, e, como em todo meu percurso até aqui, eu os abraçarei para superá-los. “O professor, se realmente é um educador, tem que estar disponível para o novo, para o inesperado, para o que ocorre no processo de ensinar e aprender.” (Dermeval Saviani).

Referências:

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. Campinas: Autores Associados, 1984.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: questões e reflexões sobre a prática. São Paulo: Papirus, 2005.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 2004.

PEREIRA, M. S. Dança e desenvolvimento humano: uma abordagem integrada. São Paulo: Cortez, 2007.

NUNES, L. M. Educação Física e esporte: reflexões sobre práticas pedagógicas. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIRELES, Cecília. Despedida. Retrato natural. Disponível em: ARMAZÉM DE TEXTO: POESIA: DESPEDIDA - CECÍLIA MEIRELES - COM GABARITO (armazem-detexto.blogspot.com). Acesso em: 24 set. 2024.

A ESSÊNCIA DO BRINCAR: MEMÓRIAS E CONQUISTAS DE UMA INFÂNCIA SONHADORA

Naiara Cristina Ribeiro Ferreira de Souza

Meu nome é Naiara Cristina Ribeiro Ferreira de Souza, nasci no dia 21 de novembro de 1987 na cidade de Imperatriz, no Maranhão. Venho de uma família simples e humilde. Sou filha de Dona Luiza Ribeiro Ferreira e de seu Raimundo Gomes Ferreira, ambos maranhenses. Minha mãe é natural de Pastos Bons, e meu pai, de Brejo Paraibano. Juntos, constituíram uma família com oito filhos, sendo sete mulheres e um homem, sendo eu a caçula. Após o casamento, em busca de melhores oportunidades, meu pai decidiu mudar-se para Imperatriz, onde nossa família viveu por alguns anos.

Em 1990, meu pai se mudou para Palmas, a nova capital do Tocantins. No entanto, foi apenas em 1991 que ele retornou a Imperatriz para buscar minha mãe e os filhos. Naquele época, eu tinha apenas quatro anos, e por isso me considero palmense de coração, pois foi em Palmas que passei minha infância e construí minhas primeiras memórias. Naquele tempo, a poeira e a escassez de casas favoreciam as brincadeiras na rua, pois havia poucos perigos.

Minha infância foi marcada por momentos alegres e divertidos, repleta de jogos e brincadeiras como esconde-esconde, pega-pega, queimada, pau na lata (também conhecido como taco-na-lata), futebol, brincadeiras de casinha e escolinha, entre outras. Essas atividades não apenas trouxeram alegria para minha infância, mas também plantaram a semente do meu sonho de ser professora. As experiências

lúdicas que vivenciei foram fundamentais para a formação dos meus valores e para o cultivo dos sonhos que me acompanharam até a vida adulta.

Além disso, essas vivências lúdicas se intensificavam nas tardes em que eu e minhas amigas nos reuníamos para brincar de escolinha, onde frequentemente eu assumia o papel de professora. Os tijolos se transformavam em cadeiras e as tábuas de madeira em mesas. Kishimoto (2011, p. 43) ressalta que a brincadeira de faz de conta, também conhecida como simbólica ou de representação de papéis, é a que mais evidencia a presença da situação imaginária. Dessa forma, o brincar foi essencial para minha formação e meu desenvolvimento pessoal.

No final do dia, as crianças da rua se reuniam em frente à minha casa para brincar. Naquela época, brincar na rua era seguro, devido ao amplo espaço e ao baixo tráfego de veículos. Esses momentos de diversão também eram oportunidades de integração e convivência. Como observa Brougère (1998), o brincar é uma prática cultural que, apesar das influências sociais, pode transcender barreiras de gênero, promovendo a socialização entre as crianças. Ao revisitar essas memórias, percebo o quanto as brincadeiras e os jogos populares estiveram presentes em minha vida.

Essas experiências lúdicas na infância tiveram grande influência na minha trajetória escolar. A vivência constante de brincadeiras e jogos moldou minha percepção sobre a importância do brincar na educação. Minha jornada educacional ocorreu em duas escolas públicas de Palmas–TO: a Escola Municipal Paulo Freire, onde estudei da 1^a até a 8^a série, e a Escola Estadual Castro Alves, onde cursei o Ensino Médio. Em ambas as instituições, todas as aulas, incluindo as de Educação Física, eram ministradas no perí-

odo matutino.

Durante a primeira etapa do Ensino Fundamental, da 1^a à 5^a série, tive uma experiência marcante nas aulas de Educação Física. Apesar da Escola Municipal Paulo Freire não possuir uma quadra esportiva, a professora demonstrava comprometimento com sua profissão. Mesmo com as limitações de espaço, já que as aulas eram realizadas no pátio, ela conseguia transformar esses momentos em experiências significativas de aprendizado e diversão.

No entanto, na segunda etapa do Ensino Fundamental, da 6^a até a 8^a série, as aulas de Educação Física passaram a ser conduzidas de maneira mais tradicional, com separação por gênero. Já no Ensino Médio, na Escola Estadual Castro Alves, as aulas eram divididas entre teoria e prática, com foco em esportes específicos, como futsal e voleibol. A quadra descoberta e a falta de orientação pedagógica resultavam em aulas que se limitassem ao “fazer”, sem estabelecer uma conexão significativa com os conceitos teóricos e práticos, conforme destaca Darido (2020).

É importante relatar como outras experiências motoras influenciaram minha decisão de prestar vestibular para o curso de Educação Física. Entre essas experiências, destaco o curso de balé, no qual alcancei o nível 2; o de karatê, no qual conquistei a faixa laranja; e minha participação em um grupo de dança na igreja que frequentava. Essas vivências foram fundamentais para minha formação e tiveram um impacto significativo na minha escolha profissional.

Embora meu sonho sempre tenha sido ser professora, eu ainda não havia definido a área específica em que atuaria. No entanto, ao refletir sobre minhas experiências, percebi que minha relação com o movimento corporal era intensa e natural desde a infância. Essa percepção reforçou minha

decisão de escolher a Educação Física como minha futura área de atuação. Com essa convicção consolidada, conversei com minha mãe sobre minha escolha. Embora ela desejasse que eu cursasse Direito e me tornasse advogada, acabou aceitando minha decisão.

Em dezembro de 2004, inscrevi-me para o vestibular, realizei a prova e, para minha alegria, fui aprovada. Assim, aos 17 anos, iniciei o curso de Educação Física no CEULP/ULBRA – Centro Universitário Luterano de Palmas, dando início ao meu sonho de cursar uma graduação. Inicialmente, meus pais arcaram com os custos do primeiro semestre, o que foi fundamental para o início da minha formação. No entanto, devido ao alto custo das mensalidades, busquei maneiras de ajudá-los com o pagamento.

A solução que encontrei foi me inscrever em uma seleção na própria universidade, onde teria a oportunidade de prestar meus serviços em troca de uma bolsa de 100%. Após me inscrever, participei do processo seletivo e fui aprovada para atuar como secretária do Curso de Letras e Pedagogia. Dessa forma, estudava no período matutino e trabalhava à tarde e à noite. Embora essa rotina fosse pesada e intensa, eu tinha certeza de que, em breve, essa fase passaria e eu conseguiria meu diploma de graduação.

Contudo, mesmo gostando de exercer essa função, percebi que estava perdendo a oportunidade de realizar estágios na minha futura área de atuação. Nesse momento de reflexão, surgiu uma nova chance: o Governo do Estado do Tocantins havia lançado um Programa de Crédito Educativo chamado Proeducar. Ao ter acesso ao edital, percebi que seria uma excelente oportunidade. Fiz minha inscrição para concorrer a um financiamento de 100% e, para minha felicidade, fui contemplada, o que gerou em mim uma grande

satisfação. Por esse motivo, meu estágio como secretária do Curso de Letras e Pedagogia durou apenas seis meses.

Com a conquista desse financiamento, vi a oportunidade de participar ao máximo dos eventos extracurriculares oferecidos pela Universidade, além de me envolver em atividades externas. Com esse tempo disponível, também tive a chance, ao longo da faculdade, de realizar estágios remunerados na minha futura área de atuação, como na Secretaria Municipal de Educação e no SESC – Serviço Social do Comércio.

Na Secretaria Municipal de Educação, atuei em dois projetos distintos: Educação Precoce e Salas Integradas. O projeto Educação Precoce tinha um caráter interdisciplinar, envolvendo profissionais e estagiários de diversas áreas, como Educação Física, Pedagogia, Psicologia e Fonoaudiologia. Seu principal objetivo era propor e desenvolver atividades para crianças nos CMEIs (Centros Municipais de Educação Infantil), com o intuito de auxiliar aquelas que apresentavam algum tipo de atraso no desenvolvimento motor, cognitivo ou social.

O projeto Salas Integradas tinha como objetivo oferecer oficinas de teatro, karatê, dança, educação musical, entre outras, para alunos de algumas escolas do Município de Palmas. Fui selecionada para ministrar uma oficina de dança para um grupo de alunos em uma escola da zona rural. Esses momentos foram valiosos para adquirir conhecimentos e experiências enquanto estudante de Educação Física, pois, para ambos os projetos, precisei realizar estudos adicionais sobre as áreas de atuação.

No SESC - Serviço Social do Comércio, tive a oportunidade de atuar nas áreas de natação infantil e adulta, além da academia. Essas experiências foram essenciais para com-

preender a importância de ser um profissional de Educação Física comprometido em oferecer atividades organizadas e planejadas, visando atender às necessidades dos alunos de maneira eficaz.

À medida que me aproximava do final do curso, tive a oportunidade de estagiar em duas escolas distintas durante as disciplinas de Estágio Supervisionado 1 e 2. No Estágio Supervisionado 1, voltado para as séries iniciais, conheci uma professora dedicada, Val, conhecida como Valrinha, que atualmente é aluna da 2^a turma do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF. Suas aulas eram planejadas e diversificadas, com foco na participação ativa dos alunos em atividades lúdicas e recreativas. Lembro-me de como as brincadeiras e jogos eram conduzidos de maneira envolvente, despertando a alegria nos olhares das crianças. Essa experiência foi fundamental para que eu definisse o tipo de profissional que eu almejava ser.

Por outro lado, durante o Estágio Supervisionado 2, direcionado às séries finais do ensino fundamental, conheci um professor com um perfil diferente. Esse profissional raramente comparecia à escola, e na maioria das vezes, nosso grupo de estágio acabava assumindo as aulas das turmas que ficavam sem docente. González (2020) classifica esse tipo de profissional como o professor “rola-bola”, aquele que não demonstra compromisso com a profissão, além de caracterizar essa situação como um “abandono do trabalho docente” (González, 2013). Essa experiência foi marcante, pois me mostrou o tipo de profissional que eu não queria ser.

Concluí minha graduação em agosto de 2008, aos 20 anos, e a partir de então, comecei a atuar em diversos contextos da Educação Física. Minha primeira experiência

profissional foi como supervisora de esportes no SEST - Serviço Social do Transporte, onde fui responsável pela gestão do espaço de esporte voltado para os trabalhadores do setor de transporte. Embora essa experiência tenha sido enriquecedora, eu ainda sentia que não havia encontrado o meu verdadeiro lugar como profissional. Foi nesse mesmo período, em 2009, que tive a oportunidade de conhecer meu esposo, Fernando. Nosso relacionamento se fortaleceu ao longo dos anos e, em 2011, decidimos nos casar.

Logo após minha experiência no SEST, surgiu uma nova oportunidade. Em 2010, fui aprovada em uma seleção no SESI - Serviço Social da Indústria, onde iniciei uma nova jornada profissional como professora de Ginástica Laboral. Nesse cargo, além de ministrar aulas, também realizei palestras sobre qualidade de vida para os funcionários das empresas parceiras do SESI. Esse período foi bastante gratificante, pois me permitiu aprofundar meus conhecimentos sobre ginástica laboral. A transição para o SESI marcou um novo capítulo na minha trajetória, proporcionando um crescimento pessoal e profissional significativo.

Após apenas seis meses como professora, fui convidada a assumir a Coordenação de Esporte e Lazer no Sistema FIETO - Federação das Indústrias do Estado do Tocantins. Aceitei o desafio e, nessa nova função durante os dois anos em que atuei como coordenadora, de 2010 a 2012, desempenhei algumas funções. Entre as principais, destacam-se a elaboração e implementação de projetos, a organização e coordenação de programas de ginástica laboral, a participação em eventos esportivos em nível regional e nacional, a gestão de metas e objetivos da área, entre outras. Minha atuação no Sistema FIETO também me proporcionou a oportunidade de participar de diversos cursos e eventos promovidos pelo Sistema “S”, o que ampliou consideravel-

mente meus conhecimentos e competências profissionais.

Apesar de todas essas realizações, ainda sentia que faltava algo para completar minha realização profissional. Foi então que decidi perseguir um sonho antigo: tornar-me professora efetiva da Rede Municipal de Palmas-TO. Motivada por esse objetivo, dediquei-me aos estudos e, em 2010, fui aprovada no concurso público da Educação do Município de Palmas. Em dezembro de 2012, tomei posse e fui lotada nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) Contos de Fadas e Chapeuzinho Vermelho.

O primeiro ano como professora foi desafiador. A realidade de estar em sala de aula revelou-se bastante diferente do que eu imaginava. Percebi que a teoria aprendida na graduação não refletia totalmente a prática cotidiana. Diante dessa constatação, senti a necessidade de buscar alternativas que me permitissem contribuir de maneira significativa para a formação das crianças. Foi nas leituras de Kishimoto (1996) que encontrei suporte teórico, especialmente quando ela ressaltava a importância do brincar na Educação Infantil. Inspirada por suas ideias, comecei a integrar atividades lúdicas tanto no planejamento quanto na execução das aulas.

No entanto, a escassez de materiais pedagógicos no CMEI exigiu ainda mais criatividade. Para superar essa limitação, passei a criar brinquedos recicláveis, o que trouxe novas possibilidades para o ensino. Como destaca Kishimoto (2011), o brinquedo desempenha um papel essencial no desenvolvimento infantil, proporcionando oportunidades para explorar, experimentar e aprender de forma lúdica e significativa. Permaneci na Educação Infantil por três anos, de 2012 a 2015, um período repleto de aprendizado. Ministrar aulas de Educação Física para crianças pequenas,

desde o berçário até o 2º período, foi extremamente gratificante. As crianças exploravam cada cantinho do CMEI, e a alegria visível em seus rostos durante as brincadeiras era contagiante.

Durante esse período, fui convidada a ministrar uma oficina no Seminário da Educação Infantil, edição de 2014, com o tema “Jogos, brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil”. Essa oportunidade permitiu-me compartilhar meus conhecimentos e práticas pedagógicas com outros profissionais da área. Entre 2014 e 2015, enquanto atuava como professora de Educação Física nos CMEIs Contos de Fadas e Chapeuzinho Vermelho, aproveitei para realizar minha primeira Pós-Graduação “Latu Sensu” em Educação Física Escolar, pela Faculdade Suldamérica.

Logo após, mudei de Unidade Educacional e fui lotada na Escola de Tempo Integral Anísio Spínola Teixeira, onde permaneci por 8 anos, de 2015 a 2023. Nessa instituição, trabalhei com turmas dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, ministrando a disciplina de Educação Física. Diferente do CMEI, a escola possuía uma infraestrutura ampla, com um bloco de esportes que incluía quadra coberta, sala de dança, sala de lutas, piscinas e sala de jogos de tabuleiro. Esses espaços, bem equipados, facilitaram a elaboração de planejamentos diversificados e a realização de atividades variadas.

Durante meu tempo nesta escola, atuei também como Preceptora do Programa de Residência Pedagógica, sendo bolsista da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), nos anos de 2018 e 2019. Nesse papel, recebi estagiários da ULBRA – Centro Universitário Luterano de Palmas e os acompanhei durante o estágio supervisionado. Essa experiência foi extremamente enri-

quecedora, pois me permitiu contribuir para a formação de vários estagiários do curso de Graduação em Licenciatura em Educação Física da ULBRA.

Paralelamente às minhas atividades profissionais, entre 2022 e 2023, concluí minha segunda Pós-Graduação em Detecção e Desenvolvimento de Talentos Esportivos na Infância e Adolescência, pelo programa DNA do Brasil. Essa especialização acrescentou novos conhecimentos à minha formação e prática pedagógica, complementando minha experiência na área.

Ao longo dos oito anos em que atuei como professora de Educação Física na ETI Anísio Teixeira, vivenciei diversas experiências profissionais, tanto positivas quanto desafadoras. Cada momento, de sucesso e de dificuldade, foram cruciais para meu crescimento e aprimoramento como educadora. As vitórias e realizações me incentivaram a continuar inovando e buscando qualidade na minha prática pedagógica, enquanto os desafios enfrentados serviram como lições, impulsionando-me a encontrar soluções eficazes.

Durante esse período de desenvolvimento profissional, minha vida pessoal foi marcada por um momento de grande alegria e realização. Em 2020, recebi a maravilhosa notícia de que estava grávida. Meu filho, Daniel, nasceu em 2021, trazendo uma felicidade indescritível e tornando minha vida ainda mais completa e significativa. No entanto, apesar de toda essa alegria, não foi fácil conciliar os primeiros anos do meu filho com as responsabilidades de ser mãe, esposa, dona de casa e funcionária pública.

Em 2023, iniciei uma nova jornada profissional na Escola de Tempo Integral Eurídice Ferreira de Mello. Nesse desafio, ministrei aulas de natação para as turmas das séries finais do Ensino Fundamental e, atualmente, leciono

a disciplina de Jogos de Tabuleiro para as turmas dos anos iniciais. Esse período tem sido essencial para ampliar meus conhecimentos e explorar novas áreas de atuação na Educação Física.

Após 15 anos de formada, decidi perseguir um antigo objetivo: tornar-me Mestre. Em 2023, ao acessar o edital do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), percebi que essa era a oportunidade ideal para tentar realizar esse sonho. Fiz minha inscrição e dediquei-me aos estudos, revisando ao máximo os conteúdos previstos no edital. Para minha alegria, fui aprovada no programa, o que me trouxe imensa satisfação e confirmou que essa era a chance perfeita para atualizar e expandir meus conhecimentos.

Com o apoio do meu orientador, professor Dr. Vitor Antônio Cerignoni Coelho, desejo desenvolver meu projeto de pesquisa e elaborar minha dissertação sobre o tema brinqueiras e jogos populares. Acredito que esse objeto de estudo tem grande relevância no campo profissional, pois pode oferecer aos educadores uma contribuição prática ao incluir os jogos populares no currículo escolar, enriquecendo as práticas pedagógicas. Além disso, do ponto de vista social, o trabalho pode ter um impacto significativo, auxiliando na preservação e revitalização da tradição dos jogos populares. Assim, espero concluir o mestrado, continuar contribuindo para a pesquisa acadêmica e aprimorar a qualidade das minhas aulas.

Ao refletir sobre meu memorial, percebo que fui guiada por Deus ao longo de toda a minha trajetória. Apesar dos desafios enfrentados, tenho a certeza de que Ele tem sido meu guia e ajudador, dando-me forças para seguir em frente. Sou profundamente grata ao meu esposo, ao meu filho,

à minha família e a todos que têm me apoiado ao longo dessa caminhada. Concluo este memorial com uma frase que marcou minha vida pessoal e profissional: “A criança que não brinca não é feliz; ao adulto que, quando criança, não brincou, falta-lhe um pedaço no coração” (Ivan Cruz).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BROUGÈRE, Gilles. Jogo e educação. Artmed editora, 1998.

DARIDO, S. C. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. In: ALBUQUERQUE, D. I. de P. Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.28-45.

GONZÁLEZ, F. J. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. In: ALBUQUERQUE, D. I. de P. Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço ao PROEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.130-148.

GONZÁLEZ, F. J. Trabalho e Educação: o papel da Educação Física na atualidade. In: Seminário em Epistemologia e Educação Física e Seminário em formação de professores, 4., 2013. Santa Maria, Anais [...] Santa Maria, maio 2013.

KISHIMOTO, T. M. (Org). Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação. 14. ed. São Paulo, Cortez, 2011.

KISHIMOTO, T. M.. Jogo, brincadeira e a educação física na pré-escola. Motrivivencia, v. 8 , n. 9 , p. 66-77, 1996

ACREDITANDO, SUPERANDO E VENCENDO: TRANSFORMANDO DESAFIOS EM CONQUISTAS.

Raphael Cardoso Fernandes

Permita-me me apresentar antes de embarcarmos nessa viagem histórica. Sou Raphael Cardoso Fernandes, tenho 36 anos, natural de Imperatriz no MA. Casado, pai orgulhoso do Théo, que é uma fonte significativa de inspiração todos os dias. Trabalho como professor nas redes de ensino municipais e privadas com crianças e jovens do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. É com grande prazer que convido você a mergulhar em nossa trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional docente.

A minha vida pessoal sempre foi construída com a permissão de Deus, filho mais velho de Cosme Damião e Georgina Maria, que me deu a oportunidade de ter dois excelentes irmãos, Ricardo Cardoso e Renato Cardoso. Casado com Loorranny Menezes, pai de Théo Coimbra Cardoso, que me permitiu amadurecer e me ensinou grandes lições, como a importância da paciência, do amor incondicional e da responsabilidade. Minha família é algo que me motiva todos os dias a sair de casa e dar o meu melhor, não importa a ocasião.

Durante minha vida acadêmica, ainda jovem ao término do ensino médio não tinha um direcionamento a seguir, cursava o ensino regular durante o turno matutino, no turno vespertino cursava eletromecânica no antigo (Cefet) por indicações de alguns amigos. Apesar de não ter me identificado com a área técnica do curso durante o período de atuação, tive aprendizagens significativas que ainda hoje levo para minha vida. Situado em uma família onde na sua grande parte eram docentes, em um momento in-

formal acabei refletindo sobre uma fala de uma de minhas tias, Maria das Graças do Nascimento Cardoso, mais conhecida como (Tia Gracinha), onde relatou que devido as experiência e envolvimento no meio esportivo poderiam tentar cursar educação física. Guardei aquela fala, e naquele época tinha um professor que tinha um enorme respeito que trabalhava na faculdade que tinha a graduação em educação física, conversei com ele sobre as possibilidades do curso, já tinha vivenciado diversos esportes, nunca fui aquele atleta diferenciado em uma equipe, mas sempre fui muito comprometido e tinha certeza de que estaria pronto para me oportunizar a entrada no mundo da educação física. Conversei com minha família, eu por ser o filho mais velho meus pais ficaram felizes por estar interessado em cursar o ensino superior, me oportunizaram o dinheiro para o pagar a inscrição no vestibular, ainda me lembro saindo mais cedo da escola e direcionando até a UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DO SUL DO MARANHÃO (UNISULMA), instituição privada, com curso de educação física recém-criado, recebia alunos de toda região. Após aprovado, os primeiros semestres foram para entender a importância da fala de Imbernón, onde ele relata que:

A formação inicial deve dotar de uma bagagem sólida nos âmbitos científico, cultural, contextual, psicopedagógica e pessoal que deve capacitar o futuro professor ou professora a assumir a tarefa educativa em toda sua complexidade, atuando reflexivamente com a flexibilidade e o rigor necessários, isto é, apoiando suas ações em uma fundamentação válida para evitar cair no paradoxo de ensinar a não ensinar. (IMBERNÓN, 2002, p.66)

Eu não queria o não ensinar apontado na citação acima para minha carreira, e fortalecido disso, sendo um dos alunos mais novos da turma, tinha muito respeito pelo histórico que os amigos carregavam, era uma oportunidade única observar, conviver e trocar experiências dentro da educação física, para não ser injusto e acabar esquecendo de alguns nomes vou identificar aqui por suas áreas de atuação.



Figura 01: Colônia de Férias

Fonte: Arquivo Pessoal do Autor.

Tínhamos ex-atletas profissionais de futebol iniciando a carreira de treinador, professor campeão sul-americano de voleibol escolar, os amigos do Fitness, aqueles das danças com um talento impecável, claro que o famoso recreador da cidade também estava presente, as lutas também tinham sua representatividade através dos amigos da capoeira e jiu-jitsu. Embora todas essas opções estivessem presentes, ficou faltando representatividade na ginástica, mas isso não foi motivo para todos

nós enfrentarmos os desafios de cada aparelho, no meio disso tudo eu ficava a cada dia mais enraizado na educação física, começava a visualizar as diversas possibilidades de segmentos presentes, gostava de estar dentro de todos os projetos, destaco aqui O PROJETO VINHA que ofertava a crianças e jovens a prática do futebol dentro do centro de treinamento de uma equipe profissional de futebol. Outra vivência importante foi a CONSTRUÇÃO DE RECREIOS DIRIGIDOS em parceria da faculdade com as escolas supervisionadas por um professor, íamos até as escolas da comu-

nidade, realizávamos uma observação, na semana seguinte apresentávamos algumas intervenções possíveis à realidade da escola. Sempre foi muito especial o envolvimento nas COLÔNIAS DE FÉRIAS. Apesar desse amplo repertório, tive um certo apreço pelo ensino dos esportes, especialmente do futsal e voleibol, aquele professor campeão sul-americano fazia questão de nos convidar para acompanhar todo processo de vivências de seus alunos. Tudo isso auxiliou bastante no processo amadurecimento, foram muitas aprendizagens dentro da realidade que teríamos pela frente até chegar à disciplina de estágio supervisionado, que para mim, sem sombra de dúvidas foi onde me encontrei como profissional de educação física. Planejar e executar, mas tinha espaço para improvisar quando algo dava errado. Participamos dos jogos internos universitários, modestamente nossa equipe tinha o nome de Já Ganhou Futebol Clube (JGFC). Ajudamos a construir os primeiros jogos universitários da cidade de Imperatriz, fomos atrás de inscrever a instituição nos jogos universitários maranhenses, participamos de 2 Edições nas modalidades de atletismo, futsal, handebol, voleibol, xadrez e Beach Soccer, modalidade em que eu jogava, o Maranhão sempre teve em desenvolvimento essa modalidade, apesar de ela não ser classificatória para etapas nacionais ela tinha uma competitividade e identificação com o estado bem legal.

Como passo seguinte, ainda como acadêmico, apareceu uma oportunidade através da indicação do professor Waldean Sales de um estágio supervisionado remunerado no SESI-Imperatriz. Fiz uma entrevista e fui selecionado, o SESI naquele período foi uma experiência incrível, contava com um ótimo quadro de professores e eu entendia que naquele momento precisava estar perto de todos eles, passei pela recriação com a melhor referência profissional que tínhamos

na cidade. Aprendi muito, tive a oportunidade de vivenciar a natação, as colônias de férias então eram um momento único, me tornei professor responsável pelas escolinhas de futsal que, apesar de ser apaixonado pela modalidade, tive um período conturbado com a modalidade por conta do novo modelo de trabalho do SESI, onde o esporte passou a ser um serviço adicional. Até a adaptação das família a esse novo formato durou um bom período, vieram muitos questionamentos, é claro dentre eles sempre aparecia aquelas reclamações ao professor novato, eu não gostava, mas me mantinha com o pensamento de entregar o meu melhor a cada nova aula, o contrato era apenas de 6 meses, deu tão certo que ganhamos um aditivo de mais 3 meses até o encerramento do vínculo.

De forma informal, acompanhava os treinos da equipe de futsal da escola estadual Amaral Raposo, também conhecida como (Raposão) como auxiliar técnico, gostava de estar no meio das competições escolares. Por uma infelicidade do destino, o professor titular e grande amigo Genilson Henrique Veio a óbito por problemas de saúde, foi muito difícil aquele momento, pois foi uma pessoa que sempre me oportunizou na educação física sobretudo no esporte escolar. Recebi o convite por parte dos alunos para dar continuidade ao trabalho com a equipe de futsal, fomos até a direção da escola me coloquei à disposição, busquei muitos materiais de estudos, encontrei um banner de uma competição nacional de futsal de base que aconteceria na cidade de balsas a 400 quilômetros de distância. Não pensei duas vezes, peguei estrada para ver de perto as melhores equipes na Taça Brasil de Clubes categoria sub 15, anotava tudo, do aquecimento no início do dia à saída da última equipe eu estava lá. Quando cheguei, eu tentei passar tudo que tinha visto, olhava as anotações do que teríamos que desenvolver

no dia seguinte, participamos de algumas competições, fomos campeões de uma das mais tradicionais competições antes da etapa municipal dos jogos escolares de Imperatriz, conseguimos vaga na etapa estadual, realizamos uma campanha incrível, eliminamos uma das principais equipes da competição, mas fomos superados na grande final do estadual.

Ao conversar com colegas sobre este período e os fatores que nos levaram a nos aproximar de uma competição nacional, percebemos que a escassez de competitividade em um nível mais alto e a dispersão de diversos atletas em diferentes equipes dificultavam o crescimento dos alunos, tanto de forma individual quanto coletiva. Então, decidimos fundar um clube para participar das competições estaduais de futsal, realizamos uma mobilização de alunos em toda a cidade. Assumi a presidência da equipe e junto com mais três professores dividimos as categorias e organizamos a preparação. O resultado foi surpreendente: nos tornamos campeões maranhenses. A continuidade do trabalho do clube, que estava sendo desenvolvido na escola, levou a cidade de Imperatriz a conquistar o título de campeã brasileira de futsal, graças ao excelente trabalho do professor Allisson Albuquerque. Ademais, a persistência desse projeto resultou também na conquista do campeonato estadual sub 20 de futsal, sob a orientação do professor Jackson Sousa.

A minha trajetória e vivências acadêmicas possibilitaram uma construção sólida para o mundo profissional, desde os primeiros anos de estudos atraí-me pela educação, em especial pela educação física, elementos fundamentais para moldar minha perspectiva de atuação. Durante essa caminhada, a paixão pelo ensino se intensificou ao entender o poder transformador da educação. Assim, foram aparecendo as oportunidades profissionais primeiro na rede privada,

com a continuidade dos estudos conseguimos o ingresso no serviço público.

Em conformidade com o pensamento de Couto (1998), “Entrar no mundo profissional implica abandonar alguma segurança feita de apoios sucessivos, decidir sozinho e ter de enfrentar desafios que obrigam a crescer”. Foi assim que nos encorajamos a iniciar a carreira como professor nas redes pública e privada de ensino, com uma trajetória de realização e propósito. É uma missão que me possibilita influenciar diretamente a vida dos meus estudantes, auxiliando no seu desenvolvimento e contribuindo para o futuro da nossa sociedade. Cada aula representa uma chance de aprendizado conjunto, onde a partilha de saberes é o que verdadeiramente marca a diferença.

O início da prática docente me oportunizou o encontro perfeito com a educação, gosto muito da frase de FREIRE, Paulo (2002): “Não há docência sem discência”. É partindo desse pressuposto que procurei traçar desde os primeiros contatos uma relação de respeito e muito compromisso independente da escola, local de atuação ou condições materiais, pois todos são alunos com direitos e deveres em condições de igualdade.

As primeiras de minhas experiências profissionais vieram pelo bom desempenho nas atividades extracurriculares realizadas ainda como acadêmico, sempre disposto estava dentro de tudo, isso me possibilitou começar a entender o universo de oportunidade que temos dentro da educação física.

O Colégio Evangélico Paraíso me oportunizou a primeira oportunidade como professor, o ambiente era muito agradável, pois tinha uma ótima relação da época ainda como aluno que fui daquela instituição com professores, funcionários e toda equipe diretiva. Tinha comigo uma responsabilidade muito grande, pois os momentos que tive de mais marcantes nessa escola enquanto aluno eram as aulas de educação física, que aconteciam todas as sextas-feiras, e agora como professor eu não poderia fazer menos que isso.



Figura 03: Fachada do C. E. Paraíso.

Fonte:

<https://www.colegioparaisoitz.com.br>

Recreação para educação infantil, educação física para o ensino fundamental, além das aulas de esporte de natação e futsal foram nossos objetos de trabalho.

O bom desenvolvimento do trabalho docente possibilitou visibilidade de forma que foram surgindo outras possibilidades de trabalho, o Colégio Santa Luzia foi uma delas. Uma característica interessante desse período era que a escola passava pelo mesmo processo de terceirização do esporte dentro da escola, que tive a oportunidade de viver no Sesi. Logo, não tive dificuldade de responder os questionamentos que iam surgindo, na modalidade de futsal também não tinha dificuldade de aceitação do público como em todos os outros lugares, mas o número interessante era que dentro das minhas aulas de futsal eu tinha mais alunos

do que todas as outras modalidades juntas, voleibol, handebol e basquete. O segredo estava na captação, enquanto os outros professores apenas ministriavam suas aulas de esportes, eu estava na escola em diálogo com o professor de educação física, sempre que tinha um intervalo eu estava lá, fazendo alguma atividade com bola, um jogo reduzido para que os alunos tivessem acesso à modalidade, como também eu melhorar meu relacionamento com os demais alunos.

Durante a continuidade dessa jornada surgiu um desafio de trabalhar o xadrez no Complexo Educacional Dom Bosco, instituição que ainda mantenho vínculo empregatício vigente. A escola tem a disciplina enxadrística no currículo do 1º ano ao 8º ano do ensino fundamental, meu desafio era assumir essa disciplina, tive um contato básico com a modalidade enquanto acadêmico em um projeto de extensão, mas nada parecido com transformar o xadrez em conteúdos pedagógicos durante todo o ano letivo.

Passei também por outras funções, ministrei aulas de educação física, participei das escolinhas de futsal, conheci muito das lutas, especialmente o judô, modalidade esportiva bem desenvolvida dentro da escola. Com uma equipe de profissionais excelente e ao lado de grandes professores conquistamos algumas vezes o título de campeão geral dos jogos escolares de Imperatriz, e algo inédito na edição de



Figura 04: Equipe de Profissionais de Educação Física Dom Bosco Imperatriz, Campeão Geral do Jem's, 2013.

Fonte: Arquivo pessoal do autor

40 anos dos jogos Escolares Maranhenses, fomos campeões gerais do estado. Fomos medalhistas nas modalidades de judô, futsal, badminton, damas e basquete. Atualmente ministro aulas de xadrez do 3º ao 8º ano do ensino fundamental e voleibol nas escolinhas de esportes de base.

Com mais experiência e determinado a entrar na carreira do ensino público, consegui ser aprovado em um concurso de provas e títulos na cidade de João Lisboa - MA, onde ainda mantenho laços. Também tive a oportunidade de ser selecionado na cidade de Açaílândia - MA, situada a 70 quilômetros de onde moro, ministrei aulas lá por dois anos. Foram diversas idas e vindas até que decidi pedir exoneração, após ser aprovado em um novo concurso, agora para a cidade de Imperatriz – MA.

A minha história no município de João Lisboa-MA foi construída lentamente e me sinto orgulhoso de cada etapa, pois considero que foi um período de crescimento e amadurecimento necessários. Ao chegar ao município, iniciei minhas atividades em uma escola localizada na zona rural, onde nos reuníamos com outros profissionais para participar de eventos promovidos pela secretaria de educação ou prefeitura municipal. Alguns anos depois, consegui uma transferência para a sede do município, onde prossegui com meu trabalho na disciplina de educação física. Gradualmente, percebi uma tendência em utilizar o esporte educacional para atender aos objetivos da educação física e às necessidades da comunidade escolar e baseado no pensamento de Neira, Lima e Nunes (2012), onde: reconhecer e respeitar a diversidade cultural nos espaços escolares é, sobretudo, assumir que vivemos em uma sociedade multicultural onde a construção das diferenças acontece a todo momento. Assim, começamos a trabalhar com futsal, com o qual já tinha certa afinidade. Porém, muitos alunos acabavam sem

participar pela falta de afinidade. Para superar essa problemática implantei os aulões com uma diversidade maior de opções, a exemplo do atletismo, ciclismo, damas, tênis de mesa e xadrez. Os resultados disso foram surpreendentes, logo conseguimos oportunizar uma quantidade significativa de alunos que não participavam das aulas, isso possibilitou uma adesão significativa aos jogos escolares municipais, tinha algumas modalidades que classificavam direto para a fase final dos jogos escolares maranhense, destaco aqui o ciclismo infantil feminino, que na nossa primeira participação fomos coroados com a classificação para etapa nacional a ser realizada em Natal-RN.

Conquistei a vaga de professor na delegação maranhense nos jogos da juventude, o que representou um marco na minha carreira profissional, uma vez que era a primeira vez que uma aluna da rede municipal de João Lisboa participava de uma etapa nacional. Outro ponto que ficou marcado nesse período foi que a aluna não possuía uma bicicleta no padrão speed.

Diante dessa situação, decidi comprar uma bicicleta para manter os treinos da aluna para a etapa seguinte. Com esse gesto e empenho em nossas aulas, recebi o título de professor destaque do ano, isso me motivou a me aprofundar na busca por qualificação na modalidade, destaco os cursos ofertados pelo (COB). Conquistei nos anos seguintes vagas para outros alunos, gradualmente fomos ganhando



Figura 05: delegação de João Lisboa - Ma nos jogos da juventude - Curitiba-PR.

Fonte: Arquivo pessoal do autor

investimentos, novas bicicletas, rolos de treinos, sapatinhas dentre outros materiais ofertados pelo município, o que possibilitou o desenvolvimento de mais alunos. O crescimento foi tanto que chegamos a participar de 7 edições seguidas dos jogos da juventude, lembro de algumas, em especial na cidade de João Pessoa-PB, Londrina-PR, Fortaleza-CE e em Curitiba-PR. 5 anos depois da primeira conquista, todos os representantes maranhenses da modalidade de ciclismo eram nossos alunos, recebi o título de cidadão João-Lisboense ofertado pela então vereadora em exercício Eva Magna, pessoa que tenho muito apreço e admiração, esse fato guardo em meu coração até hoje, recebi o convite para compor a Secretaria Municipal de Educação na pasta de educação, fisica mas naquele período entendia que não era o meu momento, eu precisava me qualificar mais sobre gestão para poder atuar naquele segmento. Continuamos o desenvolvimento do trabalho, buscando conhecer gradualmente a funcionalidade pública, realizamos o feito de conquistar as primeiras medalhas maranhenses na modalidade de ciclismo, até resolver dar uma diminuída na intensidade para cuidar das questões familiares.

Como salienta Neira, Lima e Nunes (2012), reconhecer e respeitar a diversidade cultural nos espaços escolares é, sobretudo, assumir que vivemos em uma sociedade multicultural, onde a construção das diferenças acontece a todo momento.

Veio a pandemia COVID-19, uma lacuna enorme para educação, como também para a educação física. Conforme apontam Xiao e Liu (2020), a necessidade de respostas rápidas em crise demonstrou que o setor educacional possui poucas iniciativas produzidas especificamente para ambientes escolares. Com isso, o município precisava de uma pessoa para orientar o ensino adotado durante aquele

período de aulas online, momento que me coloquei à disposição, nos reunimos de forma remota, traçamos as estratégias, decidimos sobre os conteúdos a serem abordados, e elaborarmos uma cartilha de atividades teóricas e práticas para ser enviado aos alunos da rede municipal. Até passarmos por esse momento conturbado, aceitei o convite para continuar na função após o período de isolamento, apresentei aos gestores uma planilha de ações a serem desenvolvidas baseados em 3 (três) eixos na busca por fortalecer o ensino e aprendizagem da disciplina de educação física, onde no 1º eixo abordamos sobre a formação continuada de professores, no 2º eixo a entrega de materiais esportivos a serem utilizados nas aulas, importante destacar que nesse período observamos a importância de destinar materiais que tivessem uma vida útil maior, amenizando essa situação até o recebimento de nova remessa, o 3º eixo foi a realização de festivais em diferentes esportes buscando meios de oportunizar aos alunos novas experiências. Ao ponto de que observamos avanços significativos na área, também reconhecemos que ainda temos muito caminho a ser percorrido como melhorias nos quadros de profissionais e melhores condições estruturais em escolas.

O ingresso na docência do ensino superior tive uma rápida passagem, sendo 6 meses em uma instituição e 1 ano em outra, não gostaria de relatar seus nomes, pois apesar de ter sido uma experiência exitosa no sentido do encontro profissional, eu não tive uma boa impressão do retorno financeiro, fato esse que me fez estar em constante reflexão durante esse período de atuação em ambas as instituições. Eu solicitei desligamento por compreender as dificuldades que encontra o ensino superior presencial atualmente, como aponta: ----- dentro dessa perspectiva, as instituições encontraram um formato para se manter organizando turmas e

disciplinas em conjuntos para diferentes períodos. Mas ainda não avançaram no sentido de manter condições salariais aos profissionais.

Ser professor no ensino público de imperatriz foi primeiro uma realização pessoal, eu desejava ter imensamente a chance de contribuir com a educação e, especialmente, com a educação física da cidade onde nasci. Passei por algumas escolas até receber o convite para compor o quadro de supervisão da Secretaria Municipal de Educação através do professor Pedro Antônio, assumimos esse desafio com muita responsabilidade ao lado do professor Sandro Medeiros, coordenador de educação física do município naquele período. Realizamos um levantamento em todas as escolas da rede municipal, catalogando todo o material, estrutura física e equipe de professores, a realidade encontrada foi preocupante, logo as condições eram mínimas para o desenvolvimento da disciplina. Montamos processo licitatório para aquisição de materiais esportivos, foi bem complicado, pois como os valores eram altos para atender as mais de 70 escolas do ensino fundamental do 6º ao 9º ano, tivemos alguns entraves, mas que foram superados através do diálogo com nossos superiores, falando da importância desse recurso para o desenvolvimento da disciplina de educação física. Promovemos a capacitação para professores, inclusive fiz parte do quadro de profissionais responsáveis por essas capacitações pois compartilhamos da fala de Gadotti, onde ele relata:

A formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações tecnológicas (GADOTTI, 2008, p.41).

Aliado ao processo de formação, adquirimos livros di-

dáticos para que alunos e professores pudessem estabelecer uma conexão entre teoria e prática, implementamos algumas medidas relacionadas ao esporte escolar, como horas excedentes para professores que desejassem trabalhar com modalidades esportivas no contra turno escolar, criamos um calendário de festivais nas modalidades de handebol, voleibol, badminton e atletismo, promovemos a continuidade das participações de alunos em eventos ao nível municipal, estadual e nacional, tendo vários alunos atletas alcançado resultados significativos. Por razões pessoais, tive que me afastar da função. Retornei ao ensino na escola e após ter conhecimento do edital de seleção de mestrado (PROEF), consegui a aprovação por insistência e acreditamos que era viável ingressar no programa. Fiz a prova três vezes, na primeira não tive êxito. Na segunda oportunidade fiquei como excedente até a consolidação na terceira. Atualmente, faço parte da turma 05 da UFT Campos Miracema. Dividir minhas atividades laborais e encontrar condições para os encontros presenciais não tem sido uma tarefa fácil, mas tenho plena convicção de que podemos superar quaisquer obstáculos para continuar avançando diariamente.

REFERÊNCIAS:

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: formar se para a mudança e a incerteza. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

COUTO, C. (1998). Professor: O Início da Prática Profissional. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

FREIRE, Paulo. Não há docência sem discência. 2002.

MAZZONI, A. V. Futebol americano: borrando fronteiras. In NEIRA, M.G.: LIMA, M. E: NUNES, M. L. F. (orgs.). Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática. São Paulo: FEUSP, 2012.

XIAO, Chunchen and Yi Li. 2020. Análise sobre a influência da epidemia na educação na China.: DAS, Veena; KHAN, Naveeda (ed.). Covid-19 and Student Focused Concerns: Threats and Possibilities, American Ethnologist website. Disponível em: <https://americanethnologist.org/features/collections/covid-19-and-student-focused-concerns-threats-and-possibilities/analysis-on-the-influence-of-epidemic-on-education-in-china>. Acesso em: 20 setembro 2024.

GADOTTI, M. Boniteza de um sonho: Ensinar e Aprender com sentido. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2008. (Escola Cidadã; 2).

Memórias de uma jornada educativa: reflexões sobre a vida, o ensino e a educação física.

Ricardo Souza de Brito

Meu nome é Ricardo Souza de Brito, nasci no dia 22 de fevereiro de 1985 na cidade de Alagoinhas–BA, mas passei minha infância em um lugarejo na beira do Rio Grande, chamado Jupaguá, distrito localizado no município de Cotelândia–BA. Estudei na Escola José Paraguassu Guerreiro da 1^a à 4^a série do Ensino Fundamental, uma unidade escolar humilde, com muitas vivências e histórias de práticas corporais, mesmo não sendo contemplado com aulas e professores de Educação Física. A Educação Física, conforme apontado por Bracht (1999), não deve ser entendida apenas como atividade prática, mas também como espaço de reflexão sobre a cultura corporal, o que reflete a importância dessas experiências informais que vivenciei.

O momento mais esperado era o toque do sino que anunciava a hora do recreio (intervalo), momento em que jogávamos futebol com balizas feitas de sandálias ou tijolos em um retângulo de terra batida entre o muro e o prédio da escola. Nesse espaço, não existia a regra de lateral, bons tempos. Quando ninguém levava a bola “dente de leite” para o futebol, a diversão ficava por conta do pega-pega ou brincávamos com bolas de gude (bila). As meninas brincavam de queimada (baleado) ou pular-elástico.

Figura 1 – Torneio de 07 de setembro



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Entre os anos de 1991 e 1996, que compreendem minha vida escolar nos anos iniciais do ensino fundamental, pude experimentar inúmeras brincadeiras e jogos populares dentro da escola e, principalmente, nas ruas e quintais dos amigos de infância. Durante esse período, algumas brincadeiras surgiam em determinadas épocas do ano, como as estações. Havia o brinquedo pião, que era confeccionado artesanalmente pelos adultos da nossa comunidade. A madeira mais utilizada era a goiabeira. Essa brincadeira envolvia alguns riscos devido ao prego colocado na ponta do brinquedo. Após pronto, bastava uma corda (fibra) de 50 centímetros e encontrar outra criança para jogar os piões.

Grassi (2008) argumenta que o brincar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil, não devendo ser encarado apenas como uma atividade de distração ou passatempo. Através das brincadeiras, as crianças têm a oportunidade de criar suas próprias teorias sobre o mundo, explorando e interpretando suas experiências, sentimentos, relações e a própria vida. Nesse processo, elas experimentam, descobrem, inventam, exercitam e validam suas habilidades.

No segundo semestre, com os ventos, era a época das pipas. Lembro-me que confeccionávamos nossas pipas com tala de coqueiro, barbante e sacos plásticos. Quando iniciavam as chuvas, ressurgiam as bolas de gude (bila), pois fazíamos buracos no chão molhado, afundando os calcanhares no solo para fazer as três casas (top) e iniciar a brincadeira. Também havia a variação em que se depositavam bolas de gude em um círculo, e jogávamos o bolão em direção a uma linha (risco) feita no chão para ver quem seria o primeiro a tentar retirar as gudes do círculo. Dentre tantas brincadeiras e brinquedos, vou citar os que mais faziam a diversão da garotada: bandeirinha, bet, golzinho, além de confeccionar brinquedos com barro (argila), como bois e cavalos, que eram os mais criados pela turma.

Figura 3 - Plão



Fonte: Google Images

Figura 2 – Jogo de Gude (Bila)



Fonte: Google Imagens

As ruas naquela época não eram pavimentadas, e, sempre que chegava o período chuvoso, nossa turma confeccionava barcos de papel para soltá-los nas enxurradas que desciam pelas ladeiras após a chuva.

De acordo com Vago (2009), brincadeiras populares como o jogo de bolas de gude e a confecção de pipas fazem parte do patrimônio cultural infantil, expressando a criatividade das crianças e sua interação com o mundo e os pares, além de contribuírem para o desenvolvimento físico, social e cultural.

Em fevereiro de 1997, minha avó Clarinda Angélica da

Silva Brito pediu aos meus pais para que eu fosse morar com ela na cidade de São Félix do Coribe–BA, onde poderia ter uma educação de melhor qualidade, pois a cidade era mais desenvolvida. Fui matriculado no Colégio Estadual Professor Valdir de Araújo Castro, onde estudei da 5^a série do ensino fundamental até o 4^o ano do Ensino Médio Modalidade Normal (Magistério).

Figura 4 – Colégio Estadual Prof. Valdir de Araújo Castro



Fonte: Google Imagens

O colégio não tinha quadra de esportes; nossas aulas de Educação Física eram realizadas no campo de futebol ou na quadra de esportes da praça que ficava próxima. As turmas eram divididas por gênero. As meninas participavam de voleibol ou queimada, e os meninos jogavam futebol ou futsal. Tínhamos duas aulas por semana, sendo uma teórica em sala e uma prática. A aula prática iniciava às 6h da manhã. No dia da aula prática, era corrido, pois tínhamos que estar de volta ao colégio às 8h.

No segundo semestre de 1997, comecei a frequentar a escolinha de futebol da AABB de Santa Maria da Vitória, município vizinho que fica no outro lado do Rio Corrente. Eu e alguns colegas percorríamos, duas vezes por semana, cerca de 3 km até a AABB. Foi um período bem legal, pois disputávamos amistosos e torneios locais, além de partici-

par de competições em cidades vizinhas.

À tarde, sempre tínhamos os “babas” (futebol) na quadra de esportes ou na quadra de areia à beira do Rio Corrente. A única quadra coberta ficava no Ginásio de Esportes de Santa Maria da Vitória. Em 2000, fiz parte do Peñarol, uma equipe de futsal da cidade, mantida e patrocinada por Anderson, um dentista amante do esporte. Os treinos ocorriam de 2 a 3 vezes por semana, e, pelo menos uma vez por mês, jogávamos em cidades vizinhas. Disputamos vários campeonatos e torneios entre os anos 2000 e 2001. Bons tempos!

Em 2001, por influência de uma professora de história, permaneci no Colégio Estadual Professor Valdir de Araújo Castro, onde havia apenas o curso de Ensino Médio Modalidade Normal (Magistério), com duração de quatro anos. Minha turma da 1^a série tinha 38 mulheres e apenas 7 homens. Poucos de nós seguiríamos a carreira docente. No mesmo período, comecei a trabalhar como atendente em um depósito de gás de cozinha, onde entrava às 6h30 e saía às 12h30. Era corrido, pois as aulas começavam às 13h30.

Durante esse período, precisei sair da equipe de futsal, pois não tinha o mesmo tempo de antes para treinar. Mesmo assim, continuei a jogar nos “babas” dos funcionários da empresa, que aconteciam duas vezes por semana à noite. Nos finais de semana, sempre havia torneios ou campeonatos na região.

Os próximos quatro anos não seriam fáceis, pois eu precisava conciliar trabalho, estudo e lazer. Durante os três primeiros anos do curso, tivemos aulas de metodologias e práticas de como confeccionar materiais para utilizar em brincadeiras e jogos no futuro estágio. No quarto ano, começamos o estágio, com a observação, coparticipação e, por fim, a regência. No percurso do estágio, alguns colegas me ajudaram bastante, principalmente na confecção de materiais e na elaboração dos

planos de aula. Fiz o estágio em uma turma de 4^a série no período noturno na Escola Municipal Leônidas de Araújo Castro. Em dezembro de 2004, participei da formatura e recebi o diploma de Ensino Médio Modalidade Normal (Magistério). Eu saía dali como um futuro professor.

Em janeiro de 2005, recebi um convite de um tio, vice-prefeito no município de Cotelipe, para trabalhar como professor no distrito de Jupaguá, voltando então a morar com meus pais. Retornei ao lugarejo onde passei minha infância para lecionar as disciplinas de Ciências, História e Educação Física. Nos primeiros meses, foi difícil trabalhar com três disciplinas tão distintas. Mesmo ganhando um bom salário para a realidade local, meu pensamento era fazer uma licenciatura (faculdade). No segundo semestre, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e os vestibulares da Universidade Estadual da Bahia (UNEBA), concorrendo para o curso de Biologia, e da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde me inscrevi para História. Nesse período, também me inscrevi em cinco cursos superiores com a nota do ENEM no PROUNI. Após a divulgação dos resultados dos vestibulares e, sem sucesso, decidi largar o emprego em Jupaguá e me mudar para Barreiras, a fim de me preparar melhor para os próximos vestibulares e o ENEM.

Em fevereiro de 2006, fui morar em Barreiras-BA, visando fazer algum cursinho pré-vestibular. Conseguí um emprego em uma papelaria, trabalhando como vendedor e entregador. Nesse período, dividia o aluguel de uma casa com mais quatro amigos. No dia 2 de agosto de 2006, feriado municipal na cidade de Barreiras, ao acessar meu e-mail em uma lan house, recebi um comunicado do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA), informando que eu havia sido contemplado com uma bolsa integral do PROUNI para o curso de licenciatura em Educação Física.

No mesmo dia, liguei para meus pais e minha avó Clarinda para dar a notícia da bolsa integral que tinha conseguido em Palmas. Após conversar com eles, arrumei minha bolsa, comprei uma passagem na Transbrasiliana e embarquei para Palmas para comparecer ao CEULP/ULBRA, entregar a documentação e fazer a matrícula no curso. Após a efetivação da matrícula, me hospedei em um hotel na Aureny III até conseguir alugar uma quitinete.

No final de agosto de 2006, fui em busca de um emprego para custear minhas despesas durante o curso. Na busca, consegui um estágio na Secretaria Municipal de Esportes, para atuar no Projeto Esporte e Lazer da Cidade, onde trabalhei como recreador na feira coberta do Aureny III. O estágio foi bem relevante, pois estava relacionado com o curso. Essa vivência reforçou minha paixão pela Educação Física, e percebi que essa escolha mudaria minha vida de forma significativa. O problema foi a questão do pagamento, que demorou três meses para ser efetivado. Minha trajetória acadêmica foi marcada por desafios financeiros e pela adaptação a um novo ambiente.

No decorrer da graduação, enfrentei dificuldades, mas mantive o foco em minha formação. Em 2007, no terceiro período do curso, nasceu minha filha Maria Clara, um evento que, embora desafiador, me deu ainda mais motivação para continuar meus estudos. Como Freire (1996, p. 67) nos ensina: “A educação não transforma o mundo. A educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo.” Esse pensamento me acompanhou e reforçou minha crença na importância da educação em minha vida.

Em março de 2007, consegui um emprego em uma loja de materiais de construção, onde trabalhei como auxiliar de escritório. Esse período foi cansativo, pois saía da loja direto para a faculdade. No mesmo ano, participei de um processo seleti-

vo da Secretaria de Assistência Social para o cargo de Educador Social do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). Em janeiro de 2008, fui convocado para trabalhar no PETI da Aureny III, onde permaneci até dezembro de 2009.

Após me formar, no dia 22 de fevereiro de 2010, passei por diversas experiências profissionais que consolidaram minha trajetória na Educação Física. Inicialmente, trabalhei como contratado temporário na Escola Municipal Eurides Santana, no município de Barreiras. No mês de abril, fiz o concurso para professor de Educação Física no município de São Desidério-BA, onde fui aprovado, tomando posse em julho para atuar no distrito de Roda Velha, na Escola Waldeck Ornelas. Em dezembro de 2010, fiz o concurso para professor de Educação Física da Prefeitura de Luís Eduardo Magalhães-BA, sendo aprovado e tomando posse em fevereiro de 2011, na Escola Municipal Aldori Luiz.

Em janeiro de 2012, pedi vacância nos concursos de São Desidério e Luís Eduardo Magalhães para tomar posse no concurso da Secretaria Estadual de Educação do Tocantins, sendo lotado na cidade de Nova Olinda, onde permaneci até julho de 2014. Nesse período, busquei especializações, concluindo meu primeiro curso de Lato Sensu em Treinamento Desportivo. Minha atuação como professor sempre buscou integrar os princípios republicanos da educação física escolar, que, segundo Fensterseifer (2013), deve contribuir para a formação de cidadãos críticos e autônomos.

González (2010) ressalta que a educação física escolar pode ser uma ferramenta importante na formação da cidadania, contribuindo para a socialização e o desenvolvimento de habilidades de convivência e cooperação.

Em julho de 2014, consegui minha remoção para a cidade de Dianópolis, onde assumi o cargo de técnico de desporto

na Diretoria Regional de Ensino, permanecendo até junho de 2015. Nesse período, fui convidado para compor a chapa de Delegado Sindical do Sindicato dos Profissionais de Educação Física no Tocantins (SINPEF), onde concorri à eleição e permaneci no cargo até dezembro de 2023.

Em 2015, passei no vestibular da Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) para o curso de Direito, concluindo o bacharelado em dezembro de 2020. O curso foi de suma importância, pois pude ampliar meus conhecimentos na área jurídica. Após a conclusão do curso, não tive interesse em fazer o exame da OAB.

Atuei também como Professor da Escolinha de Futebol da Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB) de Dianópolis de abril de 2018 a dezembro de 2023. Nesse período trabalhei com crianças e adolescentes com idades entre 06 e 14 anos, tendo minha filha caçula Anna Sofia como aluna na turminha do Sub 08.

Figura 4 – Turma do Futebol sub 08 da AABB



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Durante a pandemia de 2021, decidi ampliar meus conhecimentos, cursando uma segunda especialização em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica (DocentEPT) pelo Instituto Federal do Espírito Santo, além de concluir a segunda licenciatura em Pedagogia pela Intervale. Essas formações adicionais refletiram meu compromisso contínuo com o desenvolvimento profissional e acadêmico, além de minha busca por contribuir cada vez mais com a educação.

Segundo Fensterseifer e González (2013), a formação do professor é um processo contínuo, que não se encerra com a conclusão de cursos formais, mas se estende ao longo de toda a trajetória profissional, permitindo uma constante reformulação de práticas e saberes pedagógicos.

Entre 2022 e 2023, cursei disciplinas como aluno especial em Mestrados em Educação da Universidade Federal do Tocantins (UFT), e, em 2024, fui aprovado no Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Esta conquista representa para mim não apenas o cumprimento de uma meta, mas a continuidade de uma jornada de aprendizado e aperfeiçoamento. Nesse período, fiz novamente o concurso para professor de Educação Física da Rede Estadual do Tocantins, sendo aprovado e tomando posse para mais 20 horas no Centro de Ensino Médio Antônio Póvoa, em Dianópolis.

No mestrado, pretendo pesquisar sobre “A Educação Física Escolar como Alternativa no Combate ao Sedentarismo em Estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental do Centro de Ensino Médio Antônio Póvoa: Uma Proposta de Intervenção com a Utilização de Exercícios Funcionais.” Esta investigação se alinha à minha crença no poder transformador da Educação Física, que, como menciona Darido

(2007), “pode contribuir significativamente para a formação integral dos estudantes, promovendo a saúde, o desenvolvimento cognitivo e a socialização”.

Este memorial não é apenas uma narrativa de eventos, mas um reflexo do meu compromisso com a educação e meu desejo constante de crescimento pessoal e profissional. Agradeço a oportunidade de compartilhar minha história e espero contribuir positivamente para o avanço do conhecimento na área da Educação Física.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, Valter. Educação Física & Ciência: Cenas de um Casamento (In)Feliz. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
- DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física Escolar e a Questão de Gênero. In: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL MASSO, M. C. S. (Orgs.). Desafios da Educação Física Escolar: Temáticas da Formação em Serviço no ProEF. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 149-163.
- FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Desafios da Legitimização da Educação Física na Escola Republicana. *Horizontes – Revista de Educação*, Dourados, MS, v. 1, n. 2, p. 33-42, 2013.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física Escolar: Entre o ‘Não Mais’ e o ‘Ainda Não’. *Cadernos de Formação RBCE*, Porto Alegre, RS, v. 1, n. 2, p. 10-21, 2010.
- GRASSI, T. M. Oficinas Psicopedagógicas. IBPEX, Curitiba, n. 2º, 2008.
- VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a Educação Física na Escola: Para uma Formação Cultural da Infância e da Juventude. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, n. 1, p. 25-42, 2009.

Raízes no esporte, dedicação à educação: Uma trajetória em construção de um professor de Educação Física.

Varllys de Oliveira Moura

Meu nome é Varllys de Oliveira Moura, tenho 27 anos e sou natural de Araguaína-TO, onde também resido. Filho de Erinalda Maria Silva de Oliveira e Valdemar da Silva Moura, tenho um irmão chamado Vinícius de Oliveira Moura que foi o meu parceiro de infância e juventude, fundamental nas minhas interações e primeiras etapas de socialização e aprendizado. Cresci em um ambiente que me proporcionou uma infância feliz e ativa, e acredito que isso foi determinante para minha personalidade e qualidade de vida.

Atualmente, sou professor de Educação Física em minha cidade. Sempre estive profundamente envolvido com esportes e atividades físicas, e desde cedo já despertava em mim o interesse pela educação física e o esporte, levando-me a escolher a Educação Física como minha profissão futuramente.

Desde a minha infância, sempre estive envolvido com o esporte e atividades físicas, o que gradualmente me aproximou da Educação Física. Cresci jogando futsal e futebol nas ruas, quadras e nos campos de Araguaína, participando de campeonatos na cidade e na escola. Durante o ensino fundamental fase inicial e final estudei na Escola Paroquial Luiz Augusto, onde tive contato com a educação física e os primeiros treinamentos e competições. Além dos esportes organizados, a minha infância foi repleta de brincadeiras diversas, que iam desde corridas até jogos que envolviam muita movimentação. Essas atividades não apenas me proporcionaram momentos de diversão, mas também foram

fundamentais para o meu desenvolvimento motor e social. O ato de brincar é fundamental para o desenvolvimento motor, cognitivo e social da criança, oferecendo oportunidades importantes de aprendizado e o conhecimento sobre ela mesma (KISHIMOTO, 2011).

O esporte, nessa fase inicial da vida, representava mais do que uma simples prática, ele era uma forma de construir laços, aprender sobre trabalho em equipe e desenvolver disciplina. Essa imersão no esporte desde cedo plantou a semente do interesse que, anos mais tarde, me levaria a escolher a Educação Física como minha profissão. A prática de atividades físicas no ambiente escolar deve ser entendida como uma ferramenta não apenas para o desenvolvimento das capacidades motoras, mas também como um espaço para a formação de valores e atitudes importantes para o convívio social (BETTI, 1991).

Durante minha fase infantojuvenil, tive a oportunidade de atuar em escolinhas de futebol na cidade de Araguaína, onde comecei a perceber o impacto positivo que o esporte pode ter na vida das crianças e adolescentes. Participar de campeonatos de futsal e futebol tanto na escola quanto na comunidade local foi uma experiência que moldou minha visão sobre a importância do esporte na formação de jovens. Para Darido e Rangel (2005), a educação física, ao passo que promove o movimento, ajuda o aluno a conhecer e compreender melhor seu próprio corpo, promovendo melhoria de suas capacidades e contribuindo para uma formação integral. Esses primeiros passos no mundo esportivo e o contato com a educação física na escola foram essenciais para despertar a paixão que, eventualmente, guiaria minha carreira acadêmica e profissional, e me formasse um cidadão melhor.

Em minha adolescência, meu envolvimento com esportes continuou a crescer. Porém, houve um breve período em que me afastei das atividades físicas, trocando as quadras e campos pelos jogos eletrônicos. Essa fase de afastamento, apesar de curto, me fez perceber a diferença que a prática regular de atividades físicas fazia na minha vida. Sentia falta da energia, das amizades e dos desafios que o esporte proporcionava. No final do ensino médio, que iniciei e conclui no Colégio Estadual Guilherme Dourado, retomei as práticas de atividades físicas e esportes com maior frequência. Esse retorno foi decisivo, pois me reaproximou daquilo que sempre me trouxe satisfação e bem-estar.

Essa redescoberta do esporte foi crucial para a minha decisão de ingressar no curso de Educação Física. Compreendi então, que o esporte tinha um papel muito mais amplo do que o simples ato de movimentar-se, ele era uma ferramenta poderosa de transformação pessoal. Essa percepção me levou a escolher a Educação Física como campo de estudo, com a convicção de que poderia ajudar outras pessoas a encontrar nos esportes os mesmos benefícios que eu havia experimentado ao longo da minha vida.

Minha jornada acadêmica na Educação Física começou em 2015, quando ingressei na turma 22 do curso de Educação Física no Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos, como estudante bolsista do Prouni. Durante os anos de graduação, me dediquei intensamente à compreensão das bases científicas que sustentam a Educação Física, desde a anatomia e fisiologia humanas até a biomecânica e a pedagogia do movimento. Essa formação me permitiu expandir meus horizontes e desenvolver uma visão crítica e aprofundada sobre o papel que a Educação Física desempenha na sociedade.

Um aspecto fundamental dessa formação foram os estágios realizados durante a faculdade. Esses estágios acrescentaram significativamente à minha formação, trazendo uma vivência mais real do que é a educação. Através dessas experiências, pude comparar a teoria dos planejamentos de aula com a prática em sala de aula, além de observar como os desafios podem ser diversos dentro de um ambiente escolar. Foi um período de grande aprendizado, que me preparou para enfrentar as complexidades e as demandas do cotidiano escolar.

Foi durante essa fase da minha vida acadêmica que desenvolvi um interesse particular pelo desenvolvimento motor. Esse tema, que inicialmente surgiu como uma curiosidade, logo se tornou o foco do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No meu TCC, investiguei o perfil motor dos alunos de uma escola em Araguaína-TO, buscando compreender como as habilidades motoras das crianças estavam sendo desenvolvidas e quais fatores poderiam estar influenciando esse processo. Essa pesquisa foi fundamental para consolidar meu interesse na área e para direcionar minha futura atuação profissional.

Após a conclusão da minha graduação no final de 2018, percebi que ainda havia muito a ser explorado e aprendido. Com isso, decidi continuar minha formação, ingressando na pós-graduação em Educação Física e Psicomotricidade pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera. Esse período foi fundamental para meu crescimento profissional, pois me proporcionou um entendimento mais profundo sobre as interações entre corpo e mente, e como essas interações influenciam o desenvolvimento global do indivíduo.

A psicomotricidade, em particular, tornou-se uma área de grande interesse para mim. Ela me ofereceu ferramentas

para compreender melhor os processos de aprendizagem e desenvolvimento motor das crianças, possibilitando que eu pudesse contribuir de forma mais efetiva para o crescimento e o bem-estar dos meus alunos.

Entrei na educação através de um concurso público do município de Araguaína-TO, realizado em 2019, onde fiquei em 4º lugar no processo seletivo para professores de Educação Física. Meu padrasto Maxçuel Ferreira Xavier foi o grande incentivador para que eu me inscrevesse no concurso, além disso, foi um grande mentor para meu crescimento pessoal e formação como cidadão. No início do ano de 2020 ficamos sabendo da minha aprovação, foi um momento feliz e comemoramos juntos. Pouco tempo depois ele veio a falecer por conta da Covid-19, porém seu legado permanece forte e seus ensinamentos seguem firmes em minha mente.

Em 2021, iniciei minha atuação nas escolas como professor efetivo, meu trabalho começou em duas escolas do município, sendo uma delas a Escola Municipal José Gomes Sobrinho, localizada em um bairro carente de Araguaína. Essa experiência teve um impacto profundo na minha carreira docente. Trabalhar em uma escola situada em um bairro de alta vulnerabilidade social me aproximou das realidades difíceis que muitas crianças enfrentam diariamente. Essa vivência me fez refletir profundamente sobre as oportunidades e as diversas realidades que influenciam todos os aspectos da vida das crianças, especialmente no campo psicológico. A escola desempenha um papel fundamental na promoção do desenvolvimento integral da criança, ajudando-a a enfrentar desafios e a construir um ambiente propício ao seu crescimento pessoal, social e emocional (LIBÂNEO, 2005).

Na Escola José Gomes Sobrinho, deparei-me com situações de extrema dificuldade, como alunos que chegavam à escola com muita fome, alguns sem se alimentar por mais de 24 horas, outros exibindo sinais de maus-tratos, higiene pessoal precária e privação de sono devido às condições adversas em suas casas.

Essas realidades tristes e dolorosas trouxeram uma nova dimensão para meu trabalho como educador, me fazendo repensar o papel da escola e do professor na vida dessas crianças. Ao mesmo tempo, fui testemunha da resiliência de muitos desses alunos, que, apesar das adversidades, conseguiam se relacionar de maneira saudável dentro da escola. Para muitos deles, a escola representava um refúgio, um lugar onde, mesmo que por alguns instantes, podiam escapar da dura realidade de suas casas e bairros. Esses momentos de superação, ainda que breves, são um testemunho poderoso da capacidade de resiliência das crianças e reforçam a importância de um ambiente escolar acolhedor e seguro.

Posteriormente, fui para a Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda, onde continuei minha atuação como professor de Educação Física. Um dos grandes desafios que enfrento no cotidiano da docência é a limitação de espaço e materiais para as aulas. A realidade das escolas do município de Araguaína frequentemente exige que o professor se adapte e reestruture suas aulas para atender as demandas dos alunos, mesmo sem dispor de uma quadra em condições básicas de uso ou de materiais esportivos suficientes.

Esse contexto me obrigou a ser criativo e resiliente, encontrando maneiras inovadoras de manter as atividades engajantes e educativas, apesar das restrições físicas e logísticas. Meu trabalho na escola vai além das aulas tradicionais de Educação Física. Procuro integrar atividades que

desenvolvam não apenas as habilidades motoras das crianças, mas também suas capacidades cognitivas, emocionais e sociais.

Acredito que a Educação Física pode e deve ser uma ferramenta para a formação integral do indivíduo, promovendo valores como a cooperação, o respeito e a superação de desafios. O papel do professor de Educação Física deve ser o de facilitador no processo de ensino-aprendizagem, promovendo práticas que estimulem a autonomia e a participação ativa dos alunos nas atividades propostas (FREIRE, 1997).

Motivado pelo desejo de continuar me aprimorando e contribuir ainda mais para o campo da Educação Física, iniciei meu mestrado em 2024. Fiquei sabendo sobre o mestrado através de colegas da educação e, após me inscrever, fiz a prova e consegui aprovação para o programa. O curso é um Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), realizado no polo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Atualmente, estou na fase de elaboração do projeto de pesquisa, com o tema Perfil motor, nível de atividade física, estado de saúde, e desempenho acadêmico em crianças do ensino fundamental I. Este momento da minha pesquisa é um momento crucial onde estou consolidando as bases teóricas e metodológicas que guiarão o estudo.

As aulas e encontros presenciais do mestrado têm sido extremamente enriquecedoras, proporcionando reflexões profundas sobre os desafios enfrentados na Educação Física escolar em Araguaína e outras regiões do estado. Além disso, essas experiências têm mostrado caminhos práticos para superar os obstáculos diários que surgem devido à falta de infraestrutura e recursos, oferecendo estratégias que podem

ser aplicadas tanto no ambiente escolar quanto em futuras pesquisas.

Fora do ambiente escolar, valorizo profundamente minha vida pessoal e as conexões que mantenho com minha família, amigos e a comunidade ao meu redor. Sou casado a dois anos com Karoliny Mendonça da Silva Moura, uma mulher incrível que me aproxima de Deus e me faz amar cada etapa e momento da vida, com parceria e amor. Acredito que essa parceria é fundamental para meu equilíbrio e sucesso, tanto na vida profissional quanto pessoal. Sou um defensor da ideia de que, para ser um bom educador, é preciso cuidar da própria saúde mental e bem-estar, mantendo um equilíbrio saudável entre vida profissional e pessoal.

Minha participação na igreja é algo que de imediato não me trazia muita empolgação, mas sempre ao final de cada evento realizado na igreja me sinto bem e agradecido por colaborar na vida de pessoas que servem e vivem para Deus. Acredito que meu trabalho como educador físico pode servir também para abençoar a minha comunidade e igreja. Por isso, participo sempre que possível dos eventos da igreja, onde procuro incentivar a prática de atividades físicas e promover a saúde e o bem-estar entre os membros da comunidade. Essas atividades me permitem unir minha fé e minha profissão, contribuindo para o crescimento espiritual e físico das pessoas ao meu redor.

Além disso, encontro na natureza uma fonte de paz e renovação. Atividades como a pescaria, trilhas em morros e cachoeiras, e a prática de esportes são momentos de reconexão comigo mesmo e com minha saúde. Esses momentos me permitem recarregar as energias e voltar ao trabalho com uma perspectiva renovada, sempre buscando oferecer o melhor para meus alunos.

Olhar para minha trajetória até agora me enche de gratidão e orgulho. Cada passo dado, cada desafio superado, me moldou como profissional e como pessoa. Acredito firmemente que o aprendizado é um processo contínuo e que, como educador, tenho a responsabilidade de continuar me aperfeiçoando para oferecer sempre o melhor para meus alunos.

Por fim, tenho como principal objetivo continuar inspirando e influenciando positivamente a vida das crianças e jovens que passam pelas minhas aulas, ajudando-os a desenvolver não apenas suas capacidades físicas, mas também seu caráter e suas habilidades sociais. Estou comprometido em ser um agente de mudança na vida dos meus alunos, colegas e na comunidade em que vivo, e espero continuar a trilhar esse caminho com dedicação e paixão pela Educação Física.

REFERÊNCIAS:

BETTI, Mauro. Educação Física e Sociedade. São Paulo: Movimento, 1991.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Ivana de Oliveira. Educação Física na Escola: Implicações para a Prática Pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S. C. Educação Física na escola questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

FREIRE, João Batista. Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1997.

KISHIMOTO, Tizuko Morschida (Org). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14^a ed. São Paulo, Cortez, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização. São Paulo: Cortez, 2005.

SOBRE O ORGANIZADOR

Ruhena Kelber Abrão Ferreira.

Graduado em Pedagogia e Educação Física (FURG). Pós Doutor em Políticas Públicas (UMC) e em Educação (UFT). Doutor em Educação em Ciências e Saúde (UFRGS). Mestre em Educação Física (UFPel). Especialista em Psicologia de grupos e desenvolvimento de equipes (IECC). Tratamento dos Transtornos de Ansiedade e Síndrome do Pânico (IEEC) Neurociências Cognitivas e Processos Psicológicos (IECC).. Professor Adjunto III da Universidade Federal do Tocantins (UFT) lecionando na graduação em Educação Física e Psicologia. Coordenador e Professor Permanente junto ao mestrado profissional em Educação Física e no Doutorado em Educação na Amazônia. Bolsista em Produtividade e Pesquisa (FAP). Presidente da Editora Universitária da UFT (EDUFT). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas de Currículos Educacionais das/para/com minorias sociais nortistas amazonidas (GEPCE/Minorias) e HEALth, pHYSical activity and Behavior ReseArch (Healthy--BRA) group. Foi Diretor Interino do Câmpus Universitário de Miracema (2021), vice diretor em substituição do Câmpus de Miracema gestão (2017-2021). Assessor Técnico junto a rede TOPAMA - Ministério da Saúde e UFT. (2019-2023). Desde 2008 atua no Ensino Superior. Tem experiência na área da docência e gestão na Educação e Saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: Infâncias, Formação de profissionais para a docência, Estudos do Lazer, Educação especial, inclusiva e adaptada, bem como Gestão, Planejamento, Políticas Públicas em Saúde e Ciclos de vida

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Ana Carolina Correia da Silva Rabelo

Possui licenciatura plena em Educação Física pela Fundação UNIRG (2004). Especialista em Treinamento Desportivo pela Universidade Salgado de Oliveira (2006). Especialista em Gestão Educacional (2012) pela Fundação Universa/ Universidade Católica de Brasília. Especialista em Educação Física Escolar (2013) pela Faculdade Suldamérica. Especialista em Educação Física com Ênfase no Esporte (2022) pela Faculdade do Norte Novo de Apucanana. Tem experiência na área de Educação Física escolar e em Gestão Escolar. Atualmente é Professora de Educação Física da ETI Anísio Spínola Teixeira. Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) pela Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Ana Rachel da Silva e Silva

Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (2009), especialista em Educação Física Escolar e Educação em Administração Escolar. Atualmente é servidora da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins. Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) pela Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Caio Vinicius Freitas De Alcântara

Possui graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (2020), especialista em fisiologia do exercício pelo Centro Universitário Leonardo Davinci (UNIASSELVI) e em educação especial pela Faculdade INTERVALE. Atualmente é servidor da Secretaria de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC-TO). Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) pela Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Cleidiane Lima Ferreira

Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (2010), especialista em Planejamento, Implementação e Gestão em Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (2016), possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Pará (2017), especialista em Treinamento Desportivo pelo Centro Universitário Leonardo Davinci (UNIASSELVI) (2020). Atualmente é servidora efetiva da Rede Municipal de Dom Eliseu, Pará. Integrante do Grupo de Investigação Pedagógica em Educação Física (GIPEF) - 2024. Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) pela Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Daiane de Freitas Moreira

Possui graduação em licenciatura pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (2008). Especialista em educação física escolar pelo Centro Universitário Internacional (2016).

Atualmente é Professora de educação Física efetiva desde 29 de setembro de 2010, atua nas escolas municipais Francisca Brandão Ramalho e Degraus do saber. Mestranda do programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) pela universidade estadual do Tocantins – UFT.

Hitalo Matos Feitosa

Possui Bacharelado em Direito pela Faculdade Católica Dom Orione (2018), graduação em Formação pedagógica para portadores de ensino superior - Pedagogia pelo Centro Universitário da Grande Dourados (2020), graduação em Educação Física - Licenciatura pelo Centro Universitário Venda Nova do Imigrante (2023). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Intervale, especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Intervale, especialista em Gestão e Organização da Escola com Ênfase em Direção Escolar pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), especialista em Educação Física Escolar com Ênfase na Educação Infantil pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Atualmente atua como professor efetivo no município de Araguaína-TO. Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em rede nacional (ProEF) pela Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Lindenberg Bastos Borba

Possui graduação em Educação Física pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNITPAC), especialização pela Faculdade ÚNICA de Ipatinga em Educação Física Escolar. Tem experiência na área de Educação Física escolar no Ensino Fundamental e Médio. Atualmente é professor de Educação Física da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Palmas – TO. Atua na Escola de Tempo Integral Anísio Spínola Teixeira. Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em rede nacional (ProEF) pela Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Marcos Vinicius Oliveira Pinheiro

Graduado em licenciatura plena em Educação Física pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), especialista em Educação Física e Educação Inclusiva pela Faculdade do leste mineiro, especialista em Educação Física e psicomotricidade pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), atualmente efetivo na rede de ensino municipal e estadual no município de Araguaína-TO. Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em rede nacional (ProEF) pela Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Naiara Cristina Ribeiro Ferreira de Souza

Graduada em Educação Física pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (2008) . Especialista em Educação Física Escolar pela Faculdade SulDamérica (2015). Espe-

cialista em Detecção e Desenvolvimento de Talentos Esportivos na Infância e Adolescência, pelo Programa DNA do Brasil (2023). Foi supervisora de Esportes do SEST - Serviço Social do Transporte (2008-2009). Professora de Ginástica Laboral do Sesi - Serviço Social da Indústria (2010) e Supervisora de Esporte e Lazer da FIETO - Federação das Indústrias do Estado do Tocantins (2010-2012). Atuei como preceptora do Programa Residência Pedagógica da Capes (2018-2019). Atualmente é professora efetiva de Educação Física da Rede Municipal de Palmas, onde atua desde 2012. Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) pela Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Raphael Cardoso Fernandes

Graduado em Educação Física Pela UNISULMA (2010). Especialista em educação física escolar ESEA (2012) Atualmente professor efetivo na rede municipal de ensino de Imperatriz - Ma. Coordenador de educação física no município de João Lisboa - Ma. Possui experiência em Gestão. Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) pela Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Ricardo Souza de Brito

Licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (2009). Bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Tocantins (2020). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Intervale (2021) Possui

Especialização em Treinamento Desportivo pela Faculdade do Noroeste de Minas - FINOM (2012). Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Colatina (2021). Atualmente é professor efetivo - Secretaria da Educação e Cultura do Tocantins. Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em rede nacional (ProEF) pela Universidade Federal do Tocantins – UFT.

Varllys de Oliveira Moura

Possui graduação em Educação Física pelo Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (UNITPAC), especialista em Educação Física e Psicomotricidade. Atualmente professor de Educação Física em duas unidades, Escola Municipal Aurélio Buarque de Holanda e Escola Municipal Zeca Barros, ambas do município de Araguaína-TO. Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em rede nacional (ProEF) pela Universidade Federal do Tocantins – UFT.